

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE LITERATURA BRASILEIRA

ALINE NOGUEIRA MARQUES

*CAMINHOS DA CRIAÇÃO:
CATÁLOGO ANALÍTICO DOS DOSSIÊS LITERÁRIOS COM
EXEMPLARES DE TRABALHO DE MÁRIO DE ANDRADE*

SÃO PAULO

2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE LITERATURA BRASILEIRA

*Caminhos da criação: catálogo analítico dos dossiês literários com
exemplares de trabalho de Mário de Andrade*

Aline Nogueira Marques

Bolsista CNPq

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

SÃO PAULO

2009

Para minha avó, Alda

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Marcos Moraes, pelo cuidado durante a orientação conduzida sempre com muita atenção e zelo, acima de tudo.

À Profa. Dra. Telê Ancona Lopez pela generosidade no caminho de aprendizado percorrido dia-a-dia. Por me ajudar a entender o verdadeiro significado da Literatura.

À Profa. Dra. Cecília Almeida Salles, pelas sugestões valiosas, no exame de qualificação, para o aprimoramento do trabalho.

Aos Profs. Drs. Antonio Dimas, Flávia Toni, Yêdda Dias Lima e Gabriela Kvacek Bettela pelo constante apoio, incentivo e encorajamento.

Aos mestres do início da vida escolar: dona Olga, dona Odetinha, dona Sara, e os de mais tarde: Sandra, Fabiana, Luis Henrique, Pina e Amelinha que despertaram o amor pela literatura e pela língua portuguesa.

Meus agradecimentos aos funcionários do Instituto de Estudos Brasileiros. Do Arquivo: Maria Izilda, Maria Helena, Maria Cecília e Mônica. À Equipe de Lúcia Thomé, do Restauro; aos da Biblioteca, Maria Itália, com quem tudo começou, Márcia Pilnik, Flora, Márcia Dias, Diva e Lívia; aos do Setor de digitalização e reprografia, Denis, Rosana, Breno, Pedro, Marilda, Iracema; ao André, ao Cason e ao Renato da Informática e aos da Coleção de Artes, Bianca, Dori, Leonildo e estagiários. Aos funcionários do Apoio ao Ensino, da Difusão e aos de setores administrativos, muito obrigada por me atenderem quando precisei.

Aos colegas da Equipe Mário de Andrade: Ângela Grillo, Flávio Corrêa, Lilian Escorel, Maria Silvia Barsalini, Marina Sá, Paulo Cunha e Tatiana Figueiredo.

Aos, acima de tudo, amigos Denis, Fernanda, Mônica, Bianca e Elly que colaboraram para que meu trabalho se realizasse de maneira mais leve.

Ao querido Julio Caio Velloso, pelo olhar sofisticado sobre o catálogo e pelas palavras carinhosas em momentos de angústia.

Ao meu pai, Agostinho, e à minha mãe, Creuseli, pelo amor. Por acreditarem nos meus estudos e apoiarem a vida acadêmica.

Ao meu irmão, Marcelo, por existir e trazer a Mariana.

Aos de casa, tia Su, Neto, Carla, Luís, Renan, Artur, Tânia, Cristiane, Rodrigo e Cledimel por compreenderem as ausências.

Ao Beto, pelo acolhimento e pela firmeza das palavras no momento certo.

À família Nicolau, dona Maria, seu Pedro, Vânia, Valdir e a pequena Giulia.

Aos queridos Cláudio e Sandra, exemplo de família, segurança de se ter com quem contar, por estarem ao meu lado, na torcida.

Aos amigos, Erica, Roberto, André, Alexandre, Gilberto, Nelson, Leila, Fernanda, Vanessa, Bô e Elizabeth, pelo apoio e incentivo de sempre e a todos os outros amigos, por terem compreendido minha ausência e minhas faltas durante a fase final deste trabalho.

À Neia, pela companhia diária, de vida, pelo carinho, pela dedicação e pela rigorosa revisão deste trabalho.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

... é incontestável que sou um sujeito muito consciente do que faço. É sempre possível que eu esteja fazendo mais, ou também menos, ou mesmo outra coisa do que pretendo fazer, mas a verdade é que toda a minha obra e meus gestos estão sob o signo do Querer.

Mário de Andrade, 24-III-42

RESUMO

Esta dissertação de mestrado compreende o estudo e a organização dos dossiês dos manuscritos literários com exemplares de trabalho, como parcela do catálogo analítico (*catalogue raisonné*) da série Manuscritos do Arquivo Mário de Andrade, proposto pelo projeto temático FAPESP/ IEB-USP/ FFLCH-USP, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, coordenado pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez. Nesta parcela, os dossiês de *A escrava que não é Isaura*, *Amar, verbo intransitivo*, *Belazarte/Os contos de Belazarte*, *Macunaíma*, *o herói sem nenhum caráter*, *Os filhos da Candinha*, *Poesias* e *Obra imatura*, compostos de notas de trabalho, planos, esboços e versões em autógrafos, datiloscritos e exemplares de trabalho, isto é, versões resultantes da justaposição de rasuras autógrafas ao texto impresso (editado), são ordenados, submetidos à análise documentária e codicológica, bem como interpretados, à luz da crítica genética.

Palavras-chave: Mário de Andrade, manuscritos literários, processo de criação, “exemplares de trabalho”, modernismo brasileiro.

ABSTRACT

This master degree dissertation comprises the study and organization of the dossiers of literary manuscripts with author's annotated copies, as part of the analytic catalogue (*catalogue raisonné*) from the series "Manuscripts of Mário de Andrade's Archive", proposed by the thematic project FAPESP/ IEB-USP/ FFLCH-USP named "Study on Mário de Andrade's process of creation in manuscripts of his Archive, in his correspondence, in his marginalia and in his readings, coordinated by Dr Telê Ancona Lopez. This part of the project presents the dossiers of *A escrava que não é Isaura*, *Amar, verbo intransitivo*, *Belazarte/Os contos de Belazarte*, *Macunaíma*, *o herói sem nenhum caráter*, *Os filhos da Candinha*, *Poesias* and *Obra imatura*. These dossiers comprise notes from the author, planes, drafts and handwriting versions, author's typewriting versions and author's annotated copies (resultant versions derived from juxtapositions of handwritten erasures in the edited text), that are ordered, submitted to the documental and codicological analysis, as well as interpreted, based on genetic criticism.

Keywords: Mário de Andrade, literary manuscripts, process of creation, "author's annotated copies", Brazilian Modernism.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	I
1. <i>Os dossiês de manuscritos com exemplares de trabalho e o processo criativo de Mário de Andrade na literatura</i>	I
2. Exemplares de trabalho: <i>work in progress</i> ”	VIII
II. CATÁLOGO ANALÍTICO DOS DOSSIÊS LITERÁRIOS COM EXEMPLARES DE TRABALHO DE MÁRIO DE ANDRADE	1
1. <i>A escrava que não é Isaura</i>	2
2. <i>Amar, verbo intransitivo</i>	12
3. <i>Belazarte/Os contos de Belazarte</i>	22
4. <i>Macunaíma, o herói sem nenhum caráter</i>	32
5. <i>Os filhos da Candinha</i>	48
6. <i>Poesias</i>	62
7. <i>Obra imatura</i>	69
III. BIBLIOGRAFIA	74

I. INTRODUÇÃO

1. *Os dossiês de manuscritos com exemplares de trabalho e o processo criativo de Mário de Andrade na literatura.*

Em 2 de dezembro de 1943, o *Diário de S. Paulo* estampa a importante entrevista de Mário da Silva Brito, “Uma excursão pelo fichário de Macunaíma – reedições, novas obras e planos de futuros trabalhos de Mário de Andrade – o mais organizado intelectual do Brasil”. O jovem repórter, que tivera o privilégio de percorrer a casa do escritor à rua Lopes Chaves, 546, Barra Funda, dá contas, aos leitores, do acervo visitado:

Havia muitas coisas para ver e aprender. Por exemplo: um fichário em que se trancam tantas horas de estudo e de paciência. Se há homem organizado entre nós, intelectual que trabalha com método e leva uma vida inteiramente dedicada ao seu mister, esse é Mário de Andrade. [...] Um mundo de conhecimentos. De saber rigoroso. De estudos que ninguém imaginou se pudesse fazer.¹

Esse “mundo de conhecimentos”, espelhado em uma enorme biblioteca, bem como, no imenso volume documental armazenado na residência de Mário de Andrade, tesouro resultante de toda uma vida de estudioso e artista, aponta para o bibliófilo e o intelectual consciente da importância do acervo construído. Mário de Andrade conjuga naquele espaço o privado e o público, quando generosamente o compartilha com pesquisadores, sobretudo com os jovens, como se vê na carta que remeteu a Paulo Duarte, em 23 de abril de 1943:

¹ ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Organização, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983, p. 93.

Neste momento em que lhe escrevo, 16 horas desta Sexta-Feira Santa, estou aqui cheio de universitários mineiros que vieram ver minhas coisas. Cada um está pra seu lado, mexendo em livro, lendo meus contos inéditos, mexendo na minha coleção de desenhos. São gente que veio pras Olimpíadas Universitárias e ando com a casa cheia de moços, dia e noite.²

Mário pretendia que depois de seu falecimento, seu acervo, composto de biblioteca, arquivo e coleção de obras de artes plásticas, assim como de peças do folclore, se tornasse institucionalmente público, conforme escreve a Sérgio Buarque de Holanda, em 15 de setembro de 1942: “Acresce que deixo tudo pro Estado, Biblioteca Municipal, não deixo pra família.”³ Não fez testamento, mas reafirmou sua vontade, em 22 de março de 1944, ao irmão mais velho, Carlos de Moraes Andrade em “carta-testamento”: “Dôo apenas porque nunca colecionei pra mim, mas imaginando me constituir apenas salvaguarda de obras, valores e livros que pertencem ao público, ao meu país, ao pouso que eu gastei e me gastou.”⁴ A morte súbita levou Mário de Andrade aos 51 anos, em 25 de fevereiro de 1945, e o fundo de sua propriedade foi cuidadosamente conservado por sua família, na casa da Barra Funda, até ser adquirido, em 1968, pelo Governo do Estado, para a Universidade de São Paulo, que deu a ele o destino definitivo: o patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros desta universidade pública.

² DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: EDART, 1971, p. 265.

³ Documento no arquivo Sérgio Buarque de Holanda – CEDAE/UNICAMP. *Apud* MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *Manuscrito de outros escritores no arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo*. São Paulo: Linear B; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008, p. 11. (Coleção Dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

⁴ ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, um pouco*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1974, p. 35.

A organização dos documentos, feita conforme as necessidades de Mário de Andrade, na casa dele, ao passar para o IEB, não correspondia, evidentemente, a uma organização comprometida com os fundamentos da Arquivística e da Biblioteconomia, tecnicamente atualizada. No caso dos documentos do arquivo, a classificação demandava, sobretudo, conhecimento da história literária, e, quanto aos manuscritos, conhecimentos de codicologia e crítica genética para a disponibilização dos mesmos à consulta pública. A organização do arquivo resultou de projetos coordenados pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, a partir do decênio de 1970, com recursos da FAPESP, do CNPq, do BID e da VITAE.

Identificadas, as diversas séries do arquivo receberam classificação. Entre elas, a série Manuscritos Mário de Andrade está sendo objeto de uma reclassificação minuciosa, instrumentada inclusive pela crítica genética, no projeto temático FAPESP/IEB/FFLCH (2007-2010), *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, da Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, tendo como coordenadores colaboradores os Profs. Drs. Marcos Antonio de Moraes e Flávia Camargo Toni (IEB-USP).

A série Manuscritos Mário de Andrade é formada por 124 títulos em dossiês, compostos pela pesquisa, que congregam documentos que dizem respeito ao processo criativo do polígrafo, abrangendo as áreas de literatura – ficção, poesia, crônica, teoria e crítica literária – folclore, música, estética e artes plásticas. Materializa-se em dossiês compostos de versões de textos – integrais e parciais – notas de trabalho ou notas prévias, esboços e planos, em autógrafos, datiloscritos e exemplares de trabalho que somam mais de 5 mil fólios.

Os autógrafos mostram-se em tinta preta e grafite, com rasuras nos mesmos instrumentos de escrita e, muitas vezes, com notas que são informações adicionais ou lembretes, também traçados à mão, denominadas Notas MA pela pesquisa. Os datiloscritos originais ou em cópia carbono, quando advém do trabalho direto do escritor, portam sua marca inconfundível. Mário, datilógrafo sempre engolfado na sua criação, pouco atento a erros que brotavam, geralmente, do rápido e – pode-se aventar –, até frenético martelar das teclas, quase sempre desconhecia margens, e jamais rasurava como seus contemporâneos que batiam repetidamente a letra x sobre palavras ou trechos a serem modificados; ele os recobria com uma sucessão de cifrões. Quanto aos “exemplares de trabalho”, expressão cunhada pelo próprio Mário de Andrade, correspondem ao manuscrito que se origina da justaposição de rasuras a tinta ou a grafite ao texto impresso, com a finalidade de refundi-lo, criando uma nova versão e portanto, um novo manuscrito. Nos dossiês, os instrumentos da escrita – grafite, lápis vermelho ou azul, caneta de pena ou tinteiro, máquina de escrever –, quase sempre se juntam nas versões, planos, esboços e notas prévias, bem como nas rasuras. Destaca-se, nas Notas MA, o então chamado “lápis de professor”, com uma extremidade azul e outra vermelha, que se ligava, de certo, às atividades de educador no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, também desempenhadas pelo poeta e romancista.

A série Manuscritos Mário de Andrade oferece bem pouco – raros, de fato –, documentos vinculados aos arquivos da criação de livros por ele publicados em vida: uma ou outra nota prévia. Complementa-se na série Matérias extraídas de periódicos, pois na parcela que ali reúne a produção jornalística do escritor signatário do arquivo, localizam-se exemplares de trabalho de dois contos de *Belazarte*, crônicas, além de poemas que têm a ver com a poesia de *Paulicéia desvairada* (São Paulo: ed. do autor na

Casa Mayença, 1922)⁵. Além disso, no que tange a essa questão, a marginalia de Mário guarda anotações, versos e mesmo versões de trechos da prosa e da poesia editada durante a vida de seu criador. A verdade é que, na referida série, com exceção dos exemplares de trabalho, o que existe são dossiês de inéditos – obras em que o trabalho foi interrompido, desmembrado, transferido ou ficou inacabado.

Segundo Telê Ancona Lopez:

[...] o estudioso que declina fielmente suas fontes, o intelectual que luta na defesa do patrimônio histórico e artístico nacional e cuida muito bem de seu acervo vive uma curiosa contradição. Zela a memória e curva-se à fantasia. Escritor que multiplica seus livros, seus textos em periódicos, e poeta que se multiplica em suas máscaras, tenta, contudo, apagar os sinais da realidade do seu trabalho de artista, teórico, crítico e historiador da literatura e das artes, musicólogo e etnógrafo. Em sua casa da rua Lopes Chaves, em São Paulo, desaparecem esboços, notas, versões, dossiês completos da criação; a ela não retornam originais entregues às gráficas. Anseia talvez extinguir os vestígios da minúcia e da pesquisa intensa, nas notas preparatórias; da luta renhida com a escritura – hesitações, mudanças de rumo, avanços e recuos – visíveis nos manuscritos de tudo que deixou inédito. Privilegia um passado de referências temporais restrito à construção nas lembranças, na subjetividade, montagem passível de enganos, como o que coloca a exposição de Anita Malfatti não em 1917, mas em 1915.⁶

⁵ Aspectos estudados por Telê Ancona Lopez em “Mário de Andrade, cronista do modernismo: 1920-21”. In: ANDRADE, Mário de. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade, 1920-1921*. Ed. prep. por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Editora Senac São Paulo/SESC São Paulo, 2004, p. 9-67.

⁶ LOPEZ, Telê Ancona. “Os manuscritos na marginalia de Mário de Andrade”. Palestra a sair nos *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*, 2008.

Não se encontram, portanto, no Arquivo Mário de Andrade, fólios concernentes a planos, esboços, notas prévias ou versões de texto integral da poesia, da ficção ou do ensaio, antecedendo a edição *princeps* dos livros cuja publicação foi testemunhada pelo autor até 1944. Mas, ao destruir documentos, acontecia, às vezes, Mário salvar parcelas, fragmentos, para presentear amigos. As páginas de *Macunaíma*, datadas de 1926, 1927 e 1928, por ele oferecidas ao arquiteto Luís Saia, bem demonstram o descarte operado.⁷

O escritor poupa, todavia, seus exemplares de trabalho, possivelmente na intenção de promover o confronto com o texto nas novas tiragens, o que pouco fez, conforme se conclui quando se coteja, por exemplo, determinadas rasuras no exemplar de trabalho de *Amar, verbo intransitivo* ou no de *Macunaíma*, e as segundas edições. Respeita-os como livros que encaminha à sua biblioteca, de onde a pesquisa os tem retirado, pois desenham um novo manuscrito, para figurar na série Manuscritos Mário de Andrade, relatado cada caso. A preservação dos exemplares de trabalho pode ser creditada à “bruta paixão pelos livros” declarada na carta de 10 de março de 1926 a Carlos Drummond de Andrade:

Só o que peço é que você me mande contar logo se pode mandar registrado aí pra Itabira. Porque também da minha parte não abandonarei o meu egoísmo e os livros caros que você me pedir e que não poderei comprar em dois exemplares e de que terei de emprestar o meu, só mandarei se puderem ir registrados, doutra forma garanto que não mando porque também tenho uma bruta paixão pelos meus livros e serei incapaz de sacrificar os mais queridos mesmo por um amigo.⁸

⁷ Esses documentos voltaram ao arquivo de MA como documentação anexada, em 1995, doados por José Saia que, cumprindo a vontade do pai, os entregou ao IEB-USP. São verdadeiras “reliquias” da criação de *Macunaíma*.

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos & Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; apresentação e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 205.

O apego se consolidou na meticulosa organização de sua biblioteca que exibia, nas estantes, o aviso “Não empreste livro./ A casa é sua. Venha ler aqui.”, e no conhecimento do valor de obras e edições que fez dele um sofisticado bibliófilo. Assim, ciente do valor bibliográfico das dedicatórias de autores contemporâneos seus, não abria, com a espátula, os cadernos dos exemplares recebidos. Comprava um segundo para ler e anotar à vontade, espraçando nas margens suas impressões de leitor e seu trabalho de crítico. É assim que sua biblioteca duplica e mesmo triplica exemplares de obras de poetas, ficcionistas e críticos brasileiros. Divulgado no meio literário este seu cuidado, houve escritores que lhe encaminharam dois exemplares.

Paralelamente, é necessário ressaltar que Mário de Andrade, colecionador muito especial, instituiu-se guardião de manuscritos de seus contemporâneos, tal como se entende na carta a Sérgio Buarque de Holanda, de 15 de setembro de 1942, já referida:

Concebi um desejo ousado. Vamos a ver se desta vez eu chego antes do Rodrigo. Como você deve saber, bibliófilo inveterado e sem vergonha como todos, tenho uma coleção de originais (manuscritos ou datilografados de primeira versão, corrigidos) que é uma já bonita coisa. Entre outras importâncias tem o “Brás Bexiga e Barrafunda”, o *João Miguel* e *As três Marias* da Raquel, um Lins do Rego, um Marques Rebelo, um quarteto inédito do Henrique Oswald, etc etc. Já uns quarenta números sem contar as poesias está claro, Manuel, o Drummond o livro retirado do mercado do Murilo Mendes etc. [...] Concebi a idéia de ter os originais, projetos, rascunhos, etc. do livro que você está escrevendo pro tal concurso nos States, é possível? Ficava numa vaidade danada, e havia de tomar um drinque bom em honra vossa. Mande contar se é possível, pra eu ficar me rindo todo.⁹

⁹ *Apud* MACHADO, op. cit., p. 11.

2. Exemplares de trabalho: *work in progress*

Dentre os 29 títulos literários, na série Manuscritos Mário de Andrade, 7 possuem ao menos um exemplar de trabalho nos respectivos dossiês. Na produção do catálogo analítico, visada pelo projeto temático, esta dissertação de mestrado toma para si a parcela dos dossiês com exemplares de trabalho. No escopo do catálogo, a pesquisa abrangeu a classificação arquivística (análise documentária e codicológica), a reconstituição de aspectos do trajeto genético e a abordagem, em notas de pesquisa, de questões ligadas à história e à criação de cada um dos 7 títulos que lhe couberam. Os títulos trabalhados são: *A escrava que não é Isaura* (1925), *Amar, verbo intransitivo* (1927), *Belazarte/Os contos de Belazarte* (1934), *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928), *Os filhos da Candinha* (1943) *Poesias* (1941) e *Obra imatura* (1943).

Os exemplares de trabalho prendem-se também a textos assinados por Mário de Andrade em jornais e revistas. Uma vez recortados, o escritor, tanto quanto nos livros, os reescreve por meio de rasuras a lápis ou a tinta – acréscimos, supressões, substituições, mudança na pontuação etc. – preparando-os para ingressar em um livro, quando julga pertinente, como no caso de *Os filhos da Candinha*, coletânea de crônicas em periódicos, assim refundida, a maior parte. No caso das crônicas, aliás, obriga-se a corrigir a “correção” que os revisores faziam da ortografia renovada, uma dentre suas propostas de modernista.

A classificação “exemplar de trabalho” não se faz ver nos textos jornalísticos, embora as rasuras de Mário os convalidem como tal. Nos livros, a indicação vem geralmente a tinta preta, na página de rosto, e toca apenas títulos na esfera da literatura e da música, pois a obra mariodeandradiana concernente ao folclore e às artes plásticas ganhou edição unicamente depois da morte do autor. Vale registrar, quanto a este ponto, o curioso alerta grafado a caneta em *Modinhas imperiais*: “Deve haver por aí um outro

exemplar de trabalho, com várias anotações de importância, que foi roubado da minha biblioteca, ao mesmo tempo que o *Ensaio*.”¹⁰

A importância maior dos exemplares de trabalho é testemunhar a criação em movimento, sempre inacabada, *work in progress*. Esta nota no dossiê de *Poesias*, o qual engloba um exemplar de trabalho, revela, em Mário de Andrade, a plena consciência desta característica da criação literária:

O problema estético desta Canção¹¹ não me satisfaz assim como ficou. Todo o sentido do poema está nos dois versos do refrão, imitados da canção do “Figueiral Figueiredo”. O terminar o refrão numa quadrinha definitiva que veio aos poucos se construindo, é um bocado charro. Parece uma obrigação que me dei. Há duas soluções melhores: Inverter os elementos, botando a quadrinha do refrão na primeira vez que este entra, conservar o terceto onde está e concluir a poesia apenas com o dístico do refrão legítimo; ou evitar a formação da quadrinha, deixando tudo como está e apenas da terceira vez, em vez da quadra repetir apenas o dístico do refrão. Mas de qualquer jeito não fica bom não. O poema continua me desgostando, deixando sensação de insuficiência. Já fazia vários anos que tinha esse refrão estourado dentro de mim. E estourou, me lembro, no tempo brabo do “Grão Cão do Outubro”, arre que outubro terrível, Santo Deus! Mas foi impossível dar continuidade ao refrão. Nunca veio nada. Quando em dezembro de 40, arre que dezembro medonho, numa noitinha pavorosamente abatida saiu esta Canção inteirinha, o refrão se interpôs e achei que com muita naturalidade. Mas é certo que esta Canção nunca me deu a sensação de coisa acabada, qualquer coisa sempre me deixava em estado de insatisfação. Hoje estou convencido que a intercalação do refrão não foi justa, não foi íntegra, não foi um estado de poesia legítimo, mas um engano derivado do desejo que eu

¹⁰ ANDRADE, Mário de. *Modinhas imperiais*. São Paulo: Casa Chiarato L. G. Miranda Editora, 1930. Exemplar de trabalho na Série Manuscritos Mário de Andrade (MMA), no arquivo do escritor; nota de 3 de julho de 1942. “Ensaio” refere-se ao exemplar de trabalho de *Ensaio da música brasileira*, de 1928, desaparecido da biblioteca do escritor, provavelmente em 1941.

¹¹ Trata-se do poema “Canção”, de “A costela do Grã Cão”.

tinha de aproveitar esse refrão, que me parece encantador. Foi este desejo que provocou a associação de idéias, aliás com todas as aparências de espontaneidade: Espera eterna – ausência de carinho = solidão = na solidão solitude. Mas na verdade a vaidade me trapaceou. O refrão se lembrou a mim pelo desejo que eu tinha de o aproveitar. Mas o fato é que chegou ele, depois de nascida a 1ª estrofe, a estrofe seguinte e conseqüentemente a terceira, derivaram da intercalação dele. O poema sairia muito outro, estou certo, si eu não tivesse me enganado. E tudo se perdeu. Mário de Andrade.¹²

A consciência do inacabado, do texto nunca pronto, definitivo, explicita-se, sobretudo, nas cartas de Mário, de onde se pode tirar três declarações significativas, constantes de três missivas dirigidas, em janeiro de 1925, em 7 de setembro de 1926 e em 29 de agosto de 1928, ao seu mais pontual correspondente no campo da literatura, Manuel Bandeira. Na primeira, ao tratar de *Paulicéia desvairada*, declara: “Paciência! Nunca hei de escrever obra definitiva pra mim.”¹³ Na segunda, alude ao seu trabalho incansável em *Fräulein*, depois *Amar, verbo intransitivo*:

Agora, primeiro vou deixar o livro descansar uma semana ou mais sem pegar nele, depois principiarei a corrigir e a escrever o livro na forma definitiva. Definitiva? Não posso garantir nada, não. *Fräulein* teve quatro redações diferentes!¹⁴

Na terceira, ao pôr em cena o *Ensaio sobre a música brasileira*, explica:

¹² Nota de Mário de Andrade, a tinta preta, em folha arrancada de exemplar de *Poesias* (São Paulo: Martins, 1941), na série Manuscritos Mário de Andrade.

¹³ MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: Edusp/IEB, 2001, p. 183.

¹⁴ *Ibidem*, p. 307.

Este *Ensaio* afinal é a idéia daquela *Bucólica sobre música brasileira* de que você sabe a existência. Achei que carecia refundir inteiramente e refundi. Principiei, isto é, refundindo. Lia um pedacinho da *Bucólica* e escrevia aquilo em texto novo e idéias mais claras.¹⁵

Justamente nesse filão da escritura que não cessa e dá novas feições ao texto, observa-se a marca do tempo nas transformações expostas nos exemplares de trabalho literário, as quais se fixam na edição subsequente. Um título pode, aliás, possuir mais de um exemplar de trabalho da mesma edição. *Amar, verbo intransitivo*, na primeira tiragem de 1927, ganha, logo nesse ano, duas versões novas em um único exemplar de trabalho, pois, Pio Lourenço Corrêa, em uma forma de co-autoria, corrige a gramática do texto, seguido de Mário que também rasura as páginas do volume, dialogando com o amigo lingüista. Determinadas rasuras de ambos repercutem na versão no segundo exemplar de trabalho, o qual, carregando muitas outras transformações, em 1933, torna-se boneco de uma segunda edição que não se consuma. Esse boneco, ou versão, é sucedido, ao que se conclui com base no texto da 2ª edição pela Livraria Martins Editora, em 1944, por mais um exemplar de trabalho (ou outro boneco), este ausente do arquivo de Mário. Dessa versão desaparecida é que partiram mudanças patenteadas na última edição de vida.

Outro exemplo da marca do tempo, esta no contexto da história literária, está na nova versão do capítulo IX “Carta pras icamiabas”, no exemplar de trabalho de *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Esta, ao tomar, em 1936, o texto da primeira edição (1928) da rapsódia, suprime o trecho que alude a Guilherme de Almeida, poeta do outono paulistano, parodiando-lhe o estilo – “Soberbos plátanos gigantes e gigantes *ficus* soberbos revestem o pavimento fronteiro a esses Cafés, de nemoroso olor; e em

¹⁵ *Ibidem*, p. 400.

chegando a estação hiemal, milhares de lagartas habilmente criadas, roem as folhas que a Prefeitura deixa artisticamente sobre as ruas não só para diminuir o taumaturgo dos veículos, como para que os bardos cantem, nas suas harpas e liras afinadas, a bela quadra outonal.” Suprime porque, decorridos anos, as divergências não só estéticas, como ideológicas, haviam extinguido o grupo modernista dos anos de 1920.

Propósitos diversos gravam-se nos novos textos nos exemplares de trabalho literários, carreando, eventualmente, para os dossiês dos manuscritos, outros documentos do processo criativo. Por exemplo: no dossiê de *Amar, verbo intransitivo*, convivem, com o exemplar de trabalho, o posfácio de 1926 e uma nova seqüência, em três versões, escrita 1942. A *Macunaíma*, em 1936, quando o exemplar de trabalho é provavelmente ultimado para a 2ª edição, agregam-se pequenos fólhos com notas anteriores a esse ano, que trazem acréscimos ao texto, sobretudo nas enumerações.

Um aspecto dos exemplares de trabalho que merece receber, no futuro, atenção especial, é a tipologia das rasuras que vão da revisão de erros na edição, quando o escritor luta pela autenticidade de seu texto, até a reescritura que vinca um projeto literário. Por exemplo: a simples substituição de “pássaro preto” por “passo preto” feita no exemplar de trabalho da 2ª edição de *Macunaíma*, talvez no momento da publicação do livro, reitera um ponto importante do projeto literário do autor: estilizar a língua portuguesa falada no Brasil.

O desvendar do processo criativo nos manuscritos de Mário de Andrade leva os estudiosos ao conhecimento de um projeto literário brasileiro e moderno no que tange a pesquisa estética e à consciência do artefazer. Os caminhos flagrados nos dossiês com exemplares de trabalho são fundamentais para a preparação de edições genéticas, críticas e fidedignas. Considerando as obras do autor de *Macunaíma* que circulam em edições dadas como corretas, mas portadoras de desvios e enganos, e no intuito de

reconduzir essas mesmas obras ao projeto literário, o IEB-USP mantém com a editora carioca Agir, presentemente, um protocolo de edições fiéis, anotadas, acrescidas de estudos e de documentos de época. Nesse protocolo, em que a Profa. Telê Ancona Lopez responde pela coordenação editorial, preparei em 2008 o texto de *Os contos de Belazarte* e de *Obra imatura*, ambos apoiados em exemplares de trabalho.

*CATÁLOGO ANALÍTICO DOS DOSSIÊS LITERÁRIOS COM
EXEMPLARES DE TRABALHO DE MÁRIO DE ANDRADE*

ANDRADE, Mário de (1893-1945)

A escrava que não é Isaura (Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista)
São Paulo: [1925?/1926?/1943?]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE
ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE – IEB/USP

O dossiê composto pela pesquisa colige documentos no arquivo Mário de Andrade: versão em exemplar de trabalho na 1ª edição de *A escrava que não é Isaura* (São Paulo: Lealdade, 1925) e documentos a ele apensos – recorte com artigo de Pierre Gueguen, “Actualités poétiques”, e nota autógrafa. Liga-se, na biblioteca do escritor, à obra *An Introduction to Social Psychology*, de William McDougall (1871-1938), volume no qual MA inseriu programa cinematográfico impresso e santinho. No exemplar de trabalho há anotações de terceiro (Nota T¹). Fólios numerados pela pesquisa: 1-87.

1. *A escrava que não é Isaura*. Exemplar de trabalho na edição *princeps*. [São Paulo 1925?/1926?]

ANDRADE, Mário de. *A escrava que não é Isaura*. São Paulo: Livraria Lealdade, 1925.

Sobrecapa de cartolina rosa escuro desbotado, a qual apresenta no anverso, em autógrafo, os títulos “PAULICÉA”, a lápis vermelho, e “Escrava”, a lápis azul; na lombada, “MARIO DE ANDRADE” a tinta preta, [São Paulo, 1926?]. No anverso da sobrecapa, indicação em letra de terceiro, a tinta azul de caneta esferográfica: “Pasta 18” [São Paulo, 1960]; f. 1.

Brochura *in octavo*, costurada; impressos na capa bege: “MARIO DE ANDRADE”/ em preto, “A ESCRAVA/ QUE NÃO É/ ISAURA”/ em vermelho, e “S. PAULO/ 1925”, em preto; vinco na diagonal; título e autor repetidos no dorso, em vermelho, no sentido esquerda> direita; miolo com 160 páginas numeradas de 12 a 153; papel branco envelhecido, 19 x 14 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 2-82.

Na página de rosto, impresso em preto, no alto, no centro e na parte inferior se lê: “MARIO DE ANDRADE/ A ESCRAVA/ QUE NÃO É/ ISAURA/ (*Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista*/ DEPOSITARIOS EM SÃO PAULO/ LIVRARIA LEALDADE/ Rua da Boa Vista, 62”.

Página de rosto seguida de 3 folhas não numeradas; na primeira, no anverso: “DO AUTOR: /*Há uma Gota de Sangue em cada Poema*/ 1917/ *Paulicea Desvairada*/ 1922/ A PUBLICAR:/ *O Losango Cáqui (versos)*/ *Primeiro Andar (contos)*/ *Fräulein (romance)*”; na segunda, dedicatória: “A/ Osvaldo de Andrade”, e na terceira as epígrafes: “*Vida que não seja consagrada a procurar não vale a pena/ de ser vivida. PLATÃO/ “Be thou the tenth Muse, ten times more in worth/ Than those old nine which rhymers invoke!! SHAKESPEARE.*”

No final do livro acham-se 2 folhas não numeradas com informações impressas no anverso e uma em branco; na primeira se lê: “INDICADOR/ DAS PARTES PRINCIPAIS/ – da –/ “ESCRAVA QUE NÃO É ISAURA”, e na segunda: “ESTA EDIÇÃO DE MIL/ EXEMPLARES DA/ “ESCRAVA QUE NÃO É/ ISAURA” SE TERMI-/NOU AOS 24 DE/ JANEIRO DE 1925 NAS/ OFICINAS DA TIPOGRA-/FIA PAULISTA EM/ SÃO PAULO”; f. 2-83.

O exemplar abriga:

P. de rosto (f. 3): etiqueta de identificação da biblioteca MA, preenchida por ele a tinta preta:

MARIO DE ANDRADE	
F	I
e	55

Notas MA a grafite: no alto: “Emprestado”; na parte inferior: “Críticas: Revista do Brasil Fevereiro 1925./ Gazeta Commercial, Juiz de Fora, dias 10 e 11 de Março 1925/ (Carlos Drummond)/ A Revista, Bello Horizonte, Ano 1, N.1, 1925 – Emilio Moura/ Estética, nº 3, Prudentinho”.

Nota MA a tinta preta: no alto: “Mario de Andrade/ Exemplar de/ Trabalho”.

P. 18-153 (f. 11-79):

Refusão MA do texto, por meio de rasuras a grafite e a tinta preta: correções a erros tipográficos, acréscimos, supressões.

1.1. Rasuras MA a grafite:

P. 21(f. 13):

Trecho sobre a poesia em textos considerados prosa.

Rasura MA: cruzeta ao final do trecho.

P. 22-23 (f. 13-14):

Trecho: “Mas a beleza é questão de moda na maioria das vezes. As leis do Belo eterno artístico ainda não se descobriram. E a meu ver a beleza não deve ser um fim. A BELEZA É UMA CONSEQUÊNCIA.”

Rasura MA: acréscimo expoente “(1)” e da nota de rodapé:

“E é ainda uma consequencia mesmo si a consi-/deramos como elemento fundamental da criação do/ conceito de arte. Não só porquê a Necessidade de/ Prazer é já uma consequencia da vida, da Necessida-/ de de Ação, como porquê é da Necessidade de Comunica-/ ção que provém a Necessidade de Agradar, que leva a/ gente a se servir dos elementos que embelezam, que encantam//, do Belo enfim, pra que a criação, aparentemente/ inutil da gente, o objeto artistico, venha sempre a/ ter uma utilidade, uma razão-de-ser.”.

P. 29 (f. 17):

Trecho: verso 7 do poema “Rêverie” de Sérgio Milliet, grafado com erro tipográfico: “Mais sidoux”

Rasura MA: traço vertical corrigindo o erro: “si| doux”.

P. 58 (f. 31):

Trecho: verso 30 da canção de Vildrac grafado com erro tipográfico: “ A des grands anneaux tous les prisonniers”

Rasura MA: traço corrigindo o erro: “A des grands anneaux tous les prisonniers”

P. 67 (f. 36):

Trecho: “Um dos maiores perigos da poesia modernista é a analogia e sua irmã postiça a paráfrase.”

Rasura MA: correção a um erro tipográfico, sem notar outro engano na palavra: “parafrase” por “parífrase”.

P. 131 (f. 68):

Trecho referente ao princípio da associação, descrito em 3 tópicos.

Rasura MA: acréscimo: “4º A rima é também uma associação/ de imagens. E da pior especie pois provocada e/ consciente, estimulante de inspiração falsa com/ o café, a morfina, o opio, etc.”.

P. 137 (f. 71):

Trecho: verso 12 do poema de Nuno Fernandez Torneol grafado com erro tipográfico: “e pousarei so lo avelenal.”

Rasura MA: correção ao erro: “avelenal” por “avelanal”.

1.2. Rasuras MA a tinta preta:

P. 18 (f. 11):

Trecho: “A esta necessidade de expressão – inconsciente, verdadeiro acto reflexo – junta-se a NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO de ser para ser tendente a recriar no espectador uma comoção análoga á do que a sentiu primeiro.”

Rasura MA: acréscimo do expoente “(1)” ao final do período e da nota de rodapé:

“(1) A second very important advance of psychology towards/ usefulness is due to the increasing recognition of the extent to/ which the adult human mind is the product of the moulding/ influence exerted by the social environment and of the fact that the/ strictly individual human mind, with which alone the older intros/pective and descriptive psychology concerned itself, is an abstraction/ merely and has no real existence. McDougall/ ‘An Introduction to Social Psychology’.”

Verificação: Em McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*, 19^a ed. London: Methuen & CO LTD, 1924, p. 16, livro na biblioteca MA, um traço a grafite destaca o trecho na margem (Nota MA).

P. 50 (f. 27):

Trecho: “O que interessa nas artes do tempo é o ritmo.”

Nota MA: acréscimo do expoente “(1)”, substituição e acréscimo desenvolvido no rodapé:

“(1) sob o ponto de vista formal na constituição das...”.

P. 50 (f. 27):

Trecho: “Ritmo é toda combinação de valores de tempo e mais acertos.”

Nota: acréscimo do expoente “(2)” e da nota de rodapé que amplia o pensamento:

“... por isso convem que a oração (na prosa) tenha ritmo, mas não o/ metro, pois se tornaria então poema.” Aristoteles Retorica Livro III, cap. VII, 3.”.

P. 51 (f. 28):

Trecho: “O entroncamento ainda é empregado. Mas não significa mais pensamento que exorbita de tantas sílabas poéticas, sinão ritmos interiores dos quais o poeta não tem que dar satisfação a ninguém; e algumas vezes fantasias expressivas, pausas respiratórias, efeitos cômicos, etc.”

Nota MA: acréscimo do expoente “(2)” e da nota de rodapé:

“(2) Dei a entender mas não defini o Verso./ Isso é rúim. Verso é o elemento da linguagem/ oral que, imita, organiza e transmite/ a dinamica do estado lirico. (Linguagem oral,/ porquê linguagem musical existe de facto. E me-/ taforicamente: linguagem coreografica, arquitectu-/ral, pictorico etc.) (). Depois pensei melhor: Verso é o/ elemento da linguagem que imita e organiza a dinamica/ do estado lirico. ainda melhor: Verso é o elemento da/ da linguagem que imita e organiza o movimento/ do estado lirico. Si em vez de definição ideativa que encerre/ o conceito intelectual de Verso, si quiser dar uma definição/ descritiva que não implique propriamente delimitação formal,/ pode-se dizer: Verso é o elemento da Poesia que determina as/ pausas do movimento ritmico. Ou, porquê isso não inclui bem/ o verso-livre (arrítmico pelo conceito universal de ritmo): Ver-/ so é o elemento da Poesia que determina as pausas de movimen-/ to da linguagem lirica. Ou: da expressão oral lirica. Ou ainda:/ Verso é a entidade (quantidade) ritmica (ou dina-/ mica) determinada pelas pausas dominantes da linguagem lirica.”.

Ao longo do texto impresso, há dois tipos de anotações de terceiros: (Nota T¹) a lápis de cor vermelha esmaecida.

1.3. Notas de terceiro a lápis de cor vermelha esmaecida devido ao uso de borracha (Nota T¹)

P. 7 (f. 6):

Epígrafe decalcada em Platão.

(Nota T¹): seta indicativa e cruzeta.

P. 11-12 (f. 8):

Trecho: “Por isso mesmo jamais procurei ou procurarei fazer proselitismo. É mentira dizer-se que existe em S. Paulo um igreja literário em que pontifico. O que existe é um grupo de amigos, independentes, cada qual com suas ideias próprias e ciosos de suas tendências naturais. Livre a cada um de seguir a estrada que escolher.”

(Nota T¹): seta indicativa, traço à margem e cruzeta.

P. 12 (f. 8):

Trecho: “Muitas vezes os caminhos coincidem.... Isso não quer dizer que haja discípulos pois cada um de nós é o deus de sua própria religião. (A). Vamos à história!”

(Nota T¹): comentário “atenção”, seguido de seta e traço à margem.

P. 13 (f. 9):

Trecho: “Mas o vagabundo quis ver o monte e deu um chute de 20 anos naquela eterogénea rouparia. Tudo desapareceu por encanto. E o menino descobriu a mulher nua, angustiada, ignara, falando por sons musicais, desconhecendo as novas linguas, selvagem, áspera, livre, ingenua, sincera. §A escrava do Ararat chamava-se Poesia.”

(Nota T¹): comentário “Historia bonita demais e que não é bem assim”, seguido de seta e cruzeta à margem.

P. 17 (f. 11):

Trecho: “Necessidade de expressão + necessidade de comunicação + necessidade de ação + necessidade de prazer = Belas Artes.”

(Nota T¹): cruzeta e traço à margem.

P. 39 (f. 22):

Trecho: “Ao redescobrimento da Eloquência./ Teoria e exemplo de Mallarmé, o errado ‘Prends l’eloquence et tords-lui son cou’ de Verlaine, deliciosos poetas do não-vai-nem-vem não preocupam mais a sinceridade do poeta modernista.”

(Nota T¹): comentário “Infe-/liz-/mente/ não/ foi/ assim.”, seguido de cruzeta e 2 traços à margem.

P. 89 (f. 47):

Trecho referente ao papel de Bach e Mozart.

(Nota T¹): comentário “ABC, manifesto, pedagógico, dogmático/ e até demagógico, constitui no entanto/ – e por isso mesmo – uma justificação/ estética do modernismo, a única que/ nos foi dada. Faltava-lhe a/ perspectiva, e vemos aqui/ a mistura dos valores/ mais puros com/ os mais/ turvos, em/ pé de igualdade/. Temos/ de considerar,/ sim,/ eu tento,/ o proselitismo/ que o autor/ visava/ (a pesar/ de ../.../.em/ contrário,/ puramente/ formais),/ e que não/ podia estabelecer/ distorções. E também,/ é claro, é confusão/ da época.”

P. 117 (f. 61):

Item A/ do Apêndice.

(Nota T¹): seta e traço à margem.

P. 117-118 (f. 61):

“Apêndice A”

(Nota T¹): seta e traço à margem esquerda, incluindo o comentário: “absolutamente/ criticavel”.

P. 141 (f. 73):

Trecho inicial do “Apêndice P”.

(Nota T¹): cruzeta e traço à margem.

2. GUEGUEN, Pierre. Actualités Poétiques. [*Nouvelles Littéraires*. Paris, (1925?)]; artigo em recorte de jornal, papel amarelecido; 17,1 x 13, 6 cm; sinais de fungo; f. 84.

3. ANDRADE, Mário de. “Obra Imatura/ Falta escolher/ contos mais/ recentes/ E o conto dos Índios/ de Belazarte”, [1943?]; lembrete do escritor, autógrafo a lápis vermelho; 1 folha de bloco, papel branco amarelecido, 14,4 x 10,5 cm; vestígios de amassamento; f. 85.

4. Documentos anexados ao dossiê

4.1. “SANT’ANNA”/ “1ª Sessão/ às 19 e 30”/ “HOJE/ Sexta-feira 10/ de Setembro/ de 1926”/ “2ª Sessão/ às 21 e 30”/ “Estréia da grande/ temporada cinematographica/ em combinação com/ os theatros/ ODEON e GLORIA/ do/ Rio de Janeiro”. Programa de cinema encontrado no interior de McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*, ed. cit.; papel branco amarelecido, 22 x 14,1 cm; vinco horizontal; programa incorporado ao manuscrito pela pesquisa; f. 86.

4.2. *Madonna della Salute*. Milão, 1905. Santinho impresso colorido com imagem e oração a Nossa Senhora da Saúde (11,1 x 6,5 cm), encontrado dentro do programa (4.1); f. 87.

5. Notas da pesquisa

5.1. As datas apostas, pela pesquisa, ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura do texto a partir do exemplar da edição *princeps* de *A escrava que não é Isaura*. Por se tratar de hipóteses, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

5.2. O projeto acatou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta, a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

5.3. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

5.4. Depoimentos sobre a Semana de Arte Moderna, em 1922, relatam que MA teria exposto, sob vaias e assobios, trechos de uma teoria sobre a arte moderna, possível primeira redação de *A escrava que não é Isaura*, manuscrito desaparecido. (V. BOAVENTURA, Maria Eugênia, org. *22 por 22: A Semana de Arte Moderna Vista por seus contemporâneos*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008).

5.5. Em carta de outubro de 1922, MA anuncia ao amigo Manuel Bandeira: “Antes porém (até dezembro) publicarei um rápido estudo sobre a poesia modernista: *A Escrava que não era Isaura*.” (MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo, Edusp/IEB, 2001, p. 73).

5.6. Na *Revista do Brasil*, nº 102, v. 26; São Paulo, jun. 1924, p. 113-121, Mário de Andrade assina “Da fadiga intelectual: anotações sobre a poesia moderna”. É possível encontrar trechos do texto publicado no periódico, então dirigido por Paulo Prado, dissolvidos na poética ou reproduzidos na íntegra nos apêndices F, I, J e Q d’*A escrava que não é Isaura*.

5.7. Em carta a Joaquim Inojosa, publicada por este no *Jornal do Comércio* de Recife em 28 de dezembro de 1924, MA escreve em 28 de novembro daquele ano: “Agradeço-lhe de coração o exemplar da *Arte moderna* e breve lhe corresponderei à lembrança com a minha “Escrava que não é Isaura”, já em impressão. [...] Nesse livro meu, procurei resumir claramente os ideais gerais modernizantes que me pareceram mais úteis ou dignos de chamar a atenção dos que querem aprender. Creio que por ele se poderá adquirir (falo e escrevo brasileiro atualmente) aquele discernimento necessário pelo qual se separarão com mais justeza do que ainda se faz no Brasil, o que representa os ideais modernistas e o que os não representa. [...] A minha “Escrava”, derivada duma explicação oral que fiz da poética modernista universal, reflete necessariamente e demasiadamente ideais europeus. Ora isso me desgosta no livro porque é lógico que a realidade contemporânea do Brasil, se pode ter pontos de contacto com a realidade contemporânea da esfalfada civilização do Velho Mundo, não pode ter o mesmo ideal porque as nossas necessidades são inteiramente outras. Nós temos que criar uma arte brasileira. Esse é o único meio de sermos artisticamente civilizados.” (INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, [1968-69], p. 339-340).

5.8. A impressão do livro de mil exemplares foi paga com as economias do autor, na gráfica da Livraria Lealdade, em São Paulo. Na p. 81, MA relata a redação em maio de 1922: “O homem instruído moderno, e afirmo que o poeta de hoje é instruído, lida com letras e raciocínio desde um país da infância em que antigamente a criança ainda não ficara pasmada sequer ante a glória da natureza. Um menino de 15 anos neste maio de 1922 já é um cansado intelectual.”

5.9. Os dois títulos na sobrecapa rosa, “PAULICÉA” e “Escrava” podem significar um possível engano do escritor, pois, encapados, ambos os livros de tamanho *in octavo*, teriam se tornado materialmente semelhantes, ou ainda uma sobreposição propositalmente feita para aproximar os dois títulos.

5.10. Na ficha de identificação da obra na biblioteca do escritor, colada no anverso da página de rosto, as indicações “F/ I/ e/55” correspondem a: sala F [estúdio no andar superior da casa da rua Lopes Chaves], estante I, prateleira e, nº do livro ali colocado: 55.

5.11. As Notas MA na página de rosto referem-se a:

- s.a. *A escrava que não é Isaura*. Bibliographia. *Revista do Brasil*, a. 10, nº 110, v. 28. São Paulo, fev. 1925, p. 154.

- E. M. [MOURA, Emílio]. Mario de Andrade – A escrava que não é Isaura – São Paulo-1925. *A Revista*, a. 1, nº 1. Belo Horizonte, jul. 1925, p. 49-50.
- MORAES, NETO, Prudente de. A escrava que não é Isaura. *Estética*, a. 2, v. 1, nº 3. Rio de Janeiro, abr.-jun. 1925, p. 306-318.
- ANDRADE, Carlos Drummond de, Mário de Andrade e seu último livro – I e II *Gazeta Commercial*, Juiz de Fora, 10-11 mar. 1925.

5.12. Os artigos de CDA, citados na página de rosto, foram recebidos por MA no interior da carta datada de março de 1925, na qual o poeta mineiro comenta a própria crítica. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 107). Os dois artigos integram a série Matérias extraídas de periódicos do Arquivo Mário de Andrade (IEB-USP) e trazem notas do autor, a tinta azul: “10-3-25/ Deixo de/ corrigir/ os erros/ de menor/ impor-/tancia.” e “11-3-25/ Está/ quase/illegi-/vel. Se/ quizer,/ pro-/videnciarei/ p^a arran-/ jar/ outro/ exem-/plar.”.*

5.13. MA ao escrever no canto superior direito da página de rosto “Emprestado”, confirma a hipótese de que as anotações a lápis de cor vermelha esmaecida vieram de um terceiro que, por meio delas, dialogou com o texto e talvez com o autor quando lhe devolveu o exemplar, em 1925. A Nota MA “Emprestado” separa, portanto, as rasuras que advêm da criação e as anotações provenientes da leitura de outrem.

5.14. Na correspondência de MA com Prudente de Moraes, neto, entre julho/agosto e setembro de 1925, identifica-se o diálogo do qual, possivelmente, decorra o expoente “(1)” acrescentado à p. 22 do exemplar de trabalho. (KOIFMAN, Georgina, org. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto. 1924/1936. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 93-107.)*

5.15. A nota de rodapé acrescentada à p. 18 do exemplar de trabalho referenda a intertextualidade no diálogo de MA com McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*. 19^a ed.. London: Methuen & CO LTD, 1924. No exemplar do livro em sua biblioteca, estão, a grafite, as anotações de escritor/leitor que constituem, como se vê, notas de trabalho para a refusão da poética modernista *A escrava que não é Isaura*, possivelmente em 1926. A citação transposta está à p. 16 do livro e ali recebeu traço à margem esquerda. Entre as folhas do exemplar, o programa de cinema do Rio de Janeiro, oferece, na data 10 de setembro de 1926, o momento provável da leitura de MA.

5.16. O escritor engana-se ao indicar como VII, o capítulo VIII do Livro III da *Arte Retórica e Arte Poética* de Aristóteles, conforme se verifica na edição de 1971, (Rio de Janeiro, Edições de Ouro, p. 225). O livro, na tiragem consultada por MA, não fazia parte do tombamento de sua biblioteca, quando esta foi incorporada ao IEB-USP. O acréscimo no exemplar de trabalho (p. 50, f. 27) absorve as idéias de Aristóteles a respeito de ritmo.

5.17. O expoente “(2)” acompanhado da nota de rodapé à p. 51 do exemplar de trabalho é, provavelmente, resultado de uma discussão entre Mário de Andrade e

Manuel Bandeira sobre as noções de verso, travada em março de 1925. Dessa discussão, restam, na correspondência passiva de MA, as respostas em que o poeta de *A cinza das horas*, discute e reescreve definições recebidas, as mesmas presentes no exemplar de trabalho. (MORAES, Marcos Antonio de. Ed. cit., p. 191-196).

5.18. O artigo de Pierre Gueguen (1889-1965), “Actualités Poétiques”, no jornal parisiense *Nouvelles Littéraires* [1925?], apresenta idéias sobre a poética moderna, de forma bastante semelhante à teoria exposta por MA. Indicação completada pela pesquisa, com base na apresentação gráfica, comparando o documento com outros textos com a indicação do mesmo jornal manuscrita, presentes na série Matérias extraídas de periódicos, no arquivo do escritor.

5.19. A nota a lápis vermelho, focalizando o “conto dos Índios/ de Belazarte”, apensa ao exemplar de trabalho, escrita no momento de reunir os textos para *Obra imatura*, situa a poética neste projeto e põe em cena *Belazarte*, livro de contos publicado em 1934 pela Editora Piratininga S/A, de São Paulo. Refere-se ao “Caso em que entra bugre”. O conto figurou, primeiramente, na edição citada de *Belazarte*, e mais tarde, preparado para integrar *Primeiro andar* na *Obra imatura*.

5.20. Em 1943, MA está organizando, para a Livraria Martins Editora de São Paulo, suas Obras Completas, cujo volume I, publicado postumamente em 1960, é *Obra imatura*. O título reúne *Há uma gota de sangue em cada poema, Primeiro andar: contos* e *A escrava que não é Isaura*. Esta poética modernista, contudo, sai sem incorporar integralmente a reescritura no exemplar de trabalho (V. classificação do manuscrito de *Obra imatura*).

5.21. Em 2008, a nova publicação de obras de Mário de Andrade, protocolo de cooperação que une o IEB-USP e a Editora Agir do Rio de Janeiro, detentora dos direitos autorais do escritor, publica *A escrava que não é Isaura*, em *Obra imatura*, com texto estabelecido por Aline Nogueira Marques.

Trajeto da criação:

[1922?]

MA, lê, em fevereiro, no saguão do Teatro Municipal de São Paulo, trechos de uma poética modernista.

1922

MA escreve ao amigo Manuel Bandeira, em outubro e menciona a intenção de publicar, ainda naquele ano, seu estudo sobre a poesia modernista.

1924

MA publica, em junho na *Revista do Brasil*, “Da fadiga intelectual”, primeira redação das idéias amplamente exploradas n’*A escrava que não é Isaura*.

Em carta de 28 de novembro a Joaquim Inojosa, MA relata a entrega dos manuscritos à gráfica.

[1924]

Conclusão dos originais e entrega de *A escrava que não é Isaura* à gráfica Livraria Lealdade, em São Paulo, à rua da Boa Vista, 62, centro.

1925

Término da impressão da 1ª edição nas oficinas da tipografia paulista, em 24 de janeiro.

[1925?]

Após julho, MA cria um exemplar de trabalho em cuja página de rosto indica cinco críticas publicadas sobre *A escrava que não é Isaura*.

Refusão do texto, a grafite, no exemplar de trabalho: acréscimos e correções a erros tipográficos.

MA anexa ao exemplar de trabalho o artigo “Actualités Poétiques” de Pierre Gueguen.

[1925?/1926?]

Início da refusão do texto no exemplar de trabalho por meio de rasuras a tinta preta: acréscimo da nota de rodapé, à p. 51: redefinição do conceito de verso.

[1926?]

Leitura anotada, talvez em setembro, de McDOUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*, 19ª ed. London: Methuen & CO LTD, 1924; p. 16: Nota MA a grafite: traço à margem esquerda selecionando o trecho citado à p. 18 (f. 11), do exemplar de trabalho.

Continuação da refusão do texto no exemplar de trabalho por meio de rasuras a tinta preta: correção a erro tipográfico e acréscimos; entre eles, a citação do trecho de McDougall.

[1943?]

Elaboração da nota “Obra Imatura/ Falta escolher/ contos mais/ recentes/ E o conto dos Índios/ de Belazarte”.

ANDRADE, Mário de (1893-1945)
Amar, verbo intransitivo
São Paulo: [1926?/1927/1933?/1942]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE
ARQUIVO: MÁRIO DE ANDRADE - IEB-USP

O dossiê composto pela pesquisa colige documentos no arquivo Mário de Andrade: fólios finais da última versão; posfácio; 2ª versão em exemplar de trabalho, conjugando rasuras de MA e de Pio Lourenço Corrêa; 2ª versão em exemplar de trabalho/boneco para 2ª edição (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1927/Editora Piratininga [1934?]); 1ª versão de capítulo acrescentado ao exemplar de trabalho; 2ª versão do trecho final do capítulo acrescentado e de exemplar rasurado de *Fräulein*, tradução de *Amar, verbo intransitivo*, por Margaret Richardson Hollingsworth (New York: The Macaulay Company, 1933). Fólios numerados pela pesquisa: 1-410.

1. [*Amar, verbo intransitivo*. São Paulo, 1926?]

Fólio final do texto da última versão do idílio; autógrafo a tinta preta, escritura anulada por rabisco a grafite, na diagonal; 1 folha pautada, arrancada de caderno costurado, papel branco amarelecido, 23,7 x 16,2 cm; escrita no anverso; página numerada pelo escritor a grafite: “295”; verso aproveitado para a 1ª página do *Posfácio*; vestígio de dobra da folha em 4 partes; sinais de fungo; f. 1.

Rasuras a grafite refundem o texto a tinta preta: substituições e acréscimos [1926?] preparam-no para a publicação de 1927.

2. *Postfacio*. [São Paulo, 1926?]

Autógrafo a grafite e a lápis vermelho; 3 folhas pautadas, arrancadas de caderno costurado, papel branco amarelecido, 23,7 x 16,2 cm, folhas seguintes ao texto da 1ª versão; páginas numeradas por MA: “297”, “299”; escrita iniciada no verso da 1ª versão (f. 1); fólhos 1-2 unidos; vestígio de dobra da folha em 4 partes; sinais de fungo; f. 1-3. Rasuras a grafite, ao correr da pena ou em leitura posterior, indicam dois momentos na escritura.

3. *Amar, verbo intransitivo*. 2ª versão do texto em exemplar de trabalho, decorrente de rasuras de MA e de Pio Lourenço Corrêa sobre a versão na edição *princeps*. [São Paulo, 1927]

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1927.

O exemplar encadernado em pele de jacaré de tonalidade castanha, com tratamento de couro marroquim; título e autor gravados em ouro; dorso decorado com frisos em ouro; 2 folhas de guarda acrescentadas antes da capa original do livro, onde se lê: “MARIO DE ANDRADE” em preto, “Amar, Verbo Intransitivo” em vermelho, e “IDILIO/ CASA EDITORA ANTONIO TISI/ – S. Paulo”, em preto; miolo com 262 páginas numeradas de 5 a 231; papel branco envelhecido, 19,8 x 13,1 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 4-123.

Na página de rosto, impresso em preto, no alto, no centro e na parte inferior está: “MARIO DE ANDRADE/ AMAR, VERBO INTRANZITIVO/ IDILIO/ (1923-1924)/ Casa Editora ANTONIO TISI/ Rua Florencio de Abreu, 4/ São Paulo/ 1927”.

No verso da página de rosto vem a relação de títulos: “DO AUTOR: Ha uma Gota de Sangue em cada Poema –/ 1917 (poesia)/ Paulicea Desvairada – 1922 (poesia)/ A Escrava que não é Isaura – 1925 (poetica)/ Losango Cáqui – 1926 (lirismo)/ Primeiro Andar – 1926 (contos)/ Amar, Verbo Intransitivo – 1927 (idilio)/ EM PREPARO:/ Clan do Jaboti – (poesia)/ Historia da Musica/ Gramatiquinha da Fala Brasileira/ João Bobo (romance)”.

A página de dedicatória, f. 9, impressa tem, no anverso: “Pra meu irmão”; e no verso: “A pobre da Fraulein vive sem trema/ nesta edição por amor da facilidade. Não tinha/ a tremado na máquina e o inocente do linoti-/pista ficava condenado a cortar um despropo-/sito de circunflexos... Tive receio de bancar/ o Dante.”

No verso do f. 123, no final do volume, está: “Typ. CUPOLO – Lad.^a Santa Ephigenia Nº 21 – S. Paulo”; a encadernação termina com 10 folhas milimetradas e 2 folhas de guarda; f. 4-136.

O exemplar contém:

Verso da capa, p. de rosto, p. de dedicatória, p.7, 9, 14-15, 17-19, 23, 26-27, 30-32, 36, 41-42, 46-48, 50-52, 55-61, 63-64, 68, 70, 73-74, 77, 81-82, 86-88, 91, 94, 96-98, 100, 102, 107, 114-116, 118-121, 134-137, 143-144, 146-147, 150-152, 156-159, 161, 163-165, 167, 179-182, 189, 192-193, 202-205, 211, 214, 224-225, 231-232 (f. 7, 8, 9, 11, 12, 14-15, 16-17, 19, 20-21, 22-23, 25, 28, 30-31, 32-33, 35-38, 39, 41, 42, 44, 46, 48, 50-51, 54, 55-56, 57, 58, 61, 64-65, 67-68, 74-76, 79, 80-81, 82-83, 85-87, 88, 89-90, 91, 97-99, 103-104, 108-110, 113, 114, 119-129, 123):

Rasuras de Pio Lourenço Corrêa (PLC), divergindo da linguagem de MA, abrem a discussão com o autor do idílio, nas margens, constituída de réplica e tréplica; autógrafo a tinta preta de ambos.

P. de rosto (f. 8):

Nota PLC tinta preta: “Meu amigo/ As notas que aí vão são/ amistosas e confidenciais: por isso é que são/ francas: franqueza de confessor. Não mas/ leve a mal, que não buscam hostilidade./ Tio Pio”.

P. 99-100 (f. 57): parte inferior da página cortada a tesoura.

P. 231-232 (f. 123):

Nota PLC a tinta preta: “A quem/ A quem ler essas notas ríspidas, sem conhe-/cer os antecedentes imponderáveis de amizade e/ camaradagem entre autor e crítico – pode pa-/recer, parece de certo, que achei o livro de-/testabilíssimo. Entretanto – curiosa antinomia! –/ declaro lealmente que não. Salvas divergên-/cias irreconciliáveis – até na forma, que/ não só no fundo, vejo um valor dinâmico/ entressachado, bastante poderoso para man-/ter a obra por cima dos escolhos, em que/ tantas vezes parece naufragar./ Chácara, em Araraquara. Março de 1927/ Pio Lourenço Corrêa”.

Folhas milimetradas no final do livro (f. 124-128):

Nota PLC a tinta preta: “Sustentação de embargos/ por/ Pio Lourenço Corrêa/ Abril, 1927”.

4. *Amar, verbo intransitivo*. Idílio. Versão MA em exemplar de trabalho na edição *princeps* e boneco da 2ª edição. [São Paulo, 1933? 1942]

Exemplar graficamente idêntico ao analisado no item 3; f. 137-254; abriga a refusão do texto:

Capa (f. 137):

Tira de papel branco, 2,1 x 11,6 cm, impressa: “EDITORA PIRATINGA/ SÃO PAULO”, colada sobre a indicação anterior: “CASA EDITORA ANTONIO TISI/ – S. Paulo”, constituindo o boneco.

Rasura MA a tinta preta: correção ortográfica de “Intranzitivo”.

Dorso:

Etiqueta impressa em preto: “1934” esconde a data da 1ª edição, “1927”.

P. de rosto (f. 138):

Notas MA:

– a lápis vermelho: “Exemplar cor-/rigido para/ 2ª edição”.

– a grafite: “(Só estará definitiva a correção/ quando trazer a x encarnada)”.

– a tinta preta: “A edição deverá obedecer á/ ortografia oficial brasileira...do/ momento.”.

Verso da p. de rosto (f. 138):

Nota MA a tinta preta: rabisco anulando a relação de títulos do autor.

P. de dedicatória (f. 139):

Rasura MA a tinta preta: substituição: “Pra meu Irmão” para “A meu Irmão”.

Verso da p. de dedicatória (f. 139):

Nota MA a tinta preta: rabisco anula a explicação sobre a falta de acento em Fräulein.

P. 164 (f. 219):

Nota MA a tinta vermelha: “Entra aqui o capítulo/ datilografado.”

P. 193-213 (f. 234-244):

Nota MA a lápis azul: cruzetas anulam trechos.

P. 1-231 (f. 138-253):

Refusão MA do texto, por meio de rasuras a tinta preta e vermelha, a grafite e a lápis azul: correção a erros tipográficos, substituições, acréscimos, supressões e deslocamentos.

5. *Capítulo para ser introduzido no espaço da pg. 164.* [São Paulo, 1942]

1ª versão do texto; datiloscrito original, fita azul; 8 folhas de papel branco amarelecido, 31,8 x 21,7 cm; filigrana: “VICTORIA/ INDUST. BRASIL.”; 8 páginas numeradas 2-8; vinco vertical e horizontal; f. 255-262.

Rasuras a tinta preta refundem o texto datilografado: correções, substituições e supressões.

Nota MA: “(1) segue outra versão”, no f. 262.

6. *Capítulo para ser introduzido no espaço da pg. 164.* [São Paulo, 1942]

2ª versão do texto; datiloscrito, cópia carbono azul; 8 folhas de papel jornal amarelecido, 32,2 x 22 cm, 8 páginas numeradas 2-8; f. 263-270.

Rasura a tinta preta: correção de erros de datilografia na p. 8;

Nota MA: a tinta vermelha: 2 traços à margem separam a seqüência final, p. 7.

7. *filha espiou em roda, Vários viajantes esperavam também, abatidos, alguns se er-*. [São Paulo, 1942]

3ª versão do trecho final da 2ª versão do “Capítulo para ser introduzido no espaço da pg. 164”, p. 8; datiloscrito original, fita azul; 1 folha de papel branco amarelecido, 32,5 x 21,7 cm; filigrana: (Coru-bond Ind. Brasil); vinco vertical e horizontal; f. 271.

Rasuras a tinta preta confirmam correções a erros na datilografia, feitas à máquina.

8. *se igualar à filha, ela era inocentinha, se.* [São Paulo, 1942]

4ª versão das linhas finais do “Capítulo para ser introduzido no espaço da pg. 164”; autógrafa a tinta preta; 1 folha de papel jornal amarelecido, 32,2 x 22 cm, não numerada; vinco horizontal ao meio e perda de suporte nas bordas; f. 272

Rasuras a grafite refundem o texto a tinta preta.

9. *Segunda versão do final do capítulo*. [São Paulo, 1942]

5ª versão do trecho final do “Capítulo para ser introduzido no espaço da pg. 164”; datiloscrito, cópia carbono azul; 1 folha de papel jornal amarelecido, 32,2 x 22 cm; vinco horizontal ao meio; f. 273;

Nota MA: a grafite, sinaliza seqüência: “1º”.

10. *Segunda versão do final do capítulo*. [São Paulo, 1942]

6ª versão do trecho final do “Capítulo para ser introduzido no espaço da pg. 164”; datiloscrito original, fita azul; 1 folha de papel branco amarelecido, 32,5 x 22 cm; filigrana: “CORU-BOND/ IND. BRASIL.”; vinco horizontal ao meio; f. 274.

Rasuras a tinta preta refundem o texto; Notas MA: a grafite, sinalização de seqüência e finalização: “2º” e “XXX”.

11. *Fräulein*. Exemplar comentado por MA da tradução norte-americana de *Amar, verbo intransitivo*. [São Paulo, 1933?]

Andrade, Mário de. *Fräulein*. Trad. de Margaret Richardson Hollingsworth. New York: The Macaulay Company, 1933.

Sobrecapa de papel de tonalidade marrom, com desenho de Alec Redmond; impressos em tons de verde, no alto: “Fräulein” e na parte inferior: “by MARIO DE ANDRADE”; no dorso, autor, título e editora repetidos em verde.

Brochura *in octavo*, encadernada em pasta de papelão revestida em cor-de-rosa; impresso em preto: “Fräulein”; no dorso: título, desenho, autor e editora respectivamente na horizontal da parte superior e inferior; o miolo compõe-se de 259 páginas numeradas de 7 a 252; papel branco envelhecido, 19,7 x 13,7 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 275-407.

Na segunda folha de guarda, está impresso: “FRÄULEIN”, seguida de resumo do romance.

Na página de rosto, em preto, no alto, no centro e na parte inferior da página lê-se: “FRÄULEIN/ by MARIO DE ANDRADE/ *Translated by*/ MARGARET RICHARDSON HOLLINGSWORTH/ *New York, THE MACAULAY COMPANY*”

No final do livro, 3 folhas em branco e não numeradas.

O exemplar abriga:

Segunda folha de guarda (f. 278): etiqueta de identificação da biblioteca MA, preenchida por ele a tinta preta:

MARIO DE ANDRADE	
F	I
e	52

P. 8, 10 (f. 281-282):

Nota MA a grafite: comentário “M.R.H.”, referindo-se a Margaret Richardson Hollingsworth, e traço vertical à margem esquerda de trecho inexistente no original.

P. 17 (f. 286):

Nota MA a grafite: comentário “M.R.H.” e traço vertical à margem direita de trecho inexistente no original.

P. 9, 11, 19, 31, 33, 35, 45, 55, 59, 85, 89, 91, 93, 95, 97, 99, 107, 109, 117, 119, 121, 123, 125, 127, 129, 131, 133, 135, 137, 139, 141, 143, 145, 147, 149, 151, 153, 155, 157, 159, 161, 163, 165, 167, 169, 171, 177, 183, 185, 187, 189, 211, 213, 215, 217, 219, 221, 223, 225, 235 (f. 282, 283, 287, 293, 294, 295, 300, 305, 307, 320, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 331, 332, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 366, 369, 370, 371, 372, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 395):

Nota MA a grafite: traço à margem direita de seqüências criadas pela tradutora.

P. 18, 32, 44, 52, 54, 86, 90, 92, 94, 96, 98, 100, 106, 108, 110, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 142, 146, 148, 150, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 168, 170, 172, 176, 182, 184, 186, 210, 212, 216, 218, 220, 222, 224, 234 (f. 286, 293, 299, 303, 304, 320, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 330, 331, 332, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 365, 368, 369, 370, 382, 383, 385, 386, 387, 388, 389, 394):

Nota MA a grafite: traço à margem esquerda de seqüências criadas pela tradutora.

P. 25 (f. 290):

Nota MA a grafite: traço e interrogação à margem direita de trecho da lavra da tradutora.

P. 27, 71, 83 (f. 271, 313, 319):

Nota MA a grafite: traço e exclamação à margem direita de trecho da lavra da tradutora.

P. 28 (f. 291):

Nota MA a grafite: 2 exclamações à margem esquerda de trecho da lavra da tradutora.

P. 43, 103, 115, 117, 197, 207 (f. 299, 329, 335, 336, 376, 381):

Nota MA a grafite: exclamação à margem direita de trecho da lavra da tradutora.

P. 67 (f. 311):

Nota MA a grafite: traço e 2 exclamações à margem direita de trecho da lavra da tradutora.

P. 140, 144 (f. 347, 349):

Nota MA a grafite: traço e exclamação à margem esquerda de trecho criado pela tradutora.

P.180 (f. 367):

Nota MA a grafite: 2 traços à margem esquerda de trecho criado pela tradutora.

P.181 (f. 368):

Nota MA a grafite: 2 traços à margem direita de trecho criado pela tradutora.

P. 200, 208, 214, 236 (f. 377, 381, 384, 395):

Nota MA a grafite: exclamação à margem esquerda de trecho criado pela tradutora.

P. 228 (f. 391):

Rasura MA a grafite: correção de “Father” para “dad”.

12. Documentos apensos

12.1. The most extraordinary/ sensation since/ MAEDCHEN IN UNIFORM/ Fräulein/ by MARIO DE ANDRADE/ 2nd Printing * MACAULAY* \$2. Anúncio de *Fräulein*, de Mário de Andrade, tradução de *Amar, verbo intransitivo*; recorte de jornal em papel amarelecido; sinais de fungo; f. 408.

Nota MA a grafite: “The New York Times Book/ Review/ 6-VIII-1933”.

12.2. Not since/ ‘Maedchen/ in Uniform’/ has such a vivid/ German character/ appeared/ Fräulein/ by MARIO DE ANDRADE. Anúncio de *Fräulein*, de Mário de Andrade, tradução de *Amar, verbo intransitivo*, tradução por Margaret Richardson Hollingsworth; recorte de jornal não identificado [1933]; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 409.

12.3. Not since “Maedchen in Uniform”. Anúncio de *Fräulein*, do romance de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*, tradução por Margaret Richardson Hollingsworth; recorte de jornal não identificado [1933]; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 410.

13. Notas da pesquisa

13.1. As datas apostas ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura do texto. Por se tratar de hipóteses, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

13.2. O projeto acatou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta e a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

13.3. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

13.4. Em carta de 15 de novembro de [1923] ao amigo Manuel Bandeira, MA menciona a redação do romance, sob título *Fräulein*: “Escrevo um romance, Manuel. É *Fräulein*. Está bastante avançado. Todo tempo meu que tenho, dou-o ao novo livro. Estou satisfeito comigo mesmo.” (MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo, Edusp/IEB, 2001, p. 104). Data atestada pelo organizador.

13.5. Em carta de 4 de março de 1925, MA comenta com o Prudente de Moraes, neto: “Este ano ainda quero escrever um novo romance (*Fräulein* está pronto, com outro nome: *Amar, verbo intransitivo*) e pôr por diante a minha *História da Música*.” (KOIFMAN, Georgina, org. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto. 1924/1936*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 80).

13.6. Provavelmente em 1926, MA redigiu a tinta preta, em caderneta, a última versão completa do idílio, da qual conservou a última página; escreveu, a seguir, a grafite, o “Postfacio” que deixou inédito. A 10ª edição de *Amar, verbo intransitivo*, preparada

por Telê Ancona Lopez revelou o “Pós-fácio”, em 1982 (Belo Horizonte: Itatiaia, p. 151-152).

13.7. Em 7 de setembro de [1926], MA relata a Manuel Bandeira: “Agora, primeiro vou deixar o livro descansar uma semana ou mais sem pegar nele, depois principiarei a corrigir e a escrever o livro na forma definitiva. Definitiva? Não posso garantir nada, não. *Fräulein* teve quatro redações diferentes!”. Mário de Andrade tinha o costume descartar os manuscritos das obras as quais via publicadas, motivo que explica a ausência de versões anteriores de *Amar, verbo intransitivo*. Observa-se nas cartas de MA a oscilação no título do romance.

13.8. A primeira edição de *Amar, verbo intransitivo*, sai do prelo da Casa Editora Antonio Tisi em janeiro de 1927, paga com as economias do escritor. O texto absorve, nos dois últimos parágrafos, a versão na caderneta.

13.9. Entre 1917 e 1945, Mário de Andrade mantém correspondência com Pio Lourenço Corrêa (1875-1957), fazendeiro e intelectual de Araraquara, seu primo e amigo, grande estudioso da língua portuguesa, a quem chamava “tio Pio”. Em carta em 24 de janeiro de 1927, MA comunica a Pio ter-lhe remetido o livro recém-publicado, *Amar, verbo intransitivo*.

13.10. Em março de 1927, “tio Pio” lê o romance, insere comentários e propõe modificações, rasurando o texto em exemplar do livro de MA. Este, em abril, pede ao amigo PLC: “Não me poderá mandar *Amar* que anotou já? Careço dele pra corrigir o exemplar que tenho de mandar pro João Ribeiro”. MA lê, responde as questões levantadas por PLC e, em 23 de abril, reenvia o livro a Araraquara, onde seu colaborador escreve a “Sustentação de embargos” em que detalha as próprias intervenções, com as quais ingressa na esfera da co-autoria. A discussão que oferece “réplica” e “tréplica” consolida a co-autoria e serve de base para o segundo exemplar de trabalho preparado por MA.

13.11. No decênio de 1930, talvez em 1933, Mário de Andrade, usando grafite, tinta preta e lápis de duas pontas (vermelho e azul), rasura texto pela segunda vez ao transpor, para um segundo exemplar de trabalho, as modificações sugeridas por Pio Lourenço Corrêa no exemplar que guarda a discussão marginal (V. item 3.). A hipótese da data decorre da substituição, no segundo exemplar, dos dados originais no dorso e na capa: “1927” passa a “1934” e “CASA EDITORA ANTONIO TISI/ S. PAULO” a “EDITORIA PIRATININGA/ SÃO PAULO”, por meio de etiqueta colada. A editora, em 1934, publicará *Belazarte*, e não *Amar, verbo intransitivo*.

13.12. MA lecionou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo de 1912 até 1938. Ali utilizava o chamado “lápis de professor”, com duas pontas, uma azul e outra vermelha. As cores firmaram um código na criação do escritor: azul para excluir trechos e vermelho para aceitá-los. A nota da página de rosto do exemplar de trabalho “(Só estará definitiva a correção quando tiver a x encarnada)” mostra um equívoco do escritor, que utilizou, naquele caso, a cor azul.

13.13. A ficha de identificação colada na segunda folha de guarda do exemplar da tradução americana de *Amar, verbo intransitivo*, “F/ I/ e/52”, corresponde a: sala F

[estúdio no andar superior da casa da rua Lopes Chaves], estante I, prateleira e, nº do livro ali colocado: 52.

13.14. A nota “A edição deverá obedecer à ortografia oficial brasileira... do momento.”, confirma o exemplar de trabalho como boneco de uma 2ª edição, do mesmo modo que as outras Notas MA na folha de rosto e à p. 164.

13.15. Em 19 de outubro de 1942, Manuel Bandeira escreve a MA: “Recebi o capítulo inédito do *Amar, verbo intransitivo*. Não pude relacioná-lo com o resto da obra porque verifiquei que não tenho mais nem esse livro nem o *Macunaíma!* [...] Das duas versões propostas prefiro a que remata com: “Não é mictório, não, minha filhinha... é Taubaté.”, referindo-se ao final do novo capítulo. A carta colabora para a datação de redação do capítulo incluído, 1942.

13.16. Em carta de 5 de junho de 1944, MA anuncia ao crítico Álvaro Lins: “Vem um amigo para revermos as provas do futuro *Amar, verbo intransitivo*, que sai bem remodelado. Vamos ver se melhora um bocado”. (BORBA, José César e MOREL, Marco, org. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 113).

13.17. A 2ª edição de *Amar, verbo intransitivo* que sai em dezembro de 1944, pela Livraria Martins Editora, não incorpora na íntegra as rasuras do exemplar de trabalho no arquivo do escritor, o que indica o concurso de um outro exemplar de trabalho, este desaparecido.

13.18. Em 2008, a nova publicação de obras de Mário de Andrade, protocolo de cooperação que une o IEB-USP e a Editora Agir do Rio de Janeiro, detentora dos direitos autorais do escritor, publica *Amar, verbo intransitivo* com o texto apurado por Marlene Gomes Mendes.

13.19. A classificação de *Amar, verbo intransitivo* beneficiou-se:

- da 10ª edição do romance, citada na nota 13.6.;
- de “Diálogo Mário e ‘Tio Pio’”, comunicação de Marlene Gomes Mendes (*Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – USP*, São Paulo, nº 36, p. 190-243, 1994);
- “Nos caminhos de um livro”, apresentação de Marlene Gomes Mendes da edição Agir do romance, em 2008 (p. 9-17);
- de *A riqueza nas diferenças: edição fidedigna e anotada da Correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945)*. Dissertação de mestrado de Denise Guaranha em Literatura Brasileira. FFLCH-USP. São Paulo, 2007.

13.20. O projeto *Inventário do Arquivo Mario de Andrade*, financiado pela FAPESP em 1985 e pelo CNPq em 1991-1993, sob orientação de Telê Ancona Lopez, foi realizado por Diléa Zanotto Manfio (1985) e Adhirley Delfini Filho (1992), os quais produziram a primeira classificação dos documentos.

Trajetória da criação:

[1923]

MA comunica a Manuel Bandeira, em 15 de novembro, seu trabalho no romance *Fräulein*.

[1926?]

MA redige e descarta uma última versão do idílio, na caderneta de que guarda a página final do texto e onde escreve o posfácio, tomando as folhas finais.

1927

Em janeiro sai do prelo da Casa Editora Antonio Tisi, a 1ª edição de *Amar, verbo intransitivo*. O texto incorpora, nos dois últimos parágrafos, a versão na caderneta.

Em 24 de janeiro, MA envia um exemplar de *Amar, verbo intransitivo* ao primo e amigo Pio Lourenço Corrêa e lhe pede “comentário severo sobre ortografia e língua”.

Em março, Pio Lourenço Corrêa rasura o livro e, no final, explica as sugestões efetuadas; age como co-autor.

Em abril, MA pede a Pio o exemplar anotado, para “corrigir” outro a ser enviado a João Ribeiro. Este lhe devolve o exemplar, onde MA responde e contesta a maioria dos comentários, mas acata determinadas propostas, em um 1º momento da reescritura do texto.

Em 23 abril, MA encaminha sua réplica a Araraquara.

[1927?]

Em abril/maio, Pio escreve, no volume, a “Sustentação de embargos” e o exemplar volta, encadernado, para São Paulo.

[1933?]

2º momento da reescritura da obra: MA rasura o texto a grafite, tinta preta e lápis de pontas azul, em outro exemplar de trabalho, a ser usado como boneco para a 2ª. tiragem do livro, pela Editora Piratininga, que não a efetiva.

[1942]

3º momento da criação: acréscimo de capítulo sinalizado por nota a tinta vermelha, à p. 164. Possível nova versão em mais um exemplar de trabalho entregue à Livraria Martins Editora, para dar base à 2ª edição; exemplar desaparecido.

1944

Em dezembro sai, como v. III das Obras Completas, pela Martins, a 2ª edição de *Amar, verbo intransitivo*, texto bastante diverso do exemplar de trabalho de [1933?].

ANDRADE, Mário de (1893-1945)

Belazarte/ Os contos de Belazarte

São Paulo: [1924? 1925?] 1930, [1931, 1934? 1943? 1944]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE

ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE – IEB/USP

O dossiê composto pela pesquisa colige documentos no arquivo Mário de Andrade: *Prefácio*, [São Paulo] 1930; *Belazarte*, versão dos contos no exemplar de trabalho na edição *princeps* da coletânea (São Paulo: Piratininga, 1934); *Belazarte*, versão no exemplar de trabalho na 2ª edição (Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1944). Fólios numerados pela pesquisa: 1-195.

Ao manuscrito foram anexados, pelo projeto temático, em reprodução fac-similar, os documentos:

- *O bezouro e a Rosa*. Versão em exemplar de trabalho do 5º texto das *Chronicas de Malazarte*, na revista *América Brasileira*, a. 3, nº 26; Rio de Janeiro, fev. 1924; documento no álbum de recortes original da produção jornalística de MA; f. 196-197.
- “O bezouro e a Rosa”. Versão em exemplar de trabalho do conto na edição *princeps* de *Primeiro andar* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926, p. 183-198); 198-303.
- *Caim, Caim e o resto*. Versão em exemplar de trabalho do 10º texto das *Chronicas de Malazarte*, na *América Brasileira*, a. 3, nº 31, Rio de Janeiro, jul. 1924; documento no álbum de recortes original da produção jornalística de MA; f. 304-305.

Documentação complementar:

- [Belazarte]/ [*Os contos de Belazarte*]. Versão em apógrafo de exemplar de trabalho de Mário de Andrade, utilizando o texto da edição Piratininga; boneco montado para a 2ª edição da coletânea, pela Americ-Edit, 1944; reaproveitado na gráfica da Livraria Martins Editora, em 1947.

1. *Prefácio* [São Paulo], 02 maio 1930, [1931]

Versão em datiloscrito original, fita preta; 7 fólhos; f. 1: datilografia em tinta mais clara, fita esmaecida pelo uso; rasuras a máquina, autógrafas a tinta preta e a grafite; f. 2-7: datilografia com fita nova, rasuras a máquina e em autógrafo a tinta preta; papel branco amarelecido, de gramatura e medidas variadas; f. 1: 32,2 x 21,8 cm, papel jornal; f. 3-4, 7: 33,1 x 21,7; f. 2, 5-6: fragmentos cortados a tesoura; f. 2: 13,4 x 21,4 cm, f. 5: 4,1 x 21,7 cm, f. 6: 18,8 x 21,7 cm; papel branco amarelecido, filigrana “CASA PRATT/ BRAZIL”, gramatura mais fina; páginas numeradas a máquina, com exceção das p. 1-2, 6; numeração a grafite sobreposta por MA nos f. 3-5, 7.; sinais de fungo; orifício decorrente de rasura a tinta no f. 1; vinco horizontal no centro dos fólhos com exceção dos f. 2, 5; dois furos de alfinete de cabeça (desaparecido), usado para juntar os f. 5-6; escrita no anverso, exceto no f. 6, cujo verso, reaproveitado, guarda 4 linhas datilografadas da crônica de MA, “Terno itinerário ou trecho de antologia”, variante do texto publicado no *Diário Nacional*, São Paulo, 15 fev. 1931; Nota MA, a grafite, na vertical, no verso do f. 7: “Prefácios/ abandonados de/ Belazarte”; f. 1-7.

2. *Belazarte*. Versão em exemplar trabalho da edição *princeps*. [São Paulo, 1934?], acompanhado de nota de pesquisa para o *Dicionário musical brasileiro*.

ANDRADE, Mário de. *Belazarte*. São Paulo: Editora Piratininga S.A., 1934.

Brochura *in octavo*, costurada; capa branca com desenho em cores, assinado “Tokanaan”; tem no alto, impresso em verde: “belazarte” e, em preto, na parte inferior: “mario de andrade/ Editora Piratininga s/a. = SÃO PAULO 1934”; no dorso, título em preto repetido no sentido esquerda > direita; do mesmo modo, autor e data aparecem na horizontal no alto e embaixo; miolo com 160 páginas numeradas de 8 a 152; papel branco envelhecido, 19,3 x 14,5 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 8-89.

Na página de rosto, em preto, no alto, no centro e na parte inferior, lê-se: “MARIO DE ANDRADE/ BELAZARTE/ (CONTOS)/ CAPA DE/ JOAQUIM ALVES/ 1934/ EDITORA PIRATININGA/ SÃO PAULO”. No verso está: “DO AUTOR: /*Ha uma Gota de Sangue em cada Poema* - 1917 (poesia)./ *Paulicea Desvairada* - 1922 - (poesia) - ed. Mayença./ *A Escrava que não é Isaura* - 1925 - (poética)./ *Losango Cáqui* - 1926 - (lirismo)./ *Primeiro Andar* - 1926 - (contos) - ed. Editora Piratininga./ *Amar, Verbo Intransitivo* - 1927 - (idílio) - ed. Antonio Tisi./ *Clan do Jaboti* - 1927 - (poesia)./ *Macunaíma* - 1928 - (rapsodia)./ *Ensaio sobre Musica Brasileira* - 1928 - (estetica e folclore) - ed. Chiarato./ *Compendio de Historia da Musica* - 1929 - (2.º edição) - ed. L. G. Miranda./ *Modinhas Imperiais* - 1930 - (antologia) - ed. Chiarato./ *Remate de Males* - 1930 (poesia)./ *Fräulein* - 1933 - (“Amar, Verbo Intransitivo”, adaptado pra americano, por M. Richardson Hollingsworth) - ed. Macaulay./ *Belazarte* -1933 - (contos) - ed. Piratininga./ EM PREPARO:./ *Música, doce Música* - (estudos musicais)./ *A Musica dos Brasís*./ *Café* - (romance)./ *Na Pancada do Ganzá* - (folclore nordestino)./ *João Bobo* - (romance)./ *Dicionario Musical Brasileiro*.

Página de rosto seguida de folha de guarda, tendo no anverso a dedicatória: “A/ ANTONIO/ DE/ ALCANTARA MACHADO”.

No final do livro, acham-se 3 folhas de guarda com informações no anverso e 1 em branco; na primeira está: “BIBLIOGRAFIA: Estes contos foram planejados pra servirem de in-/termedios a umas Crônicas de Belazarte, publicadas na/ ‘América Brasileira’. De cinco em cinco crônicas, um/ se intercalava. Foram assim publicados os dois primei-/ros, ‘O Bezouro e a Rosa’ (América Brasileira de feve-/reiro de 1924) e ‘Caim, Caim, e o Resto’ (América Bra-/sileira de julho de 1924). Depois, impulsos de

camara-/dagem me obrigaram a sair da revista, que aliás morreu/ logo. Ficaram os contos já escritos no calor do plano/ inventado, e outros no desejo. Dêstes, alguns tiveram rea-/lização, e vão também aqui. ‘O Bezouro e a Rosa’ foi/ ainda publicado, e sem as restrições de revista, no/ livro *Primeiro Andar*, como página de encêrro. O ‘Caso/ em que entra Bugre’, escrito aliás muito posteriormente/ e fóra do plano, foi publicado no número de 14 de julho/ de 1929, do ‘Diario Nacional’, de São Paulo. O conto/ ‘Menina de Olho no Fundo’ foi publicado no n.º 6 da/ ‘Revista Nova’, de São Paulo.”. Na segunda folha de guarda vem: “INDICE/ Caim, Caim e o resto/ Piá não sofre? Sofre./ Túmulo, túmulo, túmulo/ Caso em que entra bugre/ Menina de olho no fundo/ Jaburu malandro/ Nízia Figueira, sua criada.”; e na terceira: “Esta edição De Mil Exemplares/ De Belazarte Se Terminou Aos/ Trinta De Dezembro De Mil/ Novecentos E Trinta E Tres/ Nas Oficinas Graficas De Arduino/ Rossolillo Para A Editora Pirati-/ninga Em São Paulo.”.

O exemplar abriga:

P. de rosto (f. 9): etiqueta de identificação da biblioteca MA, preenchida por ele a tinta preta:

MARIO DE ANDRADE	
F	I
e	50

Nota MA a grafite: “27- /62-”; números relativos às páginas onde estão: grifo na palavra “ganzava” e correção a erro tipográfico na interjeição “ôh”, grafada “os”.

3. *Belazarte*. Versão em exemplar de trabalho na 2ª edição. [São Paulo, 1944?]

ANDRADE, Mário de. *Belazarte*. Rio de Janeiro: Americ-Edit, 2ª ed., 1944.

Brochura *in octavo*, costurada; capa bege; no centro, retângulo de cor laranja com as indicações em preto: “MARIO DE ANDRADE/ BELAZARTE/ AMERIC = EDIT.”, as quais se repetem no dorso, na horizontal; miolo com 208 páginas numeradas de 14 a 201; papel branco envelhecido, 19,7 x 13,3 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 90-195.

Nas abas, em preto, está: “AMERIC=EDIT./ publicou:/ Na coleção ‘Joaquim Nabuco’/ 1/ ASPECTOS/ DA LITERATURA/ BRASILEIRA/ de/ MÁRIO DE ANDRADE/ 2/ A VIDA/ DE/ JOAQUIM NABUCO/ de/ CAROLINA NABUCO/ 3/ CONFISSÕES/ DE/ MINAS/ de/ CARLOS DRUMMOND DE/ ANDRADE/ 6/ CAMÕES/ de/ CRISTIANO MARTINS”. Na quarta capa vem, em preto e laranja, a relação das obras tiradas pela editora.

Há 2 folhas de guarda; a segunda traz, no centro, em preto: “BELAZARTE” e, no verso, a relação de títulos: “OBRAS DO AUTOR/ Há uma Gota de Sangue em cada Poema – *poesia* – 1917./ Paulicea Desvairada – *poesia* – 1932./ A Escrava que não é Isaura – *poética* – 1925./ Losango Cáqui – *lirismo* – 1926./ Amar, Verbo Intransitivo – *idílio* – 1927; ed. renovada em 1943./ Clan do Jaboti – *poesia* – 1927./ Macunaíma – *rapsódia* – 1928, 1937, 1943./ Ensaio sobre Música Brasileira – *estética e folclore* – 1928./ Compêndio de História da Música – 1929, 1933, 1936; ed. renovada e, 1942, sob o título ‘Pequena História da Música’ – 1943./ Modinhas Imperiais – *crítica e antologia* – 1930./ Remate de Males – *poesia* – 1930./ Fraulein – Trad. norte-americana de ‘Amar, Verbo Intransitivo’ por Margaret Richardson Hollingsworth – 1933./ Belazarte – *contos* – 1934; ed. renovada em 1944./ Música, Doce Música – *estudos* – 1934./ O Aleijadinho e Álvares de Azevedo – *ensaios* – 1935./ A Música e a Canção Populares no Brasil – *ensaio bibliográfico* – 1936; in ‘Folclore Musical’, Inst. de Coopération Intellectuelle, 1939./ Cultura Musical – *discurso de paraninfo* – 1936./ O Samba Rural Paulista – *folclore* – 1937./ Os Compositores e a Língua Nacional; a Pronúncia Cantada e o

Problema do Nasal Brasileiro através dos Discos – in Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada – 1938./ Namoros com a Medicina – *crítica e folclore* – 1938./ A Expressão Musical dos Estados Unidos – *crítica* – 1940. trad. argentina – 1942./ Música do Brasil – *história e folclore* – 1941./ A Nau Catarineta – *folclore* – 1941./ Poesias – 1941./ O Movimento Modernista – *críticas* – 1942./ Aspectos da Literatura Brasileira – *críticas* – 1943./ O Baile das Quatro Artes – *ensaios* – 1943./ Os Filhos da Candinha – *crônicas* – 1943.”.

Na página de rosto, em preto, no alto, no centro e na parte inferior da página se lê: “MARIO DE ANDRADE/ BELAZARTE/ AMERIC = EDIT.”

No verso da página de rosto está: “*Foram tirados desta segunda edição/ cinco exemplares, fora de comércio,/ em papel de Linho ‘Imperial Ledger’/ Reservados todos os direitos para a língua portuguesa./ Copyright 1944 by AMERIC = EDIT.*”

Página de rosto seguida de 2 folhas não numeradas, tendo no anverso, respectivamente: “A/ Antonio de Alcantara Machado” e “NOTA”.

No final do livro há 2 folhas de guarda; a primeira traz, no anverso: “ÍNDICE/ O besouro e a Rosa/ Jaburu malandro/ Caim, Caim e o resto/ Menina de olho no fundo/ Túmulo, túmulo, túmulo/ Piá não sofre? Sofre./ Nízia Figueira, sua criada.”. O verso testemunha: “Os exemplares em ‘Linho Imperial Ledger’,/ assim como os outros, foram impressos em/ papel da ‘Cia. Fábrica de Papel Petrópolis’/ (BRASIL);” e a segunda, no anverso: “Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da/ INDÚSTRIA GRÁFICA CRUZEIRO DO SUL LTDA./ para a/ AMERIC = EDIT./ Rio de Janeiro/ Brasil/ Enderêço telegráfico:/ AMERICEDIT/ Caixa Postal/ 429.”; o livro termina em 1 folha de guarda.

O exemplar abriga:

Segunda folha de guarda (f. 92):

Notas MA a lápis vermelho: “45-46-55-56-95-102-105-107-/ 108-178-179-191-197-”; a lápis azul: “Erros novos: 197-”.

P. 95 (f. 138):

Nota MA a lápis vermelho: acréscimo ao 2º parágrafo de “Menina de olho no fundo”: “que não era fraco não: capaz de aguentar com a dona”.

P. 197 (f. 189):

Nota MA a lápis vermelho: acréscimo ao 2º parágrafo de “Nízia Figueira, sua criada”: “; prima Rufina se dava com todos./ Nízia serenamente continuava”.

P. 9-201 (f. 95-191):

Refusão do texto, por meio de rasuras a tinta preta, a lápis vermelho e azul: correção a erro tipográfico, acréscimos, supressões, substituições e correções;

Verso da quarta capa (f. 195):

Nota MA: a grafite: “Romance sem Personagem”.

4. Documentos anexados ao dossiê

4.1. *O Bezouro e a Rosa*. Versão em exemplar de trabalho. [São Paulo, 1924?/1925?] ANDRADE, Mário de. *O BEZOURO E A ROSA*. *América Brasileira*, a. 3, n° 26; Rio de Janeiro, fev. 1924.

Fac-símile da versão que conjuga o texto impresso e rasuras a grafite, lápis azul e tinta preta; 1 folha solta, retirada da revista, 32,2 x 23,5 cm; impressa em 3 colunas no anverso e 2 no verso; no alto se vê: “CHRONICAS DE MALAZARTE/ V/ (INTERMEDIO)/ O BEZOURO E A ROSA”, assinatura impressa no final: “Mario de ANDRADE”; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 196-197.

4.2. *O Bezouro e a Rosa*. Versão em exemplar de trabalho do conto na 1ª edição de *Primeiro andar*. [São Paulo, 1943?]

ANDRADE, Mário de. “O Bezouro e a Rosa”. In: *Primeiro andar: contos*. São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926.

Brochura *in octavo*, costurada; capa bege com cercadura pontilhada em verde e, impresso em preto: “Mario de Andrade/ Primeiro/ Andar/ Contos/ CASA EDITORA ANTONIO TISI/ R. FLORENCIO DE ABREU, 4 – S. PAULO/ 1926”; no dorso estão: título, em preto, no sentido vertical esquerda > direita; autor e subtítulo “Contos”, na horizontal, no alto e em baixo; o miolo compõe-se de 208 páginas numeradas de 4 a 198; papel branco envelhecido, 19,5 x 14,6 cm, bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 198-303.

Na página de rosto, em preto, no alto, no centro e na parte inferior da página se lê: “Mario de Andrade/ Primeiro/ Andar/ Contos/ CASA EDITORA ANTONIO TISI/ R. FLORENCIO DE ABREU, 4 – S. PAULO/ 1926”.

No verso da página de rosto se vê a relação de títulos: “DO AUTOR/ PUBLICADOS:/ Ha uma Gota de Sangue em cada Poema (Poesia), 1917/ Paulicea Desvairada (Poesia), 1922/ A Escrava que não é Isaura (Poética), 1925/ Losango Cáqui (Poesia), 1926/ POR PUBLICAR: Amar, Verbo Intransitivo (Idílio)/ Clan do Jaboti (Poesia)/ Gramatiquinha da Fala Brasileira (Idílio tecnico) / João Bobo (Romance).”

Na folha seguinte, não numerada, está no anverso, em preto, o texto de apresentação da obra, assinado “MARIO DE ANDRADE/ Junho de 1925”. No final do livro, encontram-se 3 folhas não numeradas, a primeira com a nota: “*Certas frases de ‘Cocoricó’ não provarão absolutamente/ que antedatei essa chatice. Foram inseridas posteriormente no/ conto. Que figura neste livro tal-e-qual alguns outros apenas/ provando a incapacidade passadista minha. Não é tanto lam-/bugem pros inimigos não. É certo respeito ironico de proprie-/tário de fábrica pelo mascate que já foi.*”; a segunda dispõe: “INDICE/ Conto de Natal/ Cocoricó/ Caçada de Macuco/ Caso Pansudo/ Por trás da porta/ Galo que não cantou/ Eva/ Brasília/ História com Data/ Moral Quotidiana/ O bezouro e a Rosa”, e a terceira: “Esta edição de dois mil e quinhentos exemplares do Primeiro/ Andar se terminou aos 15 de/ Setembro de 1926 nas oficinas/ da Tipografia Rio Branco Rua/ Liberdade 43-a em São Paulo”.

O exemplar abriga:

P. de rosto (f. 199): etiqueta de identificação da biblioteca MA, preenchida por ele a tinta preta:

MARIO DE ANDRADE	
F	I
e	57

P. 185-197 (f. 293-299):

Refusão do texto “O Bezouro e a Rosa” em [1943?], por meio de rasuras a tinta vermelha, visando à publicação do conto em *Belazarte* (Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1944).

4.3. *Caim, Caim e o resto*. Versão em exemplar de trabalho, visando à publicação em *Belazarte*. [São Paulo, 1924?/1925?]

ANDRADE, Mário de. *CAIM, CAIM E O RESTO*. *América Brasileira*, a. 3, nº 31; Rio de Janeiro, jul. 1924.

Fac-símile da versão que conjuga o texto impresso e rasuras a grafite e tinta preta; 1 folha solta, 31,6 x 22,7 cm, não numerada, retirada da revista; impressa em 3 colunas no anverso e 2 no verso; tem no alto: “CHRONICAS DE MALAZARTE/ X/ CAIM, CAIM E O RESTO/ (INTERMEDIO)”, assinatura impressa no verso: “Mario de ANDRADE”; papel branco amarelecido; sinais de fungo e rasgamento; f. 304-305.

5. Documentação complementar

5.1. [*Belazarte*]/ [*Os contos de Belazarte*]. Versão em apógrafo de exemplar de trabalho desaparecido [1943?]/ boneco da 2ª edição, 1944, e da 3ª edição, 1947.

O boneco mostra-se encadernado em percalux vinho, *in octavo*; capa: 19,3 x 14,3cm; miolo: 18,2 x 13,3 cm; sem capa e página de rosto originais; no final do volume, riscado a grafite o índice impresso e, no verso dele datilografada a substituição, com a nova seqüência dos contos; o miolo é um exemplar da primeira edição (Piratininga, 1934) desmontado para compor a nova seqüência, destinada à 2ª edição de *Belazarte* pela Americ-Edit., em 1944; anulada a grafite numeração impressa das páginas; nova numeração a tinta preta. O boneco serviu à edição Martins, em 1947, intitulada *Os contos de Belazarte*.

O volume traz os contos: “Jaburu malandro”, “Caim, Caim e o resto”, “Menina de olho no fundo”, “Túmulo, túmulo, túmulo”, “Piá não sofre? Sofre.” e “Nízia Figueira, sua criada.”.

6. Notas da pesquisa

6.1. As datas apostas ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura dos textos. Por se tratar de hipóteses, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

6.2. O projeto acatou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta e a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

6.3. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

6.4. Entre outubro de 1923 e julho de 1924, MA publica na revista de Elísio de Carvalho, *América Brasileira*, do Rio de Janeiro, suas 10 “Crônicas de Malazarte”.

6.5. “O besouro e a Rosa”, assim como “Caim, Caim e o resto”, textos extraídos *América Brasileira*, a. 3 nº 26 e 31, Rio de Janeiro, fev., jul. 1924, pertencem ao álbum de recortes da produção jornalística de MA, organizado pela irmã do escritor, Maria de Lourdes Moraes Andrade (1901-1989); integra a série Matérias extraídas de

periódico do Arquivo Mário de Andrade. Ambos os textos receberam reformulação do escritor, provavelmente em 1925, para serem incluídos, respectivamente, na 1ª edição de *Primeiro andar* (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926) e na 1ª edição de *Belazarte* (São Paulo: Editora Piratininga, 1934). Para estabelecer a cronologia da criação, cópia fac-similar do recorte foi inserida no dossiê de *Belazarte/ Os contos de Belazarte*. Ref. cruzada: recortes MA – R. 35.

6.6. A carta de MA a Prudente de Moraes, neto, de julho de 1925, revela que naquele ano já existiam contos concluídos para *Belazarte*: “Ou posso mandar um dos contos de *Belazarte*, escolha pelo nome ‘Jaburu malandro’ ou ‘Menina de olho no fundo’. São ambos trabalhos longos.” (KOIFMAN, Georgina, org. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto. 1924/1936*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 89; data estabelecida como posterior a 14 de julho de 1925).

6.7. Em 1926/1927 MA publica *Primeiro andar*, onde “O bezouro e a Rosa” incorpora a refusão do texto na página retirada da *America Brasileira*, na versão em exemplar de trabalho.

6.8. A 1ª edição de *Primeiro andar* sai do prelo da Casa Editora Antonio Tisi, datada de setembro de 1926. Em carta a Carlos Drummond de Andrade, de “nem sei se é 18 ou 19” de janeiro de 1927, MA revela: “Pois hoje recebi o primeiro exemplar do meu Primeiro Andar, até que enfim, puxa! Imagine que o livro sai datado de setembro do ano passado, se eu ficar célebre seria muito engraçado que os bibliógrafos se pusessem procurando nos jornais a notícia do livro e só depois de janeiro essas notícias aparecessem...”. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 264.). O exemplar de MA do livro de contos transformou-se em exemplar de trabalho de “O besouro e a Rosa”, portanto, transferido ao dossiê de *Belazarte/Os contos de Belazarte* (V. classificação deste manuscrito).

6.9. Em 1928, na 1ª edição de *Macunaíma*, a relação das obras do autor acusa *Belazarte* como “em preparo”.

6.10. Em 1930, ao que se pensa, MA datilografa um “Prefácio” e, no ano seguinte, outro, no verso da folha 6 onde está trecho descartado da crônica “Terno itinerário ou trecho de antologia”, publicada em 15 de fevereiro de 1931 no *Diário Nacional*, em São Paulo, assinada Mário de Andrade. Em 1931, o escritor recorta e funde os dois textos, e apõe a indicação “Prefácios abandonados de *Belazarte*”, os quais exibem, portanto, dois momentos da criação, na datilografia.

6.11. Em 1934 sai, pela Editora Piratininga de São Paulo, *Belazarte* com dedicatória a Antônio de Alcântara Machado, autor de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, livro de contos de 1925 que retrata o imigrante italiano na capital paulista. A Piratininga, em 1920, publicara a edição de luxo de *As máscaras* de Menotti del Picchia.

6.12. A capa da 1ª edição de *Belazarte*, moderna e colorida, é assinada por Iokanaan, pseudônimo de Joaquim Alves (1911-1985); transpõe a história de Ellis, criado de Belazarte, personagens de “Túmulo, túmulo, túmulo”.

6.13. A indicação “F/ I/ e/50”, em ficha colada na página de rosto de exemplar da 1ª edição de *Belazarte*, no arquivo de MA, oferece a localização do livro na biblioteca do autor, na casa da rua Lopes Chaves, 108 (depois 546): sala F ou o estúdio no andar superior, estante I, prateleira e, nº 50. O mesmo ocorre com o exemplar de trabalho do conto “O besouro e a Rosa”, em exemplar de *Primeiro andar*.

6.14. Na página 27 do exemplar de trabalho na edição *princeps*, a palavra “ganzava” é utilizada para remeter à sonoridade do ganzá, instrumento que consta da pesquisa de MA iniciada em 1929 para o *Dicionário musical brasileiro*, obra inacabada que recebeu publicação póstuma por Oneyda Alvarenga e Flávia Toni (ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. Coordenação Oneyda Alvarenga, 1982-84 e Flávia Camargo Toni, 1984-1989. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989).

6.15. No arquivo de MA, a série Correspondência revela a negociação do escritor com Max Fischer, editor da Americ-Edit, entre junho e setembro de 1943, sobre a edição carioca de *Belazarte*.

6.16. Em 1943, provavelmente, MA criou nova versão de “O besouro e a Rosa”, rasurando a tinta vermelha o texto no exemplar da edição *princeps* de *Primeiro andar*; a reformulação visava à transferência do conto para a 2ª edição de *Belazarte* em 1944, pela Americ-Edit.

6.17. A 2ª edição de *Belazarte*, em 1944, apresenta problemas de revisão. Na relação das obras do autor, no verso da folha de guarda, *Paulicéia desvairada* tem 1932, como data de publicação, e não 1922; no índice, no final do livro, o título do terceiro conto “Caim, Caim e o resto” surge como “Caim, Caim, Caim”. Além disso, MA prepara um exemplar em que corrige, a lápis vermelho, falhas da edição. Em carta a Newton Freitas, em 15 de fevereiro de 1945, externa seu descontentamento com a tiragem e anuncia a publicação de Obras Completas com a Livraria Martins Editora: “Estou brigando com a Americ-Edit. que fez uma edição do *Belazarte* que em 180 e poucas páginas tinha 124 erros de revisão! Fiz suspenderem a venda, e a Associação Brasileira de Escritores a quem entreguei o caso, está pleiteando rescisão do contrato ou edição nova. Prefiro rescisão, que assim o livro já iria pras Obras Completas, mas justo pra não demonstrar que estou com má vontade pus o caso nas mãos da ABDE.” (FREITAS, Newton, org. Correspondência de Mário de Andrade. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – USP*, São Paulo, nº 17, p. 120, 1975).

6.18. A pesquisa anexou ao dossiê de *Belazarte/Os contos de Belazarte* o apógrafo do exemplar de trabalho de MA, doado ao IEB-USP pelo Prof. Dr. Valentin Faccioli; o exemplar, da tiragem da 1ª edição (Piratininga, 1934), desmontado para compor a nova ordenação dos contos, mostra-se como boneco, com marcas convencionais das oficinas gráficas, a grafite, a tinta preta, a lápis de ponta vermelha e azul; copia um possível exemplar de trabalho de MA, pois as rasuras em letra de terceiro deságuam, a maioria, na edição Americ-Edit., de 1944. É provável que o escritor tenha entregado um exemplar de trabalho de *Belazarte* à Americ-Edit., o qual, encaminhado por ele, em 1944 à Livraria Martins Editora, deu origem à réplica, isto é ao apógrafo revestido

em pecarlux vinho, texto-base da edição Martins de *Os contos de Belazarte*, em 1947. (V. MARQUES, Aline Nogueira. Uma história que Belazarte não contou. In: ANDRADE, Mário de. *Os contos de Belazarte*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.)

6.19. O apógrafo tem início no conto “Jaburu malandro”, pois há alteração na seqüência dos títulos; na edição Americ-Edit. de *Belazarte*, contudo, primeiro conto é “O bezouro e a Rosa”. Este não faz parte do apógrafo porque a versão que entra em *Belazarte*, será aquela reescrita no exemplar de trabalho do conto, na edição *princeps* de *Primeiro andar* (p. 185-198).

6.20. O título novo, enquanto volume V das Obras Completas, – *Os contos de Belazarte* – é assim anunciado em junho de 1944, na *Pequena história da música*. Previsto para 1945, sairia em 1947.

6.21. Em 2008, a nova publicação de obras de Mário de Andrade, protocolo de cooperação que une o IEB-USP e a Editora Agir do Rio de Janeiro, detentora dos direitos autorais do escritor, publica *Os contos de Belazarte* com o texto apurado por Aline Nogueira Marques.

6.22. O projeto *Mário de Andrade na pesquisa e na crítica de artes plásticas e música, através de seu arquivo*, sob orientação de Telê Ancona Lopez, foi realizado por Hugo Camargo Rocha, o qual produziu a primeira classificação dos documentos.

Trajeto da criação:

1924

MA, na série de suas 10 “Chronicas de Malazarte” na *América Brasileira* (Rio de Janeiro, out. 1923-jul. 1924), publica os contos “O bezouro e a Rosa”, em 26 de fevereiro e “Caim, Caim e o resto”, em julho.

[1924?]

1º momento da refusão dos textos: retirada das páginas da revista (não numeradas) para constituir exemplares de trabalho de “O bezouro e a Rosa” e “Caim, Caim e o resto”, e reescritura; rasuras a tinta preta – substituições e acréscimos – criam a 2ª versão dos textos.

[1925?]

2º momento da refusão dos textos: nos exemplares de trabalho, rasuras a grafite: substituição, acréscimo e correção a erros tipográficos em ambos os contos fazem a 3ª versão dos textos.

1926/1927

Em 15 de setembro de 1926, término da impressão da edição *princeps* de *Primeiro andar* na Tipografia Rio Branco em São Paulo; nas livrarias em janeiro de 1927, traz o texto de “O bezouro e a Rosa” conforme a 3ª versão, no exemplar de trabalho, p. 183-198.

1930

Em 2 de maio, MA escreve a primeira versão do prefácio de *Belazarte*.

1931

É provável que antes de 15 de fevereiro, MA tenha escrito a segunda versão do prefácio de *Belazarte*, no verso de folha contendo trecho descartado da crônica “Terno itinerário ou trecho de antologia”, publicada em 15 de fevereiro de 1931 no *Diário Nacional*, em São Paulo. MA recorta trechos e funde os dois textos sob o título “Prefácios abandonados de Belazarte”. Não publica o prefácio que verá a luz no “Dossiê” de *Os contos de Belazarte*, edição de Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 145-151.

1933

Em 30 de dezembro, “Caim, Caim e o resto”, versão no exemplar de trabalho, integra a 1ª edição de *Belazarte*.

1934

Belazarte nas livrarias. São Paulo: Editora Piratininga.

[1943?]

3º momento da refusão em “O bezouro e a Rosa”: o escritor compõe novo exemplar de trabalho do conto, ao rasurar o texto na edição *princeps* de *Primeiro andar*; escreve, assim, a 4ª versão para a 2ª edição de *Belazarte* (Rio de Janeiro: Americ-Edit., 1944). Teria preparado também um exemplar de trabalho de *Belazarte*, na edição de 1934, entregue à editora e hoje desaparecido.

1944

Publicação da 2ª edição de *Belazarte* pela Americ-Edit. do Rio de Janeiro; texto repleto de infidelidades ao original conforme se deduz da correção de MA a tinta preta, lápis vermelho e azul. O escritor solicita à Associação Brasileira de Escritores a retirada da 2ª edição do mercado.

O projeto da Obras Completas de MA pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, ocasiona o repasse do exemplar de trabalho a esta que confecciona apógrafo, encadernado em percalux vinho.

[1947]

O apógrafo dá base a *Os contos de Belazarte*, volume V, nas Obras Completas de Mário de Andrade.

ANDRADE, Mário de (1893-1945)
Macunaíma, o herói sem nenhum caráter
São Paulo: [1926-1929, 1936-1937?/-1944?]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE
ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE – IEB/USP

O dossiê composto pela pesquisa colige documentos no arquivo Mário de Andrade: notas de trabalho de 1926-1928, precedendo a edição *princeps* (1ª edição); notas anteriores à versão no exemplar de trabalho na 1ª edição (pós. 1928); versão em exemplar de trabalho na edição *princeps* (São Paulo: edição do autor na Gráfica Eugenio Cupolo, 1928); notas para a tradução do livro; versão em exemplar de trabalho na 2ª edição (São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1937); exemplar de trabalho anunciado em exemplar com os cadernos fechados da 3ª edição (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944). Fólios numerados pela pesquisa: 1-368.

A estes documentos foram anexados os manuscritos oferecidos por MA a seu amigo Luís Saia, possivelmente em 1936 ou 1937, e doados ao IEB pelo filho deste, José, em 1995; datam de 1926-1928 e são: notas de trabalho, dois prefácios, dois índices e as duas primeiras páginas da 2ª versão e da “versão definitiva”. Fólios numerados pela pesquisa: 369-397.

1. Documentos originais no Arquivo Mário de Andrade

1.1. [Macunaíma]. [São Paulo, 1926-1928]. Notas de trabalho/ pesquisa. Envelope; papel verde desbotado, 12,3 x 15,5 cm; sinais de fungo; f. 1. Envelope de papel verde desbotado contendo notas de trabalho anteriores às versões em manuscrito e na edição *princeps*:

1.1.1 “Ditado/ passar manteiga em/ venta de gato/ por/ está vencido, desapareceu/ n 170 p. 78/ e p 79/ O São Subera é um santo/ que não protege ninguém/ e/ sair/ tomando bença a cachorro/ chamando gato meu tio/ por/ sair atrapalhado, zonzo”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 2.
Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.1.2. “Macunaíma/ Mendonça Mar/ 409, 226”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,3 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 3.

1.1.3. “Macunaíma/ O papagaio que/ falava a lingua/ extinta/ n 194 p 232”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,7 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 4.

1.1.4. “Macunaíma/ Tambem nas aldeias/ vascas se chama/ o sol de avó (no/ feminino)/ 485, ano 1924, p. 169”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 5.

1.1.5. “Macunaíma/ Ver a doença/ amerindia do/ purupurú/ Bol. do Museu Nac./~~vol~~ ~~IV~~, fasc. 3/ vol VI/ p 207”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 6.

1.1.6. “Macunaíma/ a formiga-doida, uma/ especie que anda rapi-/dissimo em todas as/ direções. É muito/ pequenininha./ n 134-III-1166”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,7 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 7.

1.1.7. “Macunaíma/ Macacos/ n 134-III-1130/ É o Martins/ Não cataloga-/do”. Nota; autógrafo a grafite e a lápis vermelho; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,7 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 8.

1.1.8. “Macunaíma/ Entre os Bororo a se-/ta é considerada/ + ou – como unidade/ monetaria; e entre/ os Arekuná o ro-/lo de fio de algodão/ Bol. do Museu Nac./ vol VI fasc 3/ p 247”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,7 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 9.

1.1.9. “Macunaima/ ‘terrenos levantados’/ n 134-III-1231”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 10.

1.1.10. “Peixes/ uvú = peixe do/ Tietê/ J. do Comercio/ Rio/ 26-IV-31/ pg. 3, coluna 7ª”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 11,1 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 11.

1.1.11. “Macunaíma/ peixes/ 601, 75”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,1 x 6,9 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 12.

1.1.12. “Macunaíma/ Veados/ 494, 138”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,4 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 13.

1.1.13. “Macunaíma/ nomes de embar-/cações/ 601, 174”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10 x 6,9 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 14.

1.1. 14. “Macunaíma/ Gimbo, Jibungo/ dinheiro/ 621, 46”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,2 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 15.

1.1.15. “Caruana/ nº 202-I-119”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 16.

1.1.16. “Macunaima/ n 202/ p 42-74-95-98-109-/113-120-129-140-146-/147-150-”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,7 x 6,7 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 17.

1.1.17. “Macunaíma/ 202-II-/ pgs 15-16-20-31-32-33-36/ 37-49-51-62-72-74-/124-129-139-142-/167-”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 18.

1.1.18. “Macunaíma/ 312 p 118”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 19.

1.1.19. “Macunaima/ ‘piranhas devoran-/do piranha’/ veja/ 210 p 67”. Nota; autógrafo a tinta preta; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 20.

1.1.20. “Macunaíma/ – O que é que é que a mulher le-/va na frente e o homem leva/ atrás/ – Puxa! mas que sujeito porco vo-/cê também!/ – Pois é o M, rapaz!/ – Ai, é mesmo!... Pois não é que/ eu até ia me esquecendo da/ etimologia/ – Do que!/ – Vamos pra diante, isso de etimo-/logia você não entende mesmo.” Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 14,3 x 10,4 cm; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 21.

1.1.21. “Macunaíma/ ‘Brincar’/ Nas cantigas de casa-/mento (sec. XVI) em/ Portugal, parece que a/ ‘Brincar’ davam/ o sentido que dei a/ êle neste livro./ Do poeta Chiado:/ ‘Ella moça a êle moço/ Bem se foram ajuntar/ Por vós se pode cantar:/ Deitem o noivo no poço/ Si com a noiva não brincar’./ nº 11 da Bibliografia/ II, 322”. Nota; autógrafo a tinta preta; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,3 x 7 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 22.

1.1.22. “p. 272/ A raiva de Vei a Sol/ por Macunaíma não/ ter se amulherado com/ uma das filhas da luz,/ é porque nós vivemos/ errados, em vez de termos/ criado uma civilização/ nascida diretamente da/ terra tropical e suas exi-/gencias até morais, como/ Indianos, Chineses e Az-/tecas (filhas da luz), impor-/tamos a civilização de cli-/ma temperado (as francesas/ e varina) da Europa.”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso 10,3 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 23.

1.1.23. “Macunaima/ Maraguigana/ n 194 p 106/ =/ Ursa Maior/ n 194 p 107”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 24.

1.2. [*Macunaíma*]. [Belém, jun./ Marajó, 29 jul. 1927]. Notas de trabalho/ pesquisa: 4 anotações feitas durante a viagem de MA Turista Aprendiz ao Norte do Brasil, entre 7 de maio e 15 de agosto de 1927; autógrafo a grafite no verso de 1 folha de bloco de bolso; papel milimetrado, 10,6 x 15,2 cm; no anverso, desenho a grafite de MA, “Fazenda Sant’ Ana/ boca do rio Arari/ Marajó”. Nota MA a grafite: X anulando as duas primeiras notas, e rabiscos a grafite invalidando as últimas. Fac-símile de documento da Coleção de Artes Visuais de MA, no IEB-USP; f. 25.

A primeira nota refere-se a acompanhamento musical ao violão e as demais, à pesquisa para *Macunaíma*:

“Matamatá em japonês signifi-/ca: o que vai ser. Ora o mata-/ matá dizem que é parecido/ ~~com as escamas da matama-/ta~~ intermediariamente com/ 2 especies ou coisa que o valha/ de tartarugas (a mesma) uma/ de terra outra de agua. Tambem/ matamatá é a escada em que/ subiu ‘a que foi ser Lua’.

//

“Mac. ‘Funis, feixos e rasgões’/ acidentes de terreno, ver Teschauer/ em Funil.

//

“Mac. – Fritada de sururu de Maceió e efu um grande efuá de São Sal-/vador.”.

1.3. Notas de trabalho anteriores à versão no exemplar de trabalho na 1ª edição [São Paulo, pós 1928?]:

1.3.1. Pescar de puçá p 11/ Serrapilheira Tiriricas/ Trapoerabas p. 11/ carurús/ sororocas p. 12/ Peixes/ Piabas jejú matrinchão, jatuarana 20/ mosquitos p. 21/ formiga quemquem 26/ jaquitagua 104 [255/ papagaios 32/ Peixes 49, 56, 170, 250, 251,/ acidentes topográficos 55, 83, 152, 176,/ 188,/ 281,/ jacarés 57/ macacos 57/ sabiás 57/ frutas 63, 103, 257,/caças 64 e 65, 253/ pescas 169/ papagaios 231/ surubús 261. Nota; autógrafo a grafite e a tinta preta; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,3 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 26.

1.3.2. “Capitura da serrapilheira/ tajá-panema”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido, 8,1 x 13,1 cm; timbrado “MUSICA PARA TODOS/ IZZO & CAPOCCHI”; escrita no anverso, na vertical; sinais de fungo; f. 27.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.3. “Os Caingang brin-/cam de pauladas,/ enterrar-se na/ areia, queimar-se/ com palha, etc./ Boiteux, Hist. Ca-/tarinense/ p. 62”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,2 x 7 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; f. 28.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.4. “Macunaíma/ O mosquito marigui/ 494, 123”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,4 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 29.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.5. “Macunaíma/ A reunião de va-/rias causas se/ chama ajojo/ 301 p. 18/ =====/ ‘enchente da passiva’/ a que se dá por/ março-abril no/ S. Francisco/ 301 p 34 31”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso, separada por traço horizontal; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 30.

Notas MA a grafite na vertical: “usado” sobre os dois textos.

1.3.6. “Macunaima/ Macaco Coxiú/ 274 p 36/ –/ formiga Carregadeira/ p 38/ – ”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso, separada por traço horizontal; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 31.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”, sobre a primeira parte da nota.

1.3.7. “Macunaíma/ sabiá-gute/ 312 p 257”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 32.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.8. “Macunaíma/ dinheiro = bicha/ 511, 41”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,4 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 33.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.9. “Macunaíma/ Calcáreo = dinheiro/ V. nº 441”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,2 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 34.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.10. “Macunaíma/ Gimbra = dinheiro/ 287 p 141”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 35.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.11. “Macunaíma/ ‘pataracos’/ dinheiro/ 510, 22”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 36.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.12. “Macunaíma/ Siridó = dinheiro/ 555, 139”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,3 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 37.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.13. “Macunaíma/ Mutúporanga, mu-/tum-de-fava, mutum/ de vargem, urumu-/tum/ n 134-III-1083”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,7 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 38.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.14. “Macunaíma/ ‘preto do genipapo, o/ amarelo da tatagiba/ o azul do pau cam-/peche...’/ Bol. do M. Nacional/ vol VII, nº 1/ pg 3”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 39.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.15. “Macunaíma/ nº 492/ Abelhas, p. 83/ – pedras preciosas, p. 185”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,4 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 40.

Nota MA a grafite: “usado”, sobre a segunda parte da nota.

1.3.16. “Macunaíma/ As paragem em/ que a serra se/ rebaixa suave-/mente (são cha-/madas) seladas./ 253 p. 60”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 41.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.17. “Macunaíma/ Quando Macunaíma/ vai experimentar si/ tem fôrça e vê que/ ainda não tem.../ ver o que acontece/ com os Apinajé/ ‘Boletim do Museu/ Nacional/ Vol IV, nº 2, ~~p. 61~~/ pg 65”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 42.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.18. “Macunaima/ Muraqué-itã/ n 134-III-1088/ escreve assim”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,7 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 43.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.19. “Redes de pescar/ Aparador/ Feiticeira/ Gradeira/ Gungá/ Miudeira/ J. do Comercio/ Rio/ 26-IV-31/ pg 3, 6ª coluna”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 44.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.20. “Anzoes e espinhéis/ (Sta Catarina)/ Arinque/ Pernambucano/ cambango/ –/ Processos de pesca/ Bate-bate/ Penca/ Cai-cai/ J. do Comercio, Rio/ 26-IV-31/ pg 3, 6ª coluna. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 45.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.21. “Macunaíma/ Quando Pietro Pietra/ vai pra Europa, quan-/do M. reconhece que/ não pode ir mesmo,/ ele reflete:/ – Não, não vou não. Sou/ americano e meu lugar/ é na America. Tenho/ medo que a civilização/ europeia deturpe á/ inteireza do meu/ caracter.” Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 46.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.22. “Macunaíma/ Abertão = clarei-/ra grande no mato/ J do Comercio, Rio/ 26-IV-31/ p. 3, coluna 6ª. Nota autógrafa a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,6 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 47.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.23. “Macunaíma/ O periquito Cú-ta-/pado./ 300 glossario p. 52”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 48.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.24. “Macunaima/ arara-taua/ 294 p 48”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,4 x 6,9 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 49.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.25. “Macunaíma/ Anta sabatira/ 601, 125/ –/ Onças (mesma pg.)/ –/ frutas, pg 129”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,1 x 6,9 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 50.

Notas MA: “usado” sobre a última linha e na vertical sobre o restante da nota.

1.3.26. “Macunaíma/ Urubú-ministro, u-/rubú-peba, urubú-/caçador, urubú de/ cabeça vermelha, e/ gereba = todos são/ o mesmo urubú/ 203 p. 19”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 51.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.27. “Macunaíma/ Urubú-paraguá, u-/rubú-peba,/ 203, p. 36”. Nota; autógrafo a tinta preta; papel branco amarelecido; folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 52.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.28. “Macunaíma/ Terminar a histo-/ria da india que/ casou com a Pa-/pacia, com o final/ da lenda identi-/ca dos Apinajé/ em/ Bol. do Museu Nac./ vol IV, pg 88/ nº 2

fasc.” Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,5 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 53.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.29. “Macunaíma/ Lugares topográficos ‘puxadouros, arras-/tadouros’/ n 134-III-1260”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,7 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 54.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.3.30. “Macunaima/ topografia/ ‘meios barrancos’/ pedaço de barranco/ que ainda fica á/ mostra nas cheias/ dos rios/ n 134-III-1306/ ‘varedas’/ p 1344/ atrás// o canal mais pro-/fundo dum rio/ navegável, cha-/ma-se ‘mãe do/ rio’ p 1354”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,6 x 6,7 cm; escrita na frente e no verso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 55.

Nota MA a grafite na vertical: “usado”.

1.4. *Macunaíma o herói sem nenhum carácter*. Versão em exemplar de trabalho na edição *princeps*. [São Paulo, 1929?-1936?]

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: edição do autor Gráfica Eugenio Cupolo, 1928.

Brochura *in octavo*, costurada, impressos na capa, traçada pelo autor: “MARIO DE ANDRADE” em preto; “Macunaíma” em vermelho e “o herói sem nenhum carácter/ S. PAULO – 1928”, novamente em preto; no dorso, título em vermelho no sentido vertical esquerda>direita; do mesmo modo, autor e data aparecem respectivamente na horizontal no alto e no pé da lombada; miolo com 288 páginas numeradas de 10 a 283; papel branco envelhecido, 19 x 13 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 56-201.

Folha de guarda seguida de página de rosto, onde se lê, impresso em preto: “MARIO DE ANDRADE/ Macunaíma/ o herói sem nenhum carácter/ São Paulo/ 1928”. No verso está: “DO AUTOR: /Ha uma Gota de Sangue em cada Poema – 1917 – (poesia)/ Paulicea Desvairada – 1922 – (poesia)/ A Escrava que não é Isaura – 1925 – (técnica)/ Losango Cáqui – 1926 – (lirismo)/ Primeiro Andar – 1926 – (contos)/ Amar, Verbo Intransitivo – 1927 – (idílio)/ Clan do Jabotí – 1927 – (poesia)/ Macunaíma – 1928 – (história)/ EM PREPARO:/ Ensaio sobre a Música Brasileira/ Compêndio de História da Música/ Gramatiquinha da Fala Brasileira/ João Bobo – (história)/ Belazarte – (contos).

Na página seguinte (f. 59), não numerada, está, no anverso, a dedicatória: “A/ Paulo Prado”.

No final do livro, acham-se 2 folhas não numeradas (f. 199-200); no anverso da primeira está o “INDICE” e no verso da segunda: “ESTA EDIÇÃO DE OI-/TOCENTOS EXEMPLA-/RES DE MACUNAÍMA/ SE TERMINOU AOS/ VINTE E SEIS DE JU-/LHO DE MIL NOVE-/CENTOS E VINTE OI-/TO, NAS OFICINAS/ GRAFICAS DE EU-/GENIO CUPOLO, LA-/DEIRA DE SANTA/ IFIGENIA VINTE/ UM, EM SÃO PAULO.”.

O exemplar abriga:

P. de rosto (f. 58):

Nota MA a grafite: “Prefácio pra uma possível/ 2ª edição: Ver grifo encarnado/ das pgs. 545 e 546 de ‘Europe’./ 1929, 15 de abril.”.

P. 10-285 (f. 61-199):

– Refusão do texto, por meio de rasuras a tinta preta: correções a erros tipográficos, acréscimos, substituições, supressões, alterações na pontuação e deslocamentos. Sobre o índice, f. 199, vigora nova numeração de capítulos, conforme a refusão no texto.

1.5. Prefácio/ V. Europe/ Abril de 1929/ p. 545 e 546/ grifos vermelhos”. Nota de trabalho; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco de bolso, 10,3 x 6,8 cm; escrita no anverso; borda superior picotada; sinais de fungo; f. 202.

1.6. [Notas para a tradução americana de Macunaíma]; [São Paulo, 1930?] Comentário e glossário; autógrafo a grafite; papel jornal; 6 folhas, 32,6 x 22 cm; escrita na frente e no verso; fólhos numerados pelo escritor a grafite a partir do 2º; sinal de vinco horizontal; sinais de fungo; f. 203-208.

1.7. *Macunaíma*. Versão em exemplar de trabalho na 2ª edição [São Paulo, 1937?]. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

Brochura *in octavo*, costurada, capa bege; no centro, retângulo de cor ocre com as indicações em preto: “MARIO DE ANDRADE/MACUNAÍMA/ 2ª edição/ Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora”, e ilustração de Poty em preto e branco; no dorso, novamente em preto, título no sentido vertical esquerda>direita; do mesmo modo, autor e editora aparecem respectivamente na horizontal no alto e no pé da lombada; miolo com 280 páginas numeradas de 10 a 275; papel branco envelhecido, 19 x 12,2 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 209-350.

Nas abas, em preto, está: “Mario de Andrade/ em preparo:/ A DONA AUSENTE/ (folclôre)/ A MUSICA DOS BRASIS/ CAFÉ/ (romance)/ JOÃO BOBO/ (romance)/ NA PANCADA DO GANZÁ/ (folclôre nordestino)”// Leia os romances/ de/ José/Americo/ de Almeida/ BAGACEIRA/ O BOQUEIRÃO/ COITEIROS”.

Na folha de guarda (f. 210); lê-se, no anverso, “Macunaíma” e, no verso, a relação de títulos: “OBRAS DO AUTOR/ Publicadas:/ Há uma Gota de Sangue em cada Poema – 1917/ – (poesia)/ Paulicéa Desvairada – 1932 – (poesia)/ A Escrava que não é Isaura – 1925 – (poética)./ Losango Cáqui – 1926 – (lirismo)./ Primeiro Andar – 1926 – (contos)/ Amar, Verbo Intransitivo – 1927 – (idílio)/ Clan do Jabotí – 1927 – (poesia)/ Macunaíma – 1928 (primeira edição); 1937 (2ª ed.) – (rapsódia)/ Ensáio sobre Música Brasileira – 1928 – (esté-/tica e folclôre)/ Compêndio de História da Música – 1929 (1ª edição); 1933 (2ª ed.); 1936 (3ª ed.)/ Modinhas Imperiais – 1930 – (antologia)/ Remate de Males – 1930 – (poesia)/ Fräulein – 1933 – (‘Amar, Verbo Intransitivo’/ adaptação para o norteamericano, por Marga-/ret Richardson Hollingsworth)/ Belazarte – 1934 – (contos)/ Luciano Gallet – 1934 – (Introdução aos ‘Estu-/dos de Folclôre’ de L. Gallet)/ Música, Doce Música – 1934 – (estudos musi-/cais)/ O Aleijadinho e Alvares de Azevedo – 1935 –/ (ensaios)/ A Música e a Canção Populares no Brasil – 1936/ – (ensáio bibliográfico)/ Cultura Musical – 1936 – (oração de paraninfo;/ separata da ‘Revista do Arquivo’ do Depar-/tamento de Cultura, de S. Paulo)/ Em Preparo:/ A Dona Ausente – (folclôre)/ A Música Dos Brasis/ Café – (romance)/ Na Pancada Do Ganzá – (folclôre nordestino)/ João Bobo – (romance)/ Dicionário Musical Brasileiro”.

Na página de rosto, em preto, centralizado no alto, no centro e na parte inferior da página se lê: “MARIO DE ANDRADE/ Macunaíma/ o heroi sem nenhum caracter/ Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora/ Rua do Ouvidor, 110 – Rio”.

Na página seguinte (f. 241), não numerada, está, no anverso, a dedicatória: “A/ Paulo Prado”.

No final do livro, acham-se 2 folhas não numeradas (f. 348-349) com informações no anverso; na primeira se lê: “INDICE”, e na segunda: “Este livro foi composto e impresso pela/ Empresa Grafica da ‘Revista dos Tribu-/nais’, á rua Xavier de Toledo, 72, em/ S. Paulo, para a Livraria José Olympio,/ Editora, Rio, em janeiro de 1937”. Na quarta capa vem, em preto, a relação das “Obras completas de Humberto de Campos” tiradas pela editora.

O exemplar abriga:

Capa (f. 209):

Nota MA a grafite: substituição de “2^a” para “3^a” edição e supressão do crédito da editora.

Verso da folha de guarda (f. 210):

Nota MA a tinta preta: supressão da relação de “Obras do autor”.

P. de rosto (f. 211):

Nota MA a tinta preta: traços anulando o créditos da editora.

P. 140, 152, 154, 162, 179, 183, 190, 197 (f. 279, 285, 286, 290, 299, 301, 304, 308):

Rasuras MA a tinta preta: correções a erros tipográficos.

P. 169 (f. 294):

Trecho: “ – Olha primo, pagar não posso não mas vou te dar um conselho que vale ouro: Neste mundo tem tres barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro e barra de sáia, não cáia!”.

Rasuras MA: acréscimo: “:” após “conselho”; supressão: “que vale ouro”.

1.8. *Macunaíma*. Exemplar de trabalho anunciado por meio de nota em exemplar da 3^a edição. [São Paulo, 1944?/1945?]

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

Brochura *in octavo*, costurada; impressos na capa branca os dizeres: “OBRAS COMPLETAS DE MARIO DE ANDRADE/ IV” em preto, “Macunaíma” em vermelho e “LIVRARIA MARTINS EDITORA/ SÃO PAULO”, novamente em preto; informações repetidas no dorso, nas mesmas cores; papel branco envelhecido; 22,2 x 14 cm; cadernos fechados; sinais de fungo; exemplar com os cadernos fechados; f. 351-367.

Capa (f. 351):

Rasura MA a tinta preta: correção à ausência do apostro no título “o heroi sem nenhum caracter”.

Nota MA a tinta preta: “Exemplar corrigido para servir/ a futuras reedições) M.”.

1.9. “Obras Completas/ Exemplares dados avulsamente, dentre/ os 30 que me são cedidos pelo Editor/ Macunaíma/ 1 – Meu/ 2 – Manuel Bandeira/ 3 – Carlos Drummond/ 4 Liddy e Chico/ 5 – Rodrigo/ 6 – Camargo Guarnieri/ 7 – Murilo Miranda/ 8 – Portinari/ 9 – Vinicius de Moraes/ 10 – Newton Freitas/ 11 – José Osório

de Oliveira/ 12 – Luis Saia/ 13 – José Bezerra Gomes/ 14 – Casemiro Fernandes (R. G. do Sul)/ 15 – Raymond Warnier/ 16 – Associados dos Func. Extranumerarios do E. de S. Paulo/ 17 – Rossini Tavares de Lima/ 18 – José Mauro de Vasconcelos”. [São Paulo, 1944-1945]. Nota; autógrafo a grafite, tinta preta e lápis vermelho; escrita no verso; papel timbrado no anverso: “MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE/ INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO”; papel branco amarelecido, 1 folha solta de bloco, 23 x 16,5 cm; sinais de fungo; f. 368.

2. Documentos anexados ao dossiê

2.1. “Macunaíma/ (Primeira página da/ primeira versão)”. [São Paulo, 1927].

Capa improvisada de papel jornal amarelecido; autógrafo a tinta preta; folha dupla, 32,7 x 21,9 cm, sem pauta; escrita no anverso; manchas e sinais de fungo; f. 369, 375; a capa abriga:

2.1.1. “Macunaíma/ (2ª versão completa)”. Versão do “1º Prefácio”/ 1º fólio do “Capítulo I”.

Autógrafo a grafite; 5 fólhos de papel branco amarelecido, 23,7 x 16,2 cm, arrancadas de caderneta costurada; 4 fólhos numerados 1 a 7; capa/folha de guarda, sem pauta, colada ao 2º fólio; no anverso se lê: “Andrade/ rua Lopes Chaves 108-São Paulo”/ “Macunaíma/ (2ª versão completa)/ Primeira versão:/ 16-XII-1926/a/ 23-XII-1926/ Segunda versão:/ 23-XII-1926/a/ 13-I-1927”. No verso da capa está o índice, precedido de: “Notas –/ O que está entre parênteses é ainda para resolver si fica ou não. As outras notas estão no contra-rostro da capa”; no pé do índice está o lembrete: “O sopraespinho se chama/ sarabatana.” e 3 desenhos: voluta, incubo inclinado e o demônio; f. 371-373; “1º Prefacio”, datado “Araraquara 19 de Dezembro de 1926.”; escrita na frente e no verso; f. 373; verso aproveitado para redação de notas; f. 374, anverso: “Capitulo I”; no centro: “Macunaíma”; escrita na frente e no verso; sinais de fungo; f. 370-374.

2.2. “Macunaíma/ (Primeira página da/ versão definitiva.)”. [São Paulo, 1926/1927]

Capa improvisada de papel jornal amarelecido; autógrafo a tinta preta; folha dupla, 32,6 x 22 cm, sem pauta; escrita no anverso; manchas e sinais de fungo; f. 376, 379; a capa contém:

2.2.1. “Macunaíma/ Versão definitiva”. Versão do capítulo I.

Autógrafo a grafite; 2 fólhos de papel banco amarelecido, 23,7 x 16,2 cm, retirados de caderneta costurada; capa/folha de guarda, sem pauta, colada ao 2º fólio; no anverso da capa se lê: “Andrade/ rua Lopes Chaves, 108-São Paulo/ A Paulo Prado/ =/ A José de Alencar/ pai-de-vivo que brilha no vasto campo/ do céu/ Macunaíma/ ~~Romance~~/ Historia/ Versão definitiva/ (Primeira versão 16-XII-1926 a 23-XII-1926)”; no verso: “= Indice =”; f. 378, anverso: “Capitulo I – Macunaíma –”, escrita na frente e no verso; sinais de fungo; f. 377 tem 6 cm de perda de suporte; f. 377-378.

2.3. “Macunaíma/ (Prefácio inédito escrito/ imediatamente depois de/ terminada a primeira/ versão)”. [São Paulo, 1926]

Capa improvisada de papel jornal amarelecido; autógrafo a tinta preta; folha dupla, 32,6 x 21,9 cm, sem pauta; escrita no anverso; manchas e sinais de fungo; f. 380, 383; a capa contém:

2.3.1. “Prefacio”. Autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco, 14,2 x 10,4 cm; borda superior picotada; escrita na frente e no verso; sinais de fungo; f. 381.

2.3.2. “Sintonia de cultura”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco, 14,2 x 10,4 cm; borda superior picotada; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 382.

2.4. “Macunaíma/ (Originais)”. [São Paulo, 1926]

Capa improvisada de papel jornal amarelecido; autógrafo a tinta preta; folha dupla, 32,6 x 22 cm, sem pauta; escrita no anverso; manchas e sinais de fungo; f. 384,387; a capa guarda:

2.4.1. “Prefacio”. Autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco, 14,2 x 10,4 cm; borda superior picotada; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 385.

2.4.2. “~~Lavra Francesa~~ Macunaíma ‘E me servindo alias/ sem consciencia preestabeleci-/da disso, por instinto, duma/ alogica sistematica, embora/ satirica ou coisa que o valha, o/ caracter religioso do/ livro ficou acentuado’”. Nota; autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 1 folha de bloco, 14,2 x 10,4 cm; borda superior picotada; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 386.

2.5. “Macunaíma/ (Prefácio inédito escrito/ quando foi da impressão/ do livro.)”. [São Paulo, 27 mar. 1928]

Capa improvisada de papel jornal amarelecido; autógrafo a tinta preta; folha dupla, 32,6 x 22 cm, sem pauta; escrita no anverso; manchas e sinais de fungo; f. 388,397; a capa contém:

2.5.1. “2º Prefacio”. Autógrafo a grafite; papel branco amarelecido; 8 folhas de bloco 14,2 x 10,4 cm; borda superior picotada; escrita na frente e no verso; último fólio, escrita no anverso; fólhos numerados pelo escritor a partir do 2º; data no f. 396: “27-III-1928”; 1º e último fólhos com vestígio de ferrugem decorrente do uso de clipe; sinais de fungo, f. 389-396.

3. Notas da pesquisa

3.1. Respeitado o princípio da proveniência na classificação de documentos em arquivos, a análise documentária do dossiê dos manuscritos de *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* deve respeitar a ordenação que espelha a história dos documentos. Deste modo, foram assim divididos: I. Documentos originais do Arquivo Mário de Andrade e II. Documentos anexados. Estes últimos, embora datem de 1926-1928, saíram do fundo de origem, oferecidos por MA ao arquiteto Luís Saia, provavelmente em 1936 ou 1937. Segundo depoimento deste a Telê Ancona Lopez, em 1978, o presente data de 1936 ou 1937, quando Saia participava ativamente do Departamento de Cultura e no Departamento de Cultura, então dirigido pelo autor de *Macunaíma*. As datas coincidem, aliás com a nova versão do texto e a 2ª edição da rapsódia do “herói sem nenhum caráter”. Após o falecimento do pai, que trabalhou também com MA no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, entre 1941-1945, e pretendia doar ao IEB-USP os documentos em seu poder, o arquiteto José Saia, em 1995, entregou-os à instituição. Os manuscritos anexados ao dossiê original atestam o hábito de Mário de Andrade de despojar seu arquivo de material anterior à publicação de seus livros e a desistência dele de divulgar os prefácios

escritos em 1926-1928. Os manuscritos, fotografados em 1978 para figurar em fac-símile na primeira edição crítica da obra foram reproduzidos, da mesma forma, na segunda e na terceira edição e transcritos por Tatiana Longo Figueiredo na edição de texto apurado por ela e Telê Ancona Lopez, em 2008 (Rio de Janeiro: Agir).

3.2. A classificação dos documentos deste dossiê beneficiou-se das edições críticas elaboradas por Telê Ancona Lopez: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* : São Paulo/ Rio de Janeiro: IEB-USP/ Livros Técnicos e Científicos S. A., 1978 (BULB); São Paulo/ Brasília/ Porto Alegre/ Paris: IEB/ CNPq/ UFRS/ ALLCA XX, 1996 e São Paulo/ Rio de Janeiro/ Paris: IEB/ CNPq/ UFRJ/ ALLCA XX, 1996. (Coleção Archivos/ UNESCO); bem como da edição de texto apurado, publicada pela Agir, no Rio de Janeiro, em 2008, preparada pela mesma pesquisadora e por Tatiana Longo Figueiredo, em protocolo de cooperação com o IEB-USP, destinado a edições fidedignas de obras do escritor.

3.3. As datas apostas ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura dos textos. Por se tratar de hipóteses, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

3.4. O projeto adotou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta e a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

3.5. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

3.6. Em 1926, provavelmente, MA lê e incorpora à sua biblioteca 4 dos 5 volumes que compõem a obra *Vom Roroima zum Orinoco*, de Theodor Koch-Grünberg; delinea, nas margens do lendário recolhido pelo etnólogo no 2º volume, *Mythen und Legenden der Maucuchi und Arekuná Indianer* (Stuttgart: Strecker und Schröder, 1924), as primeiras instâncias conhecidas de seu texto de ficção, *Macunaíma*. (LOPEZ, Telê Porto Ancona. “Nos caminhos do texto”, “Makunaima/ Macunaíma” e “Notas de pesquisa e preparo”. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* . Ed. crítica cit., p. XXV-LXIII, 397-432).

3.7. As 53 notas de trabalho remanescentes de uma pesquisa colossal, estão redigidas em folhas de bloco de bolso e podem ser divididas em dois grupos: das que antecedem a edição *princeps* (itens 1.1.1. a 1.1.23.) e as que antecedem a versão no exemplar de trabalho na 1ª edição (1.3.1. a 1.3.30.), conforme a constatação de uso, ou não, das notas no texto impresso.

3.8. Os documentos originais dos itens 1.1.20., 1.1.21. e 1.1.22. refluem no texto da edição *princeps*.

3.9. Ao que se pode inferir, MA acumula notas de trabalho e esboça elementos do texto de *Macunaíma* ao longo de 1926. O texto publicado fornece, nos capítulos IX “Carta pras icamiabas” e XV “A pacuera de Oibê”, duas datas concernentes a momentos na redação de versões cujo número se desconhece. A primeira está no cabeçalho da carta – “Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte e Seis.” –, e a

segunda, na exclamação de Hercules Florence: “ – Gardez cette date: 1927! Je viens d’inventer la photographie!” (LOPEZ, Telê Ancona. “Os manuscritos na marginália de Mário de Andrade”. Palestra no XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008. Texto a sair nos Anais.)

3.10. O confronto com a *Bibliografia: re-leituras iniciadas pra Pancada do ganzá/ 23-VIII-29* revela que, nas notas de trabalho, os primeiros números abaixo dos títulos referem-se a autor e título da obra e, o segundo, à página onde se encontra o assunto pesquisado. Exemplo: em 1.1.1. “Ditado/ passar manteiga em/ venta de gato/ por/ está vencido, desapareceu/ n 170 p. 78/ e p 79”. Na bibliografia, “n 170” refere-se à Leonardo Motta – *Violeiros do Norte*. São Paulo: Ed. Cia. Graphico/Editora Monteiro Lobato, 1925. (ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica cit., p. 426-432).

3.11. Em carta a Carlos Drummond de Andrade, de “nem sei se é 18 ou 19” de janeiro 1927, MA confidencia: “O caso é que me veio na cachola o diacho duma idéia de romance engraçado e já posso apresentar pra você o Sr. Macunaíma, índio legítimo que me filiou aos indianistas da nossa literatura e andou fazendo o diabo por esses Brasis à procura da muiraquitã perdida.”. (ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 264, 266).

3.12. Em outra carta a Drummond, a de 20 de fevereiro de 1927, MA hesita: “Ora essas levandades me entristecem e já não sei mais se boto ou se não boto o prefácio de *Macunaíma*.” (ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., p. 278.). Trata-se, pois, do primeiro prefácio, datado 19 de dezembro de 1926, segundo os manuscritos presenteados a Luís Saia. Em 27 de março de 1928, MA assina seu segundo prefácio (item 2.5.1.) para a obra, o qual, assim como o primeiro, nunca integrou, durante a vida do autor, as edições de *Macunaíma*.

3.13. Em carta de 11 de maio de 1928, MA comunica: “Macunaíma entrou pro prelo. Sai em julho se Deus quiser.”. A 1ª edição de *Macunaíma*, paga com as economias do autor, sai das oficinas gráficas de Eugenio Cupolo em São Paulo, no dia 26 de julho de 1928.

3.14. A data [1929?], aventada para o processo criativo da obra, decorre de duas notas de trabalho. Ambas, a primeira na página de rosto do exemplar de trabalho na edição *princeps*, e a segunda, em folha avulsa, aludem ao “Prefácio pra uma possível 2ª edição”, tomando como matriz “Documents pour la liberte: L’ affaire George Grosz”, em *Europe*, nº 76, Paris, 15 de abril de 1929, onde, nas p. 545-546, do exemplar de MA da revista francesa, há trechos assinalados por ele a lápis vermelho (V. “Um prefácio desejado” na edição crítica Archives, 1996, p. 479-481).

A data [1936?], pensada para a reescritura de *Macunaíma* no exemplar de trabalho na edição *princeps*, advém do fato de a 2ª edição ter vindo à luz em janeiro de 1937, conforme indicação no livro da editora de José Olympio.

3.15. Em carta de 12 de dezembro de 1930, MA comenta com Manuel Bandeira: “O *Macunaíma* me deu um trabalhão esta semana. A tal Margaret Richardson, que agora é mais Hollingsworth por casamento, voltou à carga com urgência. Quer traduzir o livro, quer o contrato, aceitou certas diminuições dos favores que pedia. Gritei um *alea jacta...* bem baixinho, meio aturdido e sempre com um medo medonho. O que vai ser!... Não creio que ela consiga reproduzir a essência poema-herói-cômico, do livro. [...] Mas deixemos de grandes elevações: o trabalhão foi traduzir pro português as palavras brasileiras do livro, grifar em vermelho as que devem ficar como estão, porque a clareza não se perde com isso, grifar em azul as locuções, provérbios, costumes nacionais, etc. que carecerá mais transportar que traduzir.” (MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo, Edusp/IEB, 2001, p.473). A tradução de *Macunaíma* para o inglês não se concretizou.

3.16. A possível constituição de exemplar de trabalho para uma desejada 3ª edição, ao riscar o crédito da 2ª e corrigir 8 erros tipográficos efetuando também uma supressão combinada com uma alteração de pontuação, parece datar de uma leitura logo após a publicação, isto é, em 1937, pois a 3ª edição, em 1944 não incorpora as rasuras. (V. cap. XI, “A velha Ceiuici” na edição crítica de 1996, p. 109).

3.17. O período de criação de *Macunaíma* se estende de 1926 até meados de 1944. A carta de MA a Murilo Miranda, datada de 11 de agosto de 1944, revela: “E tenho até fins de setembro de rever provas do *Macunaíma* e do *Amar Verbo Intransitivo* que saem o mais tardar em outubro, nas *Obras Completas*, da Martins.”. (ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda. 1934/1945*. Ed. prep. por Raúl Antelo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 170). Como se sabe, a revisão de provas por parte dos autores faz parte do processo criativo, pois, tanto representa o confirmar de uma última versão, como a oportunidade de fazer alterações.

3.18. A 3ª edição de *Macunaíma*, volume IV das *Obras Completas* pela Livraria Martins Editora, chega às livrarias em setembro de 1944. O exemplar de trabalho anunciado no exemplar de MA, cujos cadernos não foram abertos com espátula, testemunha a falta de tempo para o escritor objetivar seu propósito: Mário de Andrade morre em 25 de fevereiro de 1945. Por se tratar de exemplar fechado, somente a primeira folha de cada caderno foi numerada pela pesquisa.

Trajetória da criação:

[1926?]

Leitura de *Vom Roroima zum Orinoco*, de Theodor Koch-Grünberg e descoberta do anti-herói *Macunaíma*. MA acumula notas de pesquisa e esboça, possivelmente, trechos do livro.

1926

Entre 16 e 23 de dezembro, MA redige uma 1ª versão de *Macunaíma*, por ele descartada.

Em 19 de dezembro, escreve o 1º prefácio que mantém inédito.

De 23 de dezembro a 16 de janeiro de 1927, MA compõe a “2ª versão completa” do texto.

Entre maio e princípio de agosto realiza a viagem do Turista Aprendiz ao Norte do Brasil; recolhe elementos para a obra.

1928

Em 27 de março, MA produz o 2º prefácio que mantém inédito.

Em 26 de julho, *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* sai das oficinas gráficas de Eugenio Cupolo, em São Paulo.

[1929?]

Intenção de escrever um prefácio para “uma possível 2ª edição”, o qual, ao que se pode entender, permanece em notas de trabalho e notas marginais nas p. 545 e 546 da revista *Europe*, nº 76 de 15 de abril de 1929.

[1930?]

Elaboração de notas para assessorar a tradutora Margaret Richardson Hollingsworth.

[1936?]

Refusão do texto em exemplar da edição *princeps*, com vistas à reedição pela José Olympio.

1937

Publicação da 2ª edição de *Macunaíma*, sem o aposto no título.

Possível constituição de exemplar de trabalho para uma desejada 3ª edição.

[ago 1944]

MA revê as provas da 3ª edição de *Macunaíma*, pela Livraria Martins Editora.

1944

Em setembro sai *Macunaíma*, 3ª edição, pela Livraria Martins Editora de São Paulo; não traz o aposto e não acata as rasuras no exemplar de trabalho de 1937.

[1944-1945]

Exemplar de trabalho anunciado por meio de nota em exemplar da 3ª edição.

Falecimento de MA, em 25 de fevereiro de 1945.

ANDRADE, Mário de (1893-1945)
Os filhos da Candinha
São Paulo [1942?/1943/1944?]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE
ARQUIVO: MÁRIO DE ANDRADE - IEB-USP

O dossiê composto pela pesquisa colige documentos no arquivo Mário de Andrade: datiloscritos das crônicas publicadas na 1ª edição; crônicas em recortes de jornais e revistas; esboço do índice; 1ª versão do índice; versão dos textos em exemplar de trabalho na edição *princeps* e de notas de trabalho. Fólios numerados pela pesquisa: 1-214.

1. *Os/ Filhos da Candinha/ (Usados no primeiro/ volume)*. [1942?]; pasta improvisada contendo notas de trabalho; folha dupla, sem pauta; papel branco amarelecido, 33 x 21,5 cm; autógrafo a tinta vermelha; manchas e sinais de fungo; f. 1,36; a capa agrega:

1.1. *Filhos da Candinha/ Índice*. [1942?]; autógrafo a grafite e lápis vermelho; 1 folha de papel jornal, 21,9 x 16,3 cm; escrita no anverso; cruzetas a lápis vermelho à esquerda dos títulos; f. 2.

1.2. *Filhos da Candinha/ Índice/ Ultima Crônica = Esquina*. Esboço de índice. [1942?]; autógrafo a lápis cor-de-rosa, vermelho, azul e a grafite; 1 folha de papel jornal, 21,9 x 16,3 cm; escrita na frente e no verso; no anverso, à esquerda dos títulos, cruzetas a lápis vermelho; “O Dom da Voz” marcado também por cruzeta a lápis azul; “Romances de Aventuras/ Fabulas”, acrescentado entre os dois últimos títulos; no verso, cálculo; f. 3.

1.3. *Advertencia*. [1942?]. Índice com 29 títulos e numeração de páginas iniciais; autógrafo a grafite; 1 folha de papel jornal, 21,9 x 16,3 cm; escrita na frente e no verso; sinais de fungo; f. 4.

1.4. *Macobêba*. Crônica. [1942?]/1929; versão em datiloscrito original MA, fita preta/ autógrafo a tinta preta e a grafite; 2 folhas de papel verde desbotado, 32,6 x 21,8 cm; página 2 numerada; escrita no anverso; vinco horizontal no centro dos fôlios; sinais de fungo; f. 5-6.

Rasuras a tinta preta e a grafite refundem o texto para a 1ª ed. e configuram 3 etapas na escritura: supressões, substituições, deslocamento e correções a erros de datilografia.

1.5. *O Turista Aprendiz/ Atlântico (5 de Dezembro, 17 horas)*; Crônica. [1942?]/1928; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz/ Atlântico (5 de Dezembro, 17 horas)*. [Diário Nacional. São Paulo], 25 dez. 1928; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite, a tinta preta e a lápis vermelho sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 7.

Rasuras a grafite e a tinta preta refundem o texto impresso: substituições, acréscimos e correções a erros tipográficos; a lápis vermelho, cruzeta sobre o texto.

Nota MA a grafite: “25-XII-28”.

1.6. *Conversa á beira do caes*. Crônica. [1942?]/1938; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *Conversa à beira do caes*. *Letras*. Bahia, 7 jul. 1938; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a lápis vermelho sobre o texto impresso; papel amarelecido, sinais de fungo; f. 8.

Rasuras a grafite refundem o texto impresso: supressões, substituições e acréscimos; a lápis vermelho, 2 cruces sobre o texto.

Nota de terceiro a tinta preta: “Letras – Baía – 7 de julho de 1938”.

1.7. *Morto e deposto*. Crônica. [1942?]/1929; versão na cópia em datiloscrito original, fita preta/ autógrafo a grafite e a tinta preta; 2 folhas de papel branco amarelecido, 31,9 x 21,9 cm; página 2 numerada; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 9-10.

Rasuras MA a grafite e a tinta preta refundem o texto e configuram 3 etapas na escritura: supressões, substituições e acréscimo.

Nota do copista: “(Transcrito de Movimento Brasileiro, abril de 1929./nº 4)”.

1.8. *Brasil-Argentina*. Crônica. [1942?]/1939; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *Brasil-Argentina*. *Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 jan. 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a lápis vermelho sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 11.

Rasuras a grafite refundem o texto impresso: substituições, supressões, deslocamentos; a lápis vermelho, grifo sobre parte do texto e cruzeta sobre o final dele.

Nota MA a grafite: “Estado 22-1-39”.

1.9. *O Turista Aprendiz/ Ferreira Itajubá*. Crônica. [1942?]/1929; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz/ Ferreira Itajubá*. [*Diário Nacional*. São Paulo], 19 fev. 1929; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a tinta preta sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 12.

Rasura MA a tinta preta: substituição do título “BOM JARDIM (18 DE JANEIRO, 13 HORAS)” por “Ferreira Itajubá”.

Nota MA a grafite: “19-2-29”.

1.10. *Sociologia do botão*. Crônica. [1942?]/1939; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *Sociologia do Botão*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 30 jul. 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a lápis vermelho sobre o texto impresso; papel amarelecido; manchas e sinais de fungo; f. 13.

Rasuras a grafite e a lápis vermelho refundem o texto: substituições, supressões, acréscimos.

Documento acompanhado de duplicata em mesmo estado de conservação; f. 14.

1.11. *O dom da voz*. Crônica. [1942?]/1939; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *O dom da voz*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 29 out. 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a lápis vermelho sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 15.

Rasuras a grafite e a lápis vermelho refundem o texto: substituições, supressões, acréscimos e deslocamentos.

Nota MA a grafite: “Est. S. Paulo 29-10-939”.

Documento acompanhado de duplicata em mesmo estado de conservação; f. 16.

Nota MA a grafite: “Estado 29-X-39”.

1.12. *O Turista Aprendiz/ Bom Jardim*. Crônica. [1942?]/1929; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz/ Bom Jardim*. [*Diário Nacional*. São Paulo], 09 fev. 1929; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a tinta preta, lápis vermelho e a grafite sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 17.

Rasuras a tinta preta, lápis vermelho e a grafite refundem o texto impresso: substituições, supressões e correção a erro tipográfico; a lápis vermelho, cruzeta sobre o texto.

Notas MA: a grafite: “9-2-29”; a tinta preta: “Bom Jardim”.

1.13. *Biblioteconomia*. Crônica. [1942?]; versão em datiloscrito, cópia carbono preto/ autógrafo a grafite e a tinta preta; 3 folhas de papel branco amarelecido, 32,5 x 22 cm, escrita no anverso; 3 páginas numeradas 2-3; vinco horizontal no centro dos fólhos; sinais de fungo; f. 18-20.

Rasuras a grafite e a tinta preta refundem o texto e configuram 3 etapas na escritura: supressões, substituições, acréscimos e deslocamentos; f. 18, a grafite: substituição do título original “Definição do analfabeto”; f. 20, assinatura a tinta preta: “Mário de Andrade”.

1.14. *Voto secreto*. Crônica. [1942?]/7 nov. 1934; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. Voto secreto. *Revista Acadêmica*. [Rio de Janeiro, nº 9, nov./dez. 1934]; assinado “Mario de Andrade”.

Folha tirada de periódico; autógrafo a grafite e a tinta preta sobre o texto impresso; 1 folha; papel branco amarelecido, 31,5 x 23,3 cm; sinais de fungo; f. 21.

Rasuras a grafite e a tinta preta refundem o texto impresso: substituições e supressões.

Nota MA a grafite: “– s.d.”, ao lado do título.

1.15. *Problemas de transito*. Crônica. 1939.

ANDRADE, Mário de. Problemas de transito. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 21 maio 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 22.

Nota MA a grafite: “Estado 21-5-39”.

1.16. *O Turista Aprendiz/ Paraíba (4 de fevereiro)*. Crônica. [1942?]/1929; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. O Turista Aprendiz/ Paraíba (4 de fevereiro). [*Diário Nacional*. São Paulo], 28 mar. 1929; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a lápis vermelho sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 23.

Rasuras a grafite refundem o texto impresso: substituições, acréscimos e correção a erro tipográfico; a lápis vermelho, cruzeta sobre o texto.

Nota MA a grafite: “28-III-29”.

1.17. *Tacacá com tucupi*. Crônica. [1942?]/1939; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. Tacacá com tucupi. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 28 maio 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a lápis vermelho sobre o texto impresso; 2 fragmentos; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 24-25.

Rasuras a grafite refundem o texto: supressões, substituições e deslocamento; no f. 24, a lápis vermelho, cruzeta sobre parte do texto.

Nota MA a grafite: “Estado 28-V-39”.

Documento acompanhado de duplicata em mesmo estado de conservação; f. 26.

Nota MA a grafite: “Estado 28-5-39”.

1.18. *Calor*. Crônica. [1942?]/1939; versão em exemplar de trabalho.
ANDRADE, Mário de. *Calor*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 19 mar. 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 27.

Rasuras a grafite refundem o texto: supressões, substituições, acréscimos e deslocamentos.

Nota MA a grafite: “19-3-39”.

Documento acompanhado de duplicata em mesmo estado de conservação; f. 28.

Nota MA a grafite: “Estado 19-III-39”.

1.19. *O Turista Aprendiz/ Natal (17 de dezembro, 21 horas)*. Crônica. [1942?]/1929; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz/ Natal (17 de dezembro, 21 horas)*. [*Diário Nacional*. São Paulo, 10 jan. 1929]; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a lápis vermelho sobre o texto impresso; papel amarelecido; manchas e sinais de fungo; f. 29.

Rasura a grafite refunde o texto impresso: substituição; a lápis vermelho: cruzeta sobre o texto.

Nota MA a grafite: “1929”.

1.20. *Esquina*. Crônica. [1942?]/1939?; versão em datiloscrito original MA, fita preta/ autógrafo a grafite e a tinta preta; 4 folhas de papel branco amarelecido, 32,2 x 21,7 cm, 4 páginas numeradas 2-4; escrita no anverso; vinco horizontal no centro dos fôlios; sinais de fungo; f. 30-33.

Rasuras a máquina e a tinta preta, anteriores à publicação do texto no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1939; configuram duas etapas na escritura: supressões, substituições e acréscimos (1.21.); rasuras a grafite refundem o texto provavelmente em 1942 e completam 4 etapas na redação: supressões, substituições e acréscimos.

1.21. *Esquina*. Crônica. [1942?]/1939; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *Esquina*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17 dez. 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite sobre o texto impresso; papel amarelecido, manchas e sinais de fungo; f. 34.

Rasuras refundem o texto: substituições.

Nota MA: “Estado S. Paulo 17-12-39”.

Documento acompanhado de duplicata em mesmo estado de conservação; f. 35.

Nota MA a grafite: “Estado 17-XII-39”.

2. *Os filhos da Candinha*. Versão em exemplar de trabalho na edição *princeps*. [São Paulo, posterior a jul. 1943?]

ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

Brochura *in octavo*, costurada; na capa se lê: “MÁRIO DE ANDRADE”/ em preto; “OS FILHOS DA CANDINHA” em vermelho, e “LIVRARIA MARTINS EDITORA/ São Paulo/ 1943”, em preto; título, autor e editora repetidos no dorso em preto e vermelho; miolo com 168 páginas numeradas de 10 a 163; papel branco envelhecido, 20,1 x 14 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 37-122.

Na folha de guarda, em preto, tem-se: “Os filhos da/ Candinha”.

Na página de rosto, em preto, no alto, no centro e na parte inferior está: “MÁRIO DE ANDRADE/ OS FILHOS DA/CANDINHA/ LIVRARIA MARTINS/ RUA 15 DE NOVEMBRO, 135 – SÃO PAULO”.

No verso da página de rosto: “OBRAS DO AUTOR: /Há uma Gota de Sangue em cada Poema – 1917./ Paulicéia Desvairada – poesia – 1922./ A Escrava que não é Isaura – poética – 1925./ Losango Cáqui – lirismo – 1926./ Primeiro Andar – contos – 1926./ Amar, Verbo Intransitivo – idílio – 1927./ Clan do Jabotí – poesia – 1927./ Macunaíma – rapsódia – 1928, 1937./ Ensaio sobre Música Brasileira – estética e folclôre – 1928./ Compêndio de História da Música – 1929, 1933, 1936; ed. renovada em/ 1942, sob o título “Pequena História da Música./ Modinhas Imperiais – crítica e antologia – 1930./ Remate de Males – poesia – 1930./ Fraulein – trad. norte-americana de “Amar, Verbo Intransitivo”, por Mar-/garet Richardson Hollingsworth – 1933./ Belazarte – contos – 1934./ Música, Doce Música – estudos – 1934./ O Aleijadinho e Álvares de Azevedo – ensaios – 1935./ A Música e a Canção Populares no Brasil – ensaio bibliográfico – 1936:/ in “Folklore Musical”, Inst. de Coopération Intellectuelle, 1939./ Cultura Musical – discurso de paraninfo – 1936./ O Samba Rural Paulista – folclôre – 1937./ Os compositores e a Língua Nacional: A Pronúncia Cantada e o Problema/ do Nasal Brasileiro através do Discos – in Anais do Primeiro Congres-/so da Língua Nacional Cantada – 1938./ Namoros com a Medicina – crítica e folclôre – 1938./ A Expressão Musical dos Estados Unidos – crítica – 1940: trad. argentina,/ 1942./ Música do Brasil – história e folclôre – 1941./ A Nau Catarineta – folclore – 1941./ Poesias – 1941./ O Movimento Modernista – crítica – 1942./ Aspectos da Literatura Brasileira – crítica – 1943./ O Baile das Quatro Artes – ensaios – 1943./ Os Filhos da Candinha – crônicas – 1943.”

Página de rosto seguida de folha não numerada; no anverso, dedicatória: “a/ Maurício Loureiro Gama/ e/ Fernando Góis”.

No final do livro acham-se 2 folhas não numeradas com informações impressas no anverso; na primeira: “ÍNDICE” e na segunda: “Este livro foi composto e impresso nas/ oficinas da Empresa Gráfica da “Revista/ dos Tribunais” Ltda., à rua Conde Sar-/zedas, 38, S. Paulo, para a Livraria Martins/ Editora, em julho de 1943.”.

O exemplar abriga:

Folha de guarda (f. 38):

Notas MA a tinta preta: “Erros: 41, 113, 149”; “Mário de Andrade”; “Exemplar de trabalho”.

Rasuras MA a tinta preta:

P. 41 (f. 58): correção a erro tipográfico: “desejo” para “desejos”.

P. 113 (f. 94): correção a erro tipográfico: “meiodia” para “meidia”.

P. 115 (f. 95): substituição: ““Não viu o sinal.” para ““Não viu o sinal’!”.

P. 149 (f. 112): correção a erro tipográfico: “encontrávamos” para “encontrávamos”.

3. *Os/ Filhos da Candinha/ Projeto do IIº volume/ Crônicas recusadas/ Indices*. [1944?]; capa de cartolina parda, reaproveitada, 37,4 x 24,3 cm; autógrafo a lápis vermelho e azul; manchas e sinais de fungo; f. 123,192.

F. 174:

Notas MA:

- a lápis vermelho: “Enciclopedia”;

- a lápis azul: “Documentação/sobre as enciclopédias/já existentes”; grifo duplo sob “Documentação”; a capa agrega:

3.1. *Os/Filhos da Candinha/Projeto de /IIº volume*. [1944?]; capa improvisada; autógrafo a lápis vermelho; grifo duplo a lápis azul sob o título; folha dupla, 32,8 x 21,7cm; f. 124,175; abriga:

3.1.1. *Os Filhos da Candinha/ Prefácio a Otavio de Frei-tas Junior/ Prefácio a Rossine Camar-go Guarnieri*. [1944?]; nota de trabalho; autógrafo a lápis preto; 1 folha destacada de bloco de bolso; papel branco amarelecido, 14,5 x 10,5 cm; sinais de fungo; f. 125.

3.1.2. *João Alphonsus*. Crônica. [1944?]; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. João Alphonsus. *Diário de Notícias*. [Rio de Janeiro, 04 jun. 1944]; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a tinta preta sobre o texto impresso; 3 fragmentos colados sobre 3 folhas de papel jornal amarelecido, 32,2 x 22 cm, numeradas a grafite; rasgamentos e perda de suporte nas bordas direita das folhas 1 e 2 (numeração do escritor); sinais de fungo; f. 126-128.

Rasuras a tinta preta refundem o texto impresso: substituições, acréscimo e correções a erros tipográficos.

F. 126:

Nota MA a grafite: “4-6-44”.

3.1.3. *Romain Rolland*. Crônica. [1944?].

ANDRADE, Mário de. Romain Rolland, Músico. [*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 abr. 1944]; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; papel amarelecido; 3 fragmentos colados em 3 folhas de papel jornal amarelecido, 32,2 x 22 cm, numeradas a grafite; sinais de fungo; f. 129-131.

F. 129:

Nota MA a lápis vermelho: “Dup.”.

3.1.4. *Paganini*. Crônica. [1944?]/1940; versão em datiloscrito original de terceiro, fita azul/ autógrafo a tinta preta; 5 fólhos de papel jornal, 32,3 x 22 cm; 5 páginas numeradas 2-5; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 132-136.

Rasuras MA a tinta preta refundem o texto e configuram 2 etapas na escritura: supressões, substituições, acréscimos e deslocamento.

3.1.5. *Amadeu Amaral*. Crônica. [1944?]/1929; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. Amadeu Amaral. [*Diário Nacional*. São Paulo, 30 out. 1929]; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite sobre o texto impresso; papel amarelecido, 59 x 21,7 cm; sinais de fungo; f. 137.

Rasuras a grafite refundem o texto impresso: supressões, substituições e acréscimos.

Nota MA a grafite: “30-X-29”.

3.1.6. *Notas Diárias*. Notas. [1944?]; datiloscrito, cópia carbono azul; 3 folhas de papel jornal 32,5 x 22,5cm, 3 páginas numeradas 2-3; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 138-140.

3.1.7. *Do Cabotinismo*. Crônica crítica. [1944?]/1939; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. Do cabotinismo. [*O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 23 jul. 1939]; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a tinta preta sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 141.

Rasuras a grafite e a tinta preta refundem o texto: supressão e deslocamento.

Nota MA a grafite: “23-7-39 – Est. S. Paulo”.

3.1.8. *De Linguagens/I/A Linguagem Radiofonica*. Crônica crítica. [1944?]; versão em datiloscrito original, fita azul/ autógrafo a tinta preta; 9 folhas de papel jornal amarelecido, 32,2 x 22 cm; 9 páginas numeradas 2-9; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 142-150.

Rasuras MA a tinta preta refundem o texto: supressões, substituições, acréscimos, correção a erro de datilografia e deslocamento.

3.1.9. *Pintura e assunto*. Crônica crítica. [1943?]; versão em datiloscrito MA, cópia carbono azul/ autógrafo a tinta preta; 8 folhas de papel jornal, 32,2 x 22 cm; 8 páginas numeradas 2-5, 7-9; numeração das páginas corrigida a tinta preta a partir da 6ª; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 151-158.

Rasuras a máquina e a tinta preta refundem o texto e configuram 2 etapas na escritura: supressões, substituições, acréscimos e deslocamento.

3.1.10. *Um poeta místico*. Crônica crítica. [1944?]/1939; versão em datiloscrito original MA, fita azul/ autógrafo a grafite; 4 folhas de papel branco amarelecido, 32,4 x 22 cm; filigrana: “CORU-BOND/ IND. BRASIL.”; 4 páginas numeradas 2-4; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 159-162.

Rasuras a grafite corrigem erros de datilografia.

F. 159:

Nota MA a tinta preta: “(1939)”.

3.1.11. *Convalescença*. Crônica crítica. [1944?]/1923; versão na cópia em datiloscrito original, fita preta/ autógrafo a grafite e a tinta preta; 5 folhas de papel branco amarelecido, 31,9 x 21,8cm; 5 páginas numeradas 2-5; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 163-167.

Rasuras MA a grafite e tinta preta refundem o texto e configuram 3 etapas na escritura: supressões, correções a erros da datilografia, substituições e acréscimos.

F. 163:

Nota MA a tinta preta esmaecida: “Corrigido”.

3.1.12. *Carta aberta a Alberto de Oliveira*. Carta. [1944?]/1925; versão na cópia em datiloscrito original, fita preta/ autógrafo a grafite e a tinta preta; 5 folhas de papel branco amarelecido, 31,9 x 21,8 cm; 5 páginas numeradas 2-5; escrita no anverso; data no f. 172: “São Paulo, 20 de Abril de 1925.”; sinais de fungo; f. 168-172.

Rasuras MA a grafite e a tinta preta refundem o texto e configuram 3 etapas na escritura: supressões, substituições, acréscimos e correções a erros de datilografia.

F. 168:

Nota MA a grafite: “Corrigido pra/nova publicação”.

Nota do copista: “(Estetica, abril-junho de 1925,/ p. 332-9)”.

3.1.13. *Carta aberta pra João Alphonsus*. Carta. 1926.

ANDRADE, Mário de. Carta aberta pra João Alphonsus. *Diário de Minas*. [Belo Horizonte], 17 nov. 1926.

Recorte de jornal; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 173.

Nota MA a grafite: “Diario de Minas/17-XI-926”.

3.1.14. *Contrabando de Passadismo*. Carta a Paulo Prado. [1943?]/1926; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *Contrabando de Passadismo*. *A Manhã*. [Rio de Janeiro], 17 mar. 1926; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a tinta preta sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 174.

Rasuras a grafite e a tinta preta refundem o texto: supressões, acréscimos e correções a erros tipográficos.

Nota MA a grafite: “Contrabando de Passadismo/ A Manhã – 17-III-1926”, a margem do texto; título grifado a lápis vermelho.

3.2. *Já recusados pros/ Filhos da Candinha*. Capa improvisada. [1944?]; autógrafo a lápis vermelho; folha dupla, 32,9 x 21,4 cm; sinais de fungo; f. 176, 191; abriga:

3.2.1. *Compensações*. Crônica crítica. [1944?]/1931; versão em datiloscrito original MA, fita preta/ autógrafo a tinta preta; 2 folhas de papel branco amarelecido, 31,9 x 21,8 cm; página 2 numerada; escrita no anverso; data no f. 177: “(1931)”; sinais de fungo; f. 177-178.

Rasuras a máquina e a tinta preta refundem o texto e configuram 2 etapas na escritura: supressão, correções a erros da datilografia.

3.2.2. *Intelectual*. Esboço. [1944?/ 1932?]; autógrafo a grafite; 3 fólhos destacados de bloco de bolso, papel branco amarelecido, 10,5 x 6,8 cm; numerados 2-3; escrita na frente e no verso; ferrugem decorrente do uso de *clipe*; sinais de fungo; f. 179-181.

3.2.3. “Intelectual I”. Crônica. 1932.

ANDRADE, Mário de. *Intelectual I*. [*Diário Nacional* – coluna MA Táxi. São Paulo], 10 abr. 1932; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; papel amarelecido; assinado “MÁRIO DE ANDRADE”; sinais de fungo; f. 182.

Nota MA a grafite: “10-IV-32”.

3.2.4. “Intelectual II”. Crônica. 1932.

ANDRADE, Mário de. *Intelectual II*. [*Diário Nacional* - “Táxi”. São Paulo], 17 abr. 1932; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 183.

Nota MA a grafite: “17-IV-32”.

3.2.5. “Diferencia Americana”. Crônica crítica. [1938?]

ANDRADE, Mário de. Diferencia Americana. *Mentor*. [Montevideu, 1938?]; assinado “Mario DE ANDRADE”.

Recorte de revista; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 184.

3.2.6. “Diferencia Americana”. Crônica crítica. 1938.

ANDRADE, Mário de. Diferencia Americana. *La voz del pueblo*. Dolores, 12 fev. 1938; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal colado sobre 1 folha amarelecida pelo tempo, 28,8 x 22,8 cm; carimbo de cor roxa: “AGENCIA PERIODISTICA ‘MENTOR’/ Sección RECORTES/ MONTEVIDEO”; fonte indicada em datilografia a fita preta: “De ‘LA VOZ DEL PUEBLO’/ Dolores (Uruguay), Febrero, 12,/ de 1938.”; carimbo repetido no verso; manchas e sinais de fungo; f. 185.

3.2.7. *Charles Dickens*. Crônica crítica. [1944?]/1926; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. Charles Dickens. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 23 nov. 1926; assinado “MARIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 186.

Rasura corrige erro tipográfico.

Nota MA a grafite: “‘A Manhã’/Rio/23/XI/926”.

3.2.8. *Choreographies*. Crônica crítica. 1939.

ANDRADE, Mário de. *Choreographies*. [*O Estado de S. Paulo*]. São Paulo, 5 mar. 1939; assinado “Mario de Andrade”.

Recorte de jornal; papel amarelecido; sinais de fungo; f. 187.

Nota MA a grafite: “5-3-39”.

3.2.9. *Decadencia da Influencia Francesa no Brasil*. Crônica crítica. [1944?]/1934; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *Decadencia da Influencia Francesa no Brasil*. *Revista Acadêmica*. [Rio de Janeiro, nº 8, set./ out. 1934].

Recorte de revista; autógrafo a tinta preta sobre o texto impresso; assinado “MARIO DE ANDRADE”; papel amarelecido; perda de suporte na borda direita; sinais de fungo; f. 188.

Rasuras refundem o texto impresso: acréscimos.

Nota MA a grafite: “s.d. nº 8”.

3.2.10. *Cartaz*. Crônica crítica. [1944?]/ 1926; versão em datiloscrito original MA, fita preta/ autógrafo a tinta preta; 2 folhas de papel verde desbotado; 32,5 x 21,7 cm; 2 páginas numeradas a partir da 2ª; escrita no anverso; sinais de fungo; f. 189-190.

Rasuras a tinta preta refundem o texto e configuram 2 etapas na escritura: correção a erros de datilografia, substituição e acréscimo.

4. *Ainda postos em/ dúvida pros/ Filhos da Candinha*. Capa improvisada. [1944?]; autógrafo a lápis vermelho; folha dupla, 33 x 21,8 cm; sinais de fungo; f. [193], [214]; abriga:

4.1. *Blaise Cendrars*. Ensaio. [1944?]/1924; versão na cópia em datiloscrito original, fita preta/ autógrafo a tinta preta; 14 folhas de papel branco amarelecido, 31,9 x 21,9 cm, 14 páginas numeradas 2-14; escrita no anverso; data no f. [207]; “Fevereiro – 1924.”; vinco horizontal no centro dos fólhos; sinais de fungo; f. [194]-[207].

Rasuras MA a tinta preta refundem o texto e configuram 2 etapas na escritura: correções a erros de datilografia, acréscimos.

F. 207:

Nota do copista: “(Revista do Brasil, nº 99, março de 1924, p. 214-223.)”.

4.2. *O grande architecto*. Crônica. [1944?]/1927; versão em exemplar de trabalho.

ANDRADE, Mário de. *O grande architecto*. [*Diário Nacional*. São Paulo, 23 nov. 1927]; assinado “M. de A.”.

Recorte de jornal; autógrafo a grafite e a tinta preta esmaecida sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. [208].

Rasuras a grafite e a tinta preta refundem o texto: substituições e correção a erro tipográfico.

4.3. *Pirandello, A Epiderme Desvairada e um/ Sentimento Alegre da Injustiça*.

Esquete. [1944?]/1926; versão em datiloscrito original, fita preta/ autógrafo a tinta preta; 3 folhas de papel verde desbotado, 32,6 x 21,7 cm; 3 páginas numeradas 2-3; escrita no anverso; data no f. [209]; “(1926)”;

vinco horizontal no centro dos fólhos; sinais de fungo; f. [209]-[211].
Rasuras MA a tinta preta refundem o texto e configuram 2 etapas na escritura: substituição, correções a erros da datilografia e grifos de destaque.

4.4. *Amazonia*. Crônica. [1944?]/1929; versão em datiloscrito original MA, fita preta/

autógrafo a tinta preta; 2 folhas de papel verde esmaecido, 32,5 x 21,9 cm; página 2 numerada; escrita no anverso; data no f. [212]; “(1929)”;

sinais de fungo; f. [212]-[213].
Rasuras a máquina e a tinta preta refundem o texto e configuram 2 etapas na escritura: supressões, substituições, acréscimo e correções a erros de datilografia.

5. Notas da pesquisa

5.1. Na impossibilidade de reconstruir a exata ordenação dos documentos, a pesquisa os encadeou conforme o índice das crônicas na coletânea organizada por MA, *Os filhos da Candinha*; São Paulo, Livraria Martins Editora, 1943.

5.2. As datas apostas, pela pesquisa, ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura do texto, ligados à elaboração dos dois volumes de *Os filhos da Candinha*, 1942-1943. Por se tratar de hipótese, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

5.3. O projeto acatou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta e a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

5.4. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

5.5. MA lecionou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo de 1912 até 1938, licenciando-se, nesse último ano, para trabalhar no Rio de Janeiro até o início de 1941, quando regressa a São Paulo e às aulas na instituição. Nesse mister, utilizava o chamado “lápiz de professor”, com uma extremidade azul e outra vermelha. Com estas cores compôs um código para assinalar em seus autógrafos, datiloscritos, exemplares de trabalho e, principalmente, nos recortes de textos por ele publicados na imprensa. Na criação, as cores indicam: azul para excluir trechos e vermelho para aceitá-los. As cruzetas vermelhas sobre os textos nos recortes de jornal, indicam textos utilizados por ele.

5.6. No livro de 1943, MA recupera crônicas por ele publicadas no *Diário Nacional* de São Paulo entre 1928-1932 e n’*O Estado de S. Paulo* em 1939, bem como nos magazines cariocas *Movimento Brasileiro*, em 1929 e *Revista Acadêmica*, em 1934, e no baiano, *Letras*, em 1938. A transposição foi estudada por João Francisco Franklin Gonçalves em sua dissertação de mestrado na FFLCH-USP, em 2006, *Os filhos da Candinha: edição anotada do “exemplar de trabalho” da coletânea de crônicas de Mário de Andrade* e em “A história de um livro, no dizer de seu autor”, apresentação da obra em edição de texto apurado por ele e por Aline Nogueira Marques (Rio de Janeiro: Agir, 2008).

5.7. As crônicas da série O Turista Aprendiz, no *Diário Nacional*, em 25 dez. 1928, 19 fev. 1929, 9 fev. 1929, 28 mar. 1929 e 10 jan. 1929, retomadas na 1ª edição de *Os filhos da Candinha*, pela Livraria Martins Editora, em 1943, tiveram os títulos substituídos por “O Grande Cearense”, “Ferreira Itajubá”, “Bom Jardim”, “Guaxinin do banhado” e “Tempo de dantes”, respectivamente. (V. itens 1.5.; 1.9.; 1.12; 1.16.; 1.19).

5.8. *Macobêba* (item 1.4.), crônica datada “(1929)”, foi publicada em 3 de maio daquele ano, no *Diário Nacional*, em São Paulo.

5.9. Em carta de 24 de maio de 1934 a Manuel Bandeira, MA declara: “O que imaginei, me parece mais feliz, será reunir em livro um certo número de crônicas de vários assuntos, dentre as melhores que publiquei por aí tudo, principalmente no *Diário Nacional*. E descobri um nome adorável pro livro: *Os filhos da Candinha*. Não sei se você conhece, de-certo conhece, essa expressão, que quer dizer, a voz do povo, o que andam falando, os diz-ques.” (MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo, Edusp/IEB, 2001, p. 579).

5.10. A data da primeira redação de “Voto secreto” (item 1.14.), 7 de novembro de 1934 decorre da conservação da mesma no texto publicado na edição *princeps*.

5.11. Nos datiloscritos e nos recortes de jornais que precedem a 1ª edição da coletânea, MA indica a data da primeira redação dos textos/publicação. As reformulações são, provavelmente, de 1942, momento em que prepara as crônicas para integrem *Os filhos da Candinha*.

5.12. Em 20 de abril de 1942, MA explica a Bandeira: “O Álvaro Lins me pediu um livro pra *Americ-Edit*, e do que lhe propus, de já preparado pra editar, preferiu crítica literária. Mas a livro que eu compusera com o título *Aspectos da literatura brasileira*, não serve exatamente pra caso for muito grande. (...) Dos três o que me parece mais perfeito, mais... perfazido, como unidade conceptiva de livro, como realização lingüística, como regularidade de temperatura intelectual são *Os filhos da Candinha*. E também me parece, pelo número das crônicas escolhidas dá um bom tamanho de livro tipograficamente bem editado, com largueza de papel, boa tipografia, etc. Na minha opinião é o livro mais ‘bem escrito’ que já fiz. Falo como estilo normal, estilo que permite seguimento, seqüência - pois o estilo poético-heróico do *Macunaíma* tinha que ser o que é mas pra esse livro, e o de *Belazarte* é estilo falado e não, escrito.” (MORAES, Marcos Antonio de, Ed. cit. p. 660-661).

5.13. Em julho de 1943, sai, pela Livraria Martins Editora, o livro *Os filhos da Candinha*, dedicado aos jornalistas Maurício Loureiro Gama e Fernando Góis.

5.14. Em 1943, MA separa um exemplar da edição *princeps* e aponta erros tipográficos na folha de guarda; o exemplar de trabalho revela ainda a correção a um erro à p. 115, não indicado.

5.15. As crônicas selecionadas para compor o 2ª volume de *Os filhos da Candinha* (3.1.1.-3.1.14.) tiveram seus textos refundidos, provavelmente, entre 1943-1944, conforme se depreende da análise das versões nos datiloscritos e as publicadas neste período. O projeto foi interrompido pela morte do escritor.

5.16. “Paganini” (item 3.1.4.), crônica em *O Estado de S. Paulo* de 24 de março de 1940, foi republicada sem alterações na *Revista da Academia Paulista de Letras*, em 12 de março de 1944 e, em seguida copiada no datiloscrito rasurado a tinta preta por MA. A versão publicada é bem diversa daquela de MA.

5.17. “De linguagens I – A linguagem radiofônica” (item 3.1.8.) aparece em 12 de março de 1943 na *Revista da Academia Paulista de Letras*, a. 6, nº 21, também em versão anterior a do datiloscrito.

5.18. “Pintura e assunto” (item 3.1.9.) sai em 12 de setembro de 1943 na *Revista da Academia Paulista de Letras*, a. 6, nº 23, segundo a versão no datiloscrito, garantindo o trabalho no período 1943-1944.

5.19. A crônica “Um poeta místico” (item 3.1.10.), datada “(1939)”, localizado somente na *Revista da Academia Paulista de Letras*, a. 6, nº 22, de 12 de junho de 1943, apresenta-se em versão idêntica à do datiloscrito.

5.20. “Convalescença” (item 3.3.11.), publicada em agosto de 1923 na *Revista do Brasil*, a. 8, nº 92, p. 336-339 é refundida no datiloscrito visando a uma nova publicação.

5.21. Os dez textos recusados para comparecer no 2º volume da coletânea de crônicas, apresentam-se em recortes de jornal (exemplares de trabalho), datiloscritos e autógrafos. A crônica “Compensações” (item 3.2.1.), datada “(1931)”, saiu em 14 de junho desse ano no *Diário Nacional*, em São Paulo.

5.22. A data de “Diferencia Americana” (item 3.2.5.) foi atestada com base no artigo de mesmo nome publicado em *La voz del pueblo*, de Dolores-Uruguai, em 12 fev. 1938. (V. 3.2.6.).

5.23. A crônica “Cartaz” foi publicada em 9 de janeiro de 1926 na série “O mês modernista” do jornal *A Noite* do Rio de Janeiro. (BATISTA, Marta Rossetti, LIMA, Yone Soares, LOPEZ, Telê Porto Ancona, orgs. *Brasil: 1º tempo modernista – 1917/29*. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1972, p. 277-278). (V. 5.10.).

5.24. “Pirandello, A Ediperme Desvairada e um Sentimento Alegre de Injustiça”, texto entre os “postos em dúvida pros *Filhos da Candinha*”, apareceu em *Terra Roxa e Outras Terras*, a. 1, nº 4. São Paulo, 03 de março de 1926.

5.25. A versão no datiloscrito de *Amazonia* diverge do texto publicado em 5 de dezembro de 1929, na coluna “Táxi”, mantida por MA no *Diário Nacional*. (V. 4.4.).

5.26. As crônicas “Do cabotinismo”, “Amadeu Amaral” e “A linguagem radiofônica”, não admitidas na edição de *Os filhos da Candinha*, foram transferidas para *O empalhador de passarinhos*, na edição póstuma de 1946.

Trajetos da criação:

[1942?]

MA reescreve os textos das crônicas publicadas em jornais ou revistas, criando exemplares de trabalho com vistas à coletânea *Os filhos da Candinha*, pela Livraria Martins Editora, de São Paulo.

1943

Em julho, término da impressão da 1ª edição nas oficinas da tipografia paulista.

MA corrige erros tipográficos, instituindo um exemplar de trabalho, visando agora as Obras Completas da Editora Martins.

[1943?/1944?]

Separa crônicas críticas, cartas abertas e ensaio publicados em jornais para compor o segundo volume de *Os filhos da Candinha*. Organiza os textos em pastas, identificando os que serão aproveitados, os recusados e os postos em dúvida para integrar a coletânea.

ANDRADE, Mário de (1893-1945)

Poesias

São Paulo: [1941/1942?/1943?]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE
ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE – IEB/USP

O dossiê composto pela pesquisa colige documentos no arquivo Mário de Andrade: versão em exemplar de trabalho de *Poesias* (São Paulo: Martins Editora, 1941); “Canção”, poema de “A costela do Grã Cão”, versão em exemplar de trabalho, folha extraída de outro exemplar do livro de MA; notas de trabalho e poemas em recortes de jornal. Fólios numerados pela pesquisa: 1-155.

1. *Poesias*. Versão em exemplar de trabalho [São Paulo, 1942?]

ANDRADE, Mário de. *Poesias*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941.

Brochura, costurada; impresso na capa: “MARIO DE ANDRADE” em preto, “POESIAS” em vermelho e “LIVRARIA MARTINS EDITORA/ São Paulo/ 1941”, novamente em preto; informações repetidas no dorso, respectivamente na horizontal no alto, no centro e no pé da lombada; miolo com 288 páginas numeradas de 9 a 286; papel branco envelhecido, 20,2 x 14 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; f. 19, 20 e 22 com sinais de ferrugem decorrente do uso de clipe; sinais de fungo; 1-146.

Na folha de guarda (f. 2), no anverso, está: “Poesias”.

Na página de rosto, em preto, centralizado no alto, no centro e na parte inferior da página se lê: “MARIO DE ANDRADE/ POESIAS/ LIVRARIA MARTINS EDITORA/ São Paulo/ 1941”. No verso, está a relação de títulos: “OBRAS DO AUTOR/ Há uma Gota de Sangue em cada Poema... – poesia – 1917./ Paulicéia Desvairada – poesia – 1922./ A Escrava que não é Isaura – poética – 1925./ Losango Cáqui – lirismo – 1926./ Amar, Verbo Intransitivo – idílio – 1927/ Clan do Jabotí – poesia – 1927./ Macunaíma – rapsódia – 1928; 1937./ Ensáio sobre Música Brasileira – estética e folclôre – 1928./ Compêndio de História da Música – 1929; 1933; 1936./ Modinhas Imperiais – crítica e antologia – 1930./ Remate de Males – poesia – 1930./ Fraulein – Trad. ‘Amar, Verbo Intransitivo’ por M. Richardson Hollingsworth – 1933./ Belazarte – contos – 1934./ Música, doce Música – estudos – 1934./ O Aleijadinho e Alvares de Azevedo – ensaios – 1935./ A Música e a Canção Populares no Brasil – ensáio bibliográfico – 1936; in ‘Folklore Musical’, Inst. de Coopération/ Intellectuelle, 1939./ Cultura Musical – discurso – 1936./ O Samba Rural Paulista – folclôre – 1937./ Namoros com a Medicina – crítica e folclôre – 1938./ A Expressão Musical dos Estados Unidos – crítica – 1940./ Música do Brasil – história e folclôre – 1941./ A Nau Catarineta – folclôre – 1941./ Poesias – 1941.”.

A coletânea reúne a poesia de MA selecionada nos livros *Paulicéia desvairada*, (São Paulo: ed. do autor na Casa Mayença, 1922), *Losango cáqui ou afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão* (São Paulo: ed. do autor na Casa Editora Antonio Tisi, 1926), *Clan do Jaboti* (São Paulo: Estabelecimento Gráfico Eugenio Cupolo, 1927) e *Remate de Males* (São Paulo: ed. do autor no Estabelecimento Gráfico Eugenio Cupolo, 1930), a dois conjuntos inéditos de poemas “A costela do Grã Cão” e “Livro azul”. *Poesias* constitui-se de 3 partes. A primeira, “I. O estouro”, possui 10 poemas seguidos do oratório profano de *Paulicéia Desvairada* (“Inspiração”, “O rebanho”, “Paisagem nº 1”, “Ode ao burguês”, “O domador”, “Noturno”, “Tu”, “Paisagem nº 3”, “Colloque sentimental”, “Paisagem nº 4” e “As enfibraturas do Ipiranga”); 19 de *Losango Cáqui* (III. “Mário de Andrade”, V. “Escola! Sen...tido!”, IX. “Careço de marchar cabeça levantada.”, X. “Tabatinguera”, XIV. “O alto”, XV. “Abro a tua porta inda todo úmidô do orvalho da manhã”, XVI. “Conversavam”, XVIII. “Mário de Andrade, intransigente pacifista.”, XXI. “A menina e a cantiga”, XXIV. “A escrivaninha”, XXV. “Sou o ‘base’”, XXVII. “A menina e a cabra”, XXVIII. “Flamingo”, XXX. Jorobabel”, XXXI. “Cabo Machado”, XXXIII. Meu gôso profundo ante a manhã, XXIV. “Louvação da Emboaba Tordilha”, XLIII. “Desincorporados”, XLV. “Toada da esquina”). A segunda parte, “II. Prisão de luxo”, mostra 19 poemas de *Clã do jabuti*: “O poeta come amendoim”, “Carnaval carioca”, Rondó pra você”, “Sambinha”, “Moda dos quatro rapazes”, “Acalanto da pensão azul”, “Noturno de Belo Horizonte”, “Arraiada”, “Toada do Pai-do-Mato”, “Tempo das águas”, “Neste rio tem uma iara”, “Tostão de chuva”, “Lenda do céu”, “Coco do Major”, “Moda da cadeia de Porto Alegre”, “Moda da cama de Gonçalo Pires”, “Dois poemas acreanos”: I.

“Descobrimento”, II. “Acalanto do seringueiro”, além do inédito “Soneto do homem morto”. A eles se soma 41 textos de *Remate de Males*. São eles: “Eu sou trezentos”, “Danças”, assim como as partes “Tempo da Maria”, com sete títulos, “Poemas da negra” com 12, “Marco de viração” com 8 títulos e “Poemas da amiga” com 12 títulos. Em “Tempo de Maria estão “Moda do corajoso”, “Amar sem ser amado, ora pinhões!”, “Cantiga do ai”, “Lenda das mulheres de peito chato”, “Eco e o descorajado”, “Louvação da tarde” e “Maria”. Aos textos escolhido em os “Poemas da negra” se alinham “Não sei por que espírito antigo”, “Não sei si estou vivo”, “Você é tão suave”, “Estou com medo”, “Lá longe no sul”, “Quando”, “Não sei porque os tetéus gritam tanto essa noite”, “Nega em teu ser primário a insistência das coisas”, “Na zona da mata o canavial não”, “Há o mutismo exaltado dos astros”, “Ai os momentos de físico amor”, “Lembrança boa”; em “Marco de viração”, “Louvação matinal”, “Improviso do rapaz morto”, “As bodas montevidianas”, “A adivinha”, “Improviso do mal da América”, “Manhã”, “Momento”, “Pela noite!...” e em os “Poemas da amiga”, “A tarde se deitava nos meus olhos”, “Si acaso a gente se beijasse uma vez só”, “Agora é abril, ôh minha doce amiga”, “Ôh trágico fulgor das incompatibilidades humanas!”, “Contam que há nos fundos do Grão-Chaco”, “Nós íamos calados pela rua”, “(bis): ‘É uma pena, doce amiga’”, “Gosto de estar a teu lado”, “Vossos olhos são um mate costumeiro”, “Os rios, ôh doce amiga, este rios”, “A febre tem um vigor suave de tristeza”, “Minha cabeça pousa nos seus joelhos”. “A costela do Grã Cão”, comparece com: “Canto do mal de amor”, “Reconhecimento de Nêmesis”, “Mãe”, “Lundu do escritor difícil”, “Melodia moura”, “Momento”, “Toada”, “Grã Cão do outubro” com I. “Vinte e nove bichos”, II. “Os gatos”, III. “Estâncias”, IV. “Poema tridente”, V. “Dor”; “Quarenta anos”, “Momento”, “Brasão”, “Soneto”, “As cantadas”, “Luar do rio” e “Canção”, O “Livro azul” reúne as 10 partes do “Rito do irmão pequeno” (I. “Meu irmão é tão bonito como o pássaro amarelo”, II. “Vamos caçar cotia, irmão pequeno”, III. “Irmão pequeno, sua alma está adejando no seu corpo”, “Deixa pousa sobre nós dois, irmão pequeno”, “Há o sarcástico predomínio das matérias”, “Chora, irmão pequeno, chora”, “O acesso já passou. Nada trepida mais e uma acuidade gratuita”, “O asilo é em pleno mato, cercado de troncos negros”, “A cabeça desliza com doçura”, “A enchente que cava margem”), as 7 de “Girassol da madrugada” (“De uma cantante alegria onde riem-se as alvas uiaras”, “Diga ao menos que nem você quer mais desses gestos traiçoeiros”, “Si o teu perfil é puríssimo, si os teus lábios”, “Não abandonarei jamais de-noite as tuas carícias”, “Teu dedo curioso me segue lento no rosto”, “Os trens-de-ferro estão longe, as florestas e as bonitas cidades”, “A noite se esvai lá fora serena sobre os telhados”) e “O grifo da morte” (“Milhões de rosas”, “Retorno sempre”, “Mocidade parva”, “Quando o rio Madeira”, “Silêncio monótono”).

No final do volume, (f. 142-145), está o “INDICE”; o colofão historia: “Composto e impresso/ na/ TIPOGRAFIA CUPOLO/ à/ Rua do Seminário, 187/ São Paulo/ em Novembro/ de 1941.”. Na quarta capa vem: “TIPOGRAFIA CUPOLO/ Rua do Seminário, 187/ SÃO PAULO”.

O exemplar abriga:

Na folha de guarda (f. 2):

Nota MA: a tinta preta: “ Mário de Andrade/ Exemplar de Trabalho/ Erros tipográficos: p. 135;”.

P. 135, 165 (f. 69, 84):

Rasuras MA a tinta preta: correções a erros tipográficos.

P. 259 (f. 131):

Rasura MA a tinta vermelha: grifo nos versos 1 e 15 do poema “Rito do irmão pequeno”, do “Livro azul”.

P. 265 (f. 134):

Poema “Rito do irmão pequeno”:

Nota MA a tinta preta: “Depois do exercício maravilhoso da ami-/zade, com o nº X o poema conclue, no entan-/to, pessimistamente, afirmando a impossi-/bilidade, não exatamente de fraternidade,/ mas de identificação entre os homens. Depois/ do dilúvio próximo, os seres se separarão de/ novo em brancos e pretos, em fortes e fracos,/ em prepotentes e escravos./ Me parece curioso notar que me dando/ aparentemente a parte melhor, a dos brancos,/ dos chefes, eu me persigo em minha consciência/ de culpa, pois essa é a parte da humani-/dade que me é naturalmente odiosa, a cul-/pada dos desequilíbrios humanos. É fácil/ demais verificar que me dando, desde o ini-/cio do poema, a parte do mais forte ‘queixa do/ espírito sábio’, eu conclui logicamente me dando/ a parte do mais forte: os brancos. Ainda/ me parece precário reconhecer psicanaliticamente/ no último poema a auto-punição do burguês que/ se reconheceu culpado e se dá a parte odiosa. Eu/ creio que foi de um fundo mais longinquo, mais/ irracional que nasceu, não a lógica, mas/ justo a falta de lógica do último poema./ A ‘alma humilhada’ não me faria rúm,/ pois na realidade eu vivo uma vida mais perfeita, mais... chinesa, mais mística/ e ao mesmo tempo mais integrada na vida/ da natureza, durante todo o poema. Isso si/ tivesse lógica no poema. E vinha a apoteo-/se lírica: o irmão-pequeno sublimizado, dele/ surgindo os brancos, a alma humilhada, o/ espírito sábio vencido chafurdando nas es-/curidões./ Não. Se observe em principal a frieza/ ‘parnasiana’ do último poema nº X. Depois de/todo o lirismo sensível, caricioso, acariciante, quen-/te e misterioso dos outros poemas, uma ideia ní-/tida dita com nitidez, implacável. A paixão,/ o lirismo desapareceram. O poema sôa como/ um enunciado de verdade, uma fórmula/ matemática, em que não estou mais em mim./ O poema é independente de mim. E é de-fato/ feito por um outro. Tudo se modificou: ritmo,/ o próprio estilo da 1ª e última quadra. Durante/ todo a poema eu sou um espírito que sabe./ No nº X sou um espírito mandado. Por quem?”.

2. “Canção”, de “A costela do Grã Cão”. Poema. Exemplar de trabalho nas p. 253-254 extraídas de outro exemplar de *Poesias*. [São Paulo, 1941/1942?]

Autógrafo a tinta preta; 1 fôlio, papel branco envelhecido, 20,2 x 14 cm; escrita no anverso; f. 147.

Nota MA a tinta preta: “O problema estético desta Canção não me sa-/tisfaz assim como ficou. Todo o sentido do poe-/ma está nos dois versos do refrão, imitados da/ canção do ‘Figueiral Figueiredo’. O terminar o/ refrão numa quadrinha definitiva que veio/ aos poucos se construindo, é um bocado charro./ Parece uma obrigação que me dei. Ha duas so-/luções melhores: Inverter os elementos, botando/ a quadrinha do refrão na primeira vez que êste/ entra, conservar o terceto onde está e concluir a/ poesia apenas com o dístico do refrão legítimo;/ ou evitar a formação da quadrinha, deixando/ tudo como está e apenas da terceira vez, em vez/ da quadra repetir apenas o dístico do refrão. Mas/ de qualquer jeito não fica bom não. O poema con-/tinua me desgostando, deixando sensação de insu-/ficiência. Já fazia varios anos que tinha êsse/ refrão estourado dentro de mim. E estourou, me/ lembro, no tempo brabo do ‘Grão Cão do Outubro’,/ arre que outubro terrível, Santo Deus! Mas foi/ impossivel dar continuidade ao refrão. Nunca/ veio nada. Quando em dezembro de 40, arre que/ dezembro medonho, numa noiteinha pavorosamen-/te abatida saiu esta Canção inteirinha, o refrão/ se interpôs e achei que

com muita naturalidade./ Mas é certo que esta Canção nunca me deu a/ sensação de coisa acabada, qualquer coisa sempre/ me deixava em estado de insatisfação. Hoje es- /tou convencido que a intercalação do refrão/ não foi justa, não foi íntegra, não foi um esta- /do de poesia legítimo, mas um engano derivado/ do desejo que eu tinha de aproveitar êsse refrão,/ que me parece encantador. Foi este desejo que pro- /vocou a associação de ideias, aliás com todas as/ aparências de espontaneidade: Espera eterna – ausen- /cia de carinhos = solidão = na solidão solitude. Mas/ na verdade a vaidade me trapaceou. O refrão/ se lembrou a mim pelo desejo que eu tinha de/ o aproveitar. Mas o fato é que chegado êle, de- /pois de nascida a 1ª estrofe, a estrofe seguinte/ e consequentemente a terceira, derivaram da in- /tercalação dele. O poema sairia muito outro,/ estou certo, si eu não tivesse me enganado. E/ tudo se perdeu.”.

3. “Espelhos, Pireneus, Caiçaras”. Nota; autógrafo a tinta preta; 3 folhas de bloco, papel branco amarelecido, 14,5 x 10,4 cm; borda superior picotada; numeradas pelo escritor a partir da 2ª folha; f. [148],[149]: escrita na frente e no verso; f. [150], escrita no averso; sinais de ferrugem decorrente do uso de clipe; sinais de fungo; f. [148]-[150].

4. “Nestes poemas do Grã Cão de”. Nota; autógrafo a tinta preta; 1 folha de bloco, papel milimetrado branco amarelecido; 14,8 x 11,5 cm; borda superior picotada; escrita no averso e verso; sinais de fungo; f. [151].

5. “O Grifo da Morte”. Nota; autógrafo a tinta preta; 1 folha de bloco, papel milimetrado branco amarelecido, 14,7 x 11,5 cm; borda superior picotada; escrita na frente e no verso; sinais de fungo; f. [152].

6. “Aqui começam os poemas que Manuel Bandeira e Prudente de Moraes neto pre-”; provavelmente, trecho de carta; sem remetente; papel jornal, 16,4 x 21,9 cm; datiloscrito original; rasuras em autógrafo a tinta preta; sinais de fungo; f. [153].

7. “Obsessão”. Poema. [1941/1942?]/ 1921. Versão em exemplar de trabalho. ANDRADE, Mário de. Obsessão/(Inedito). Jornal não identificado, 1921; assinado “MÁRIO DE ANDRADE”.

Recorte de jornal; autógrafo a tinta preta sobre o texto impresso; papel amarelecido; sinais de fungo; f. [154].

Trecho: “Vem do escuro da noite o convite carnal das sovacas,/ Os negros remexem ardentes batendo umbigadas...”;

Rasura MA: acréscimo da nota de rodapé com expoente (1):

“(1) ou Socava como eu tinha escrito/ Porém está bom assim”.

8. “Assustado”. Poema. [1941/1942?]/ 1922.

ANDRADE, Mário de. Assustado/1922, (inedito). Jornal não identificado; assinado “Mario de Andrade”; papel amarelecido; sinais de fungo; f. [155].

Rasura MA: círculo vermelho ao lado do título.

9. Notas da pesquisa

9.1. As datas apostas ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura do texto. Por se tratar de hipóteses, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

9.2. O projeto acatou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta e a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

9.3. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

9.4. Em carta de 27 de junho de 1941 a Alphonsus de Guimarães Filho, MA focaliza o projeto de *Poesias*: “Que estão enfim prontas e hoje vou ver orçamentos pra publicação delas. Constarão de uma escolha de poemas dos livros já publicados e duas novas, uma terrível ‘Costela do Grã Cão’ muito brutal e pessoalmente detestável, e um ‘Livro Azul’, onde por minha própria crítica está o que de melhor fiz em poesia. Consta de três poemas, que você já conhece ‘O Rito do Irmão Pequeno’, saído na *Homenagem a Manuel Bandeira*. Terá mais um ‘Grifo da Morte’ e o ‘Girassol da Madrugada’ que tem de mais novo viver o prazer de amor, de após-sexo, livre já dos interesses da sexualidade. E desconfio está encerrado o capítulo poesia desta complexa vida minha. Capítulo dos mais torvos...”. (GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de, org. *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimarães Filho [de] Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Duas Cidades, 1974).

9.5. Em carta ao amigo Candido Portinari, em 7 de setembro de 1941, MA anuncia a publicação de *Poesias*: “Em outubro lhe mandarei as minhas *Poesias* que estou editando agora, pra você ter um ventinho de Brasil aí no seu apartamento de hotel.” (FABRIS, Annateresa, org. *Portinari, amigo mio: cartas de Mário de Andrade a Portinari*. Campinas/ São Paulo: Mercado de Letras - Editora Autores Associados/ Projeto Portinari, 1995, p. 92).

9.6. Em novembro do mesmo ano, MA confirma a publicação de *Poesias* ao amigo Newton Freitas: “Afinal, qual é seu endereço! é mesmo o que vai aqui? Mande dizer, por favor. Minhas *Poesias* saem no fim deste mês, porém não mandarei sem garantia de endereço certo. Fico esperando.”. (FREITAS, Newton, org. Correspondência de Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – USP*, São Paulo, nº 17, 1975, p. 96).

9.7. A impressão do livro, “Composto e impresso na Tipografia Cupolo à Rua do Seminário, 187 São Paulo em Novembro de 1941.”, foi paga pelo autor, mas para fins de distribuição, saiu com o nome da Editora Martins, conforme relata MA a Iolanda Leite Moraes, em carta de 7 de setembro de 1941: “[...] não consegui ninguém que me editasse as ‘Poesias’, agora em impressão. Eu mesmo as estou editando à minha custa, um sacrifício que irá para mais de quatro contos de réis. E para conseguir que alguma editora me distribua o livro, ele sairá com o nome da Livraria Martins, que, além do anúncio, levará 50% da venda, pelos sacrifícios de distribuição!”. Carta publicada no *Jornal do Brasil* em 24 de novembro de 1983, presente no fundo Carlos Alberto Passos no IEB-USP.

9.8. MA reconhece como exemplar de trabalho este em que se detém em erros tipográficos e em considerações sobre a própria criação ao analisar seus poemas “Rito do irmão pequeno” e “Canção”.

9.9. As notas “Espelhos, Pirineus, Caiçaras”, “Nestes poemas do Grã Cão de” e “O grifo da morte” (itens 3., 4. e 5.) ligam-se, respectivamente, ao primeiro poema de “Remate de Males”, “Eu sou trezentos”, ao “Grã Cão de outubro”, de “A costela do Grã Cão” e ao “O grifo da morte” do “Livro azul”.

9.10. Em 1943 MA está organizando o plano suas Obras Completas para a Livraria Martins Editora, de São Paulo, no qual o volume II é *Poesias completas*. Publicado postumamente em 1955, colige livros publicados e inéditos, apoiando-se nas 1^{as} edições e em manuscritos.

9.11. O projeto *Mário de Andrade na pesquisa e na crítica de artes plásticas, literatura e música através de seu arquivo*, sob orientação de Telê Ancona Lopez e financiamento do CNPq, em 1995, foi realizado por Tatiana Maria Longo dos Santos, a qual produziu a primeira classificação dos documentos.

Trajeto da criação:

1941

Em novembro, MA publica a 1^a edição de *Poesias*.

[1942?/1943?]

Correções a erros tipográficos e redação de considerações sobre a própria criação.

ANDRADE, Mário de (1893-1945)

Obra imatura

São Paulo: [1943?]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE

ARQUIVO: MÁRIO DE ANDRADE - IEB-USP

O dossiê composto pela pesquisa colige documentos no arquivo Mário de Andrade: versão dos textos em exemplar de trabalho na 2ª edição de *Primeiro andar* (apócrifa); notas de trabalho para 2ª edição de *Primeiro andar* em *Obra imatura*; conto “Caso em que entra bugre”, versão em exemplar de trabalho, extraído de exemplar da 1ª edição de *Belazarte* (São Paulo, Editora Piratininga, 1934) e de datiloscrito apógrafo do conto “Cocoricó”. Fólios numerados pela pesquisa: 1-128.

1. Versão em exemplar de trabalho na 2ª edição apócrifa de *Primeiro andar*. [São Paulo, 1943?]

ANDRADE, Mário de. *Primeiro andar: contos*. São Paulo, 2ª ed. Editora Piratininga S.A., 1932.

Brochura *in octavo*, costurada; capa bege com desenho colorido, assinada Technart e impresso em cinza: “Mario de Andrade/ Primeiro Andar/ contos”; em vermelho: “2ª EDIÇÃO/ EDITORA PIRATININGA S. A. - S. PAULO”; no dorso, título em preto no sentido esquerda>direita; autor e subtítulo “Contos”, na horizontal no alto e embaixo; miolo com 184 páginas numeradas de 4 a 181; papel branco envelhecido, 19,2 x 14 cm; bordas irregulares decorrentes da abertura dos cadernos com instrumento cortante; sinais de fungo; f. 1-96.

Folha de guarda não numerada. Na página de rosto, em preto, no alto, no centro e na parte inferior da página, se lê: MARIO DE ANDRADE/ PRIMEIRO/ ANDAR/ CONTOS/ 2.a Edição/ Ex-libris IGNI ILLVMINO/ ET AESTVO/ EDITORA PIRATININGA S/A/ RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 20-A/ S. PAULO 1932.

No final do livro, em folha não numerada: “INDICE/ Advertencia/ Conto de Natal/ Cocoricó/ Caçada de Macuco/ Caso Pansudo/ Por trás da Porta/ Galo que não cantou/ Eva/ Brasilia/ História com Data/ Moral Quotidiana/ O Bezouro e a Rosa”.

O exemplar abriga:

P. de rosto (f. 3):

Nota MA a tinta vermelha: “Dêste livro/ não se faz reedição/ em vida do autor./ É rúim demais./ S. Paulo, 17-XI-43/ Mario de Andrade”.

P. 7-181 (f. 7-94):

Rasuras a tinta preta ao longo das páginas refundem o texto: correções a erros tipográficos, acréscimos e supressões [São Paulo, 1943?]. MA exclui com cruzeta, os contos “Cocoricó” e “Por trás da porta”.

2. *Índice/ (ficha)*. Pasta contendo notas de trabalho. Capa revestida de tecido preto, retirada de caderneta, 22,6 x 16,1 cm; na face da primeira capa, sobre etiqueta danificada, 8,2 x 12,9 cm, autógrafo a lápis azul e vermelho: Índice/ ((fichas)) ; no verso da primeira capa, etiqueta “TYPOGRAPHIA BRAZIL/ ROTHSHILD & C.” de São Paulo; sinal de fungo no verso; f. 97, 122. A capa agrega:

2.1. Nota de trabalho: esquema “Projeto para uma se-/gunda edição do ‘Pri-/meiro Andar’/ Entrará o conto ‘Briga de Pastoras’/ =/ Sairá o ‘Bezouro e a Rosa’ que legitimamente pertence ao ‘Belazarte’/ =/ Entra a Advertência inicial/ =/ Conto de Natal e Cocoricó não entram/ =/ Entra o “Caso em que entra bugre”/ do Belazarte, que retirei deste/ =/ Entra ‘Os Sírios’/ = Entra ‘Primeiro de Maio’.”; autógrafo a tinta preta; 1 ficha de papel branco pautado, 10,2 x 15,3 cm; amarelecido; escrita perpendicular à pauta; marca de clipe que uniu este documento à *Nota para segunda edição* (f. 99-100); f. 98.

2.2. *Nota para a segunda edição*/ “Esta é realmente a segun-/da edição de ‘Primeiro An-/dar’. Si correm por aí/ algumas talvez centenas/ de exemplares com capa ^{nova}/ ilustrada e crismada/ ~~de~~ ‘2ª Edição’, é que o pro-/prietario da ~~iss~~ primeira/ ~~edição~~, fez isso por sua/ exclusiva conta, no desejo/ de desencilhar os exem-/plares que ~~he~~ restaram./ ~~Creio~~ ^{Imagino} que foi bem sucedido/ pois o livro acabou se esgo-/tando./ Para esta segunda edição/ verdadeira não pude mais/ me acomodar com a curio-/sidade falsa por mim/ que provocou a ^{composição da} primeira/ e está explicada na ‘Adver-/tência’

~~da primeira e~~ ^{que} conser-/vei aqui. Na verdade esta/ segunda edição é quase/ um livro novo./ Da primeira edição só ~~conservei~~ ^{guardei} os contos, por cu-/riosidade o mais antigo/ que não destruí, feito lá/ pelos vinte e um anos, ‘Con-/to de Natal’, e mais ‘Caçada/ de Macuco’, ‘Caso Pansudo’, ‘Galo/ que não cantou’, ‘Eva’,/ ‘Brasília’, ‘Historia com Da-/ta’. Foram retirados o hór-/rido ‘Cocoricó’ uma vergonha,/ e...ara! várias outras vergo-/nhas. Quanto a ‘O Bezouro e a Rosa’, pri-/meira historia que Belazarte me contou,/ desligou-se prazerosamente deste livro/ e tomou o seu justo lugar no ‘Belazarte’./ Em compensação ajuntei/ certos contos que vieram se/ compondo pela minha vi-/da. ~~E que, embora feitos em/ épocas várias de uma pos-/sível maturidade só posso/ atribuir.~~ São eles o ‘Caso/ em que entra bugre’ que já/ andou imiscuido falsamen-/te entre os contos de ‘Belazar-/te’ a que não pertencia ‘Bri-/ga de Pastoras’ e mais duas/ páginas que eu gosto ‘Os Si-/rios’ e ‘Primeiro de Maio’, bons/ pra os teóricos da nomencla-/tura me ensinarem que não/ são contos. São./ Eu sei que este não é livro/ fundamental para os que/ se interessem pela minha/ experiencia literária, mas eu/ espero que as modificações/ introduzidas o tornem mais/ divertido para os leitores ~~Em /bora a modéstia ... etc./~~ da Livraria Editora Martins, melhor/ garantia por que este livro se recomenda./ M de A./ S. Paulo, novembro de 1943/”. Autógrafo a lápis preto; 2 folhas soltas de bloco de bolso, papel branco envelhecido, 14,5 x 10,5 cm; numeração “2” no segundo fólio; furos e sinal de ferrugem decorrentes de alfinetes usados para prender as folhas; marca de clipe; escrita em frente e verso; redação em 2 etapas. Nota de Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo; a tinta preta, verso do segundo fólio (f. 100): “Copiado para o Volume I (Obra Imatura)/ em 28-1-58 –/ Eduardo”; f. 99-100.

2.3. *Obra Imatura* /“Talvez conservar o título acima e acres-/centar uma ‘bibliografia’ indicando que/ foram ajuntados certos contos escritos de/ afogadilho, ao leu da vida, e que a exi-/gência de publicação não permitiu que/ amadurecessem em mim.” Autógrafo a lápis preto e vermelho; escrita no verso; papel timbrado no anverso: “MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE/ INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO”; 1 folha solta de bloco, papel branco amarelecido, 23,1 x 16,5 cm; sinais de fungo; f. 101.

2.4. *Cocoricó*. Versão apogrãfa do conto de *Primeiro andar* [s.d]; datiloscrito de Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo; 20 folhas; papel branco amarelecido, 22 x 15,7 cm; escrita no anverso, páginas numeradas pelo datilógrafo: 11-30; folhas grampeadas; nota do datilógrafo a tinta preta: “Não entrou/ nas obras Completa/ de acôrdo com nota/ de Mario”; notas de terceiro a grafite; f. 102-121.

3. *Caso em que entra bugre*. Versão em exemplar de trabalho do conto, isto é, p. 65-76 extraídas da 1ª edição de *Belazarte* (São Paulo: Editora Piratininga, 1934) [São Paulo 1943?]

Autógrafo a tinta preta; 6 fólhos; papel branco envelhecido, 19,1 x 14 cm; f. 123-128.

P. 67 (f. 124):

Nota MA a tinta preta: “No mesmo tipo dos/ outros contos”.

P. 65-76 (f. 123-128):

Rasuras refundindo o texto, a tinta preta: correção a erro tipográfico, acréscimos e supressões [São Paulo, 1943?];

Notas de terceiros a lápis vermelho e a grafite: marcação de gráfica e renumeração das páginas, “117 a 128”.

4. Notas da pesquisa

4.1. As datas apostas ao título do manuscrito correspondem aos prováveis momentos de reescritura do texto. Por se tratar de hipóteses, foram adotados os colchetes e o ponto de interrogação.

4.2. O projeto acatou a classificação MA “exemplar de trabalho” para os manuscritos que apresentam, no processo criativo, a sobreposição do autógrafo do escritor, a tinta e a grafite, bem como a lápis colorido, ao texto impresso em livro ou em recorte de periódicos.

4.3. A vasta correspondência de MA oferece inúmeras situações que dizem respeito ao processo criativo do escritor, fornecendo excertos que convalidam estudos genéticos.

4.4. Com base na correspondência e em notas de trabalho do escritor, pode-se calcular que a versão no exemplar de trabalho date de 1943, quando ele está organizando suas Obras Completas para a Livraria Martins Editora, de São Paulo, cujo plano designa *Obra imatura*, como volume I, cuja publicação, prevista para 1944, em virtude da morte do escritor, em fevereiro de 1945, será em 1960. O projeto do livro reúne, nesta seqüência: *Há uma gota de sangue em cada poema, Primeiro andar*, “contos selecionados” e *A escrava que não é Isaura*, poética modernista (V. classificação do manuscrito do último, neste catálogo analítico). Não existem manuscritos de *Há uma gota de sangue em cada poema* que antecedem a versão no livro de 1917. A poética e os contos foram publicados sem incorporar integralmente a reescritura nos exemplares de trabalho. Em 2008, a nova publicação de obras de Mário de Andrade, protocolo de cooperação que une o IEB-USP e a Editora Agir do Rio de Janeiro, detentora dos direitos autorais do escritor, prepara a edição de *Obra imatura* com o texto apurado por Aline Nogueira Marques.

4.5. Ao estabelecer: “Deste livro não se faz reedição em vida do autor. É rúim demais. S. Paulo, 17-XI-43”, MA determina a não publicação de *Primeiro andar*, exceto no conjunto *Obra Imatura* nas Obras Completas da Livraria Martins Editora de São Paulo; a data indica o momento de preparação desta coletânea.

4.6. Ainda em 1943, MA traça o *Projeto para uma segunda edição do “Primeiro Andar”*: acrescenta a “Advertência inicial” e os contos “Briga de pastoras”, “Caso em que entra bugre”, “Os sírios” e “Primeiro de maio”; exclui “Cocoricó” e “Conto de Natal”; transfere “O bezouro e a Rosa” para *Belazarte* (Rio de Janeiro: Americ-Edit., 2ª ed., 1944). “Conto de Natal” não foi, contudo, por ele eliminado do exemplar de trabalho de *Primeiro andar*, onde, por meio de cruz a tinta preta são suprimidos “Cocoricó” e “Por trás da porta”.

4.7. *Obra Imatura*, nota no verso de folha timbrada, põe em cena o Instituto Nacional do Livro, criado em dezembro de 1937 por Gustavo Capanema, então dirigente do Ministério da Educação e Saúde, hoje Ministério da Educação e Cultura. Em carta ao amigo Paulo Duarte, em 17 de dezembro 1939, MA relata seu trabalho como

Consultor Técnico do Instituto. Trata-se do único documento com título *Obra imatura* e mostra a intenção do autor de redigir um texto explicativo para o livro.

4.8. Na versão de *Cocoricó*, a correção, por meio da repetição da letra X sobre a palavra transcrita com erro, ao fim da p. 18, mesmo sem se considerar a nota na caligrafia de Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo, indica a datilografia de terceiro, pois MA, sempre rasurava seus datiloscritos recorrendo à sobreposição do cifrão – \$.

4.9. “Caso em que entra bugre”, rasurado nas páginas arrancadas de exemplar da edição *princeps* de *Belazarte* (São Paulo: Editora Piratininga, 1934), foi preparado para se adaptar à configuração gráfica dos contos de *Primeiro andar*. As indicações, “INTERMEDIÓ/ IV/ 1929”, impressas junto ao título, na página de apresentação do conto, são anuladas a tinta preta por MA que transfere a data para o final do texto. As modificações no conto, elaborando uma versão em exemplar de trabalho/manuscrito datam, provavelmente, de 1943, momento em que o escritor organiza a *Obra imatura*. As folhas arrancadas de *Belazarte* haviam sido agregadas ao conjunto das provas do volume I das Obras Completas da Livraria Martins Editora, documentação paralela ao arquivo de MA. As provas da gráfica, foram datadas de janeiro de 1961, pelo cunhado do escritor, Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo. No intuito de montar o dossiê de *Obra imatura*, segundo o plano de MA, a pesquisa transferiu o manuscrito.

4.10. O exemplar da 2ª edição de *Primeiro andar* (São Paulo: Editora Piratininga, 1932) encontrava-se na biblioteca de MA, no IEB-USP. Por trazer nova versão dos contos, derivada de rasuras do escritor a tinta preta, as quais transformam o volume em exemplar de trabalho, isto é, em manuscrito, foi transferido da biblioteca para o arquivo de MA, onde figura atualmente no dossiê de *Obra imatura*, na série Manuscritos Mário de Andrade.

Trajetória da criação:

[1943?]

MA reescreve os textos dos contos em exemplar da 2ª edição de *Primeiro andar* (São Paulo: Piratininga, 1932) por meio de rasuras a tinta preta: correção a erro tipográfico, acréscimos, supressões e substituições, criando um exemplar de trabalho com vistas à *Obra imatura*, volume I das Obras Completas da Livraria Martins Editora de São Paulo. A coletânea uniria os contos a *Há uma gota de sangue em cada poema* e ao exemplar de trabalho de *A escrava que não é Isaura*. MA não monta, contudo, o dossiê dos documentos destinados a *Obra imatura*. Em 17 de novembro, adverte que *Primeiro andar* não deve ser reeditado fora da coletânea.

MA retira de um exemplar de *Belazarte* (São Paulo: Piratininga, 1934), o conto “Caso em que entra bugre”, cujo texto reescreve por meio de rasuras a tinta preta.

Traça o “Projeto para uma segunda edição do Primeiro Andar” e indica os títulos inseridos e excluídos da nova publicação.

Redige a nota “Obra imatura” (V. 2.3.) e em novembro, a “Nota para a 2ª edição de Primeiro andar” que ao lado da “Advertência inicial”, de junho de 1925, publicada na 1ª edição, situam e apresentam a obra ao leitor.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Mário de Andrade

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Martins; Brasília, INL, 1972.

_____. *Amar, verbo intransitivo*. São Paulo: Casa Antonio Tisi, 1927.

_____. *Amar, verbo intransitivo*. Ed. prep. por Telê Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

_____. *Amar, verbo intransitivo*. Estabelecimento do texto de Marlene Gomes Mendes. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*. Ed. genética e crítica de Telê Ancona Lopez. São Paulo: IEB/ Instituto Moreira Salles, 1994.

_____. *Belazarte*. São Paulo: Editora Piratininga, 1934.

_____. *Belazarte*. Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1944.

_____. Do conhecimento técnico. In: ALVARENGA, Oneyda, org. *Cartas: Mário de Andrade / Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 267-99.

_____. *Os contos de Belazarte*. Estabelecimento do texto de Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade, 1920-1921*. Ed. prep. por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Editora Senac São Paulo/SESC São Paulo, 2004.

_____. *Entrevistas e depoimentos*. Organização, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983, p. 93.

_____. *A escrava que não é Isaura*. São Paulo: Livraria Lealdade, 1925.

_____. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Editora Martins, 1943.

_____. *Os filhos da Candinha*. Edição anotada de João Francisco Franklin Gonçalves. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Há uma gota de sangue em cada poema*. São Paulo: Pocai & Comp, 1917.

_____. *Macunaíma o herói sem nenhum carácter*. São Paulo: Gráfica Eugenio Cupolo, 1928.

_____. *Macunaíma*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

_____. *Macunaíma*. São Paulo: Editora Martins, 1944.

_____. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica organizada por Telê Ancona Lopez, 2ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro/ Madrid/ Paris/ México/ Buenos Aires/ Lima: ALLCA XX, 1996. (Coleção Archivos/ UNESCO).

_____. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Estabelecimento do texto de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Obra imatura*. São Paulo: Editora Martins, 1960.

_____. *Poesias*. São Paulo: Editora Martins, 1941.

_____. *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.

_____. *Primeiro andar*. São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926.

_____. *Primeiro andar*. São Paulo: Editora Piratininga, 1932.

_____. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

_____. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

_____. *Vida Literária*. Ed. prep. por Sônia Sachs. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1993.

Obras sobre Mário de Andrade

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos & Mário*: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; apresentação e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. 1934/1945. Ed. prep. por Raúl Antelo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

_____. *Dicionário musical brasileiro*. Coord. Oneyda Alvarenga, 1982-84 e Flávia Camargo Toni, 1984-1989. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.

BORBA, José César e MOREL, Marco, org. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: EDART, 1971.

FABRIS, Annateresa, org. *Portinari, amico mio: cartas de Mário de Andrade a Portinari*. Campinas/ São Paulo: Mercado de Letras - Editora Autores Associados/ Projeto Portinari, 1995.

FREITAS, Newton (Apresentação e notas). Correspondência de Mário de Andrade. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – USP*, São Paulo, nº 17, 1975.

GONÇALVES, João Francisco Franklin. *Os filhos da Candinha: edição anotada do “exemplar de trabalho” da coletânea de crônicas de Mário de Andrade*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GRIECO, Agripino. “Belazarte”. In: *Gente nova do Brasil: veteranos – alguns mortos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 124. Artigo presente na mesma pesquisa de Diléa Zanotto Manfio.

GUARANHA, Denise. *A riqueza nas diferenças: edição fidedigna e anotada da Correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945)*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de, org. *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimarães Filho [de] Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy Ltda Editora, 2º vol. [1968].

KOIFMAN, Georgina, org. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto. 1924/1936*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LINS, Álvaro. “Ensaio”. *Jornal de Crítica*. 4ª série (Rio de Janeiro: José Olympio, 1946), citado por CAMPOS, Regina Salgado em “Max Fischer: um editor francês no Rio de Janeiro dos anos 1940”. *Palavra*, Departamento de Letras da PUC-Rio, nº 10, Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003.

MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *Manuscrito de outros escritores no arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo*. São Paulo: Linear B; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008. (Coleção Dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

MARQUES, Aline Nogueira. Uma história que Belazarte não contou. In: ANDRADE, Mário de. *Os contos de Belazarte*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

MENDES, Marlene Gomes. Diálogo Mário e “Tio Pio”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – USP*, São Paulo, nº 36, p. 190-243, 1994.

_____. Nos caminhos de um livro. In: ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: Edusp/IEB, 2001.

MORAES, Rubens Borba. *Lembrança de Mário de Andrade – 7 cartas*. São Paulo, 1979.

SILVEIRA, Tasso da. “*Belazarte*”. *Festa: revista de arte e pensamento*. 2ª fase, a. 1, nº 4, Rio de Janeiro, out. 1934.

Crítica genética, modernismo no Brasil

BATISTA, Marta Rossetti, LIMA, Yone Soares, LOPEZ, Telê Porto Ancona, orgs. *Brasil: 1º tempo modernista – 1917/29*. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1972.

BOAVENTURA, Maria Eugênia, org. *22 por 22: A Semana de Arte Moderna Vista por seus contemporâneos*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2005.

FARGE, Arlette. *Le goût de l'archive*. Paris: Seuil, 1986.

GRÉSSILON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

LOPEZ, Telê Ancona. A Biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. In: ZULAR, Roberto, org. *Criação em processo. Ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. A criação literária na biblioteca do escritor. *Ciência e Cultura*. São Paulo, a. 59, nº 1, jan./fev./mar. 2007, p. 33-37.

_____. Leituras e criação: fragmentos de um diálogo de Mário de Andrade. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. São Paulo, nº 15, 2007, p. 62-95.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2000.

PINO, Claudia Amigo, org. *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas/Capes, 2007.

_____ e ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética*. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3ª ed. rev. São Paulo: Educ, 2008.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos Modernos: princípios e técnicas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ZULAR, Roberto, (org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/Capes/FAPESP, 2002.

WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras 1999.

Obras sobre arquivística e Catálogos

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LIMA, Yêdda Dias e REIS, Zenir Campos, (coords.). *Catálogo de manuscritos do Arquivo Graciliano Ramos*. São Paulo: Edusp, 1992.

LOPEZ, André Porto Ancona. *Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa*. São Paulo: AESP/IMESP, 2002 (Projeto Como Fazer nº6).

PENNA, Christina Scarabôto. *A construção de um catálogo Raisonné*. In: www.universia.com.br/html/materia/materia_ffcj.html. Acesso em: 12 Ago 2007.